

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**ANA CARINE CERVA**

**CONSTRUÇÃO, RECONSTRUÇÃO E DISPUTA  
PELA MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE ÉTNICA  
NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA DO RIO GRANDE DO SUL:  
DISTRITO CAXIENSE DE VILA SECA**

Porto Alegre

2014

**ANA CARINE CERVA**

**CONSTRUÇÃO, RECONSTRUÇÃO E DISPUTA  
PELA MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE ÉTNICA  
NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA DO RIO GRANDE DO SUL:  
DISTRITO CAXIENSE DE VILA SECA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Karl Martin Monsma

Porto Alegre

2014

### CIP - Catalogação na Publicação

Cerva, Ana Carine

Construção, reconstrução e disputa pela memória coletiva e identidade étnica nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul: distrito caxiense de Vila Seca / Ana Carine Cerva. -- 2014.  
158 f.

Orientador: Karl Martin Monsma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Memória Coletiva. 2. Identidade Étnica. 3. Fronteiras Étnicas. 4. Efervescência Geral. 5. Religiosidade. I. Monsma, Karl Martin, orient. II. Título.

**ANA CARINE CERVA**

**CONSTRUÇÃO, RECONSTRUÇÃO E DISPUTA  
PELA MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE ÉTNICA  
NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA DO RIO GRANDE DO SUL:  
DISTRITO CAXIENSE DE VILA SECA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada com Voto de Louvor em 09 de abril de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Karl Martin Monsma – UFRGS - (Orientador)

---

Profa. Dra. Raquel Andrade Weiss – UFRGS

---

Prof. Dr. Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira - UFPR

---

Prof. Dr. Ruben George Oliven - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Então, chega o momento de agradecer a todas as pessoas e instituições que colaboraram direta ou indiretamente à pesquisa que aqui se conclui.

Nesse momento, há uma pessoa em especial, sem cuja participação constante, far-se-ia mais árduo, ainda, esse trabalho. Meu estimado marido Flavio Freire, companheiro de trabalhos de campo, de pesquisas e aquisições de obras, inclusive, obras raras, as quais se fizeram indispensáveis à contextualização da historiografia rio-grandense. De forma incansável prestou assessoria constante como motorista, fotógrafo e filmador dos trabalhos de campo, além de se mostrar interessado mediador das ideias por mim compartilhadas.

Agradeço profundamente a meu filho Vinícius o zeloso trabalho de gravações de quase cinco horas de áudio, das Entrevistas Narrativas, bem como pela paciência com que administrou as minhas ausências.

Dou meus agradecimentos ao meu orientador Karl pelo seu aceite em prestar-me orientação para este trabalho, pelas suas indicações bibliográficas, pelas sugestões e críticas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, bem como pela tranquilidade na forma de conduzir seus orientandos.

Ao Programa de Pós Graduação em Sociologia, em especial a sua secretaria Regiane pelo zeloso trabalho de assessoria prestado ao corpo discente e docente deste Programa.

À professora Raquel Weiss pela forma admirável como conduz o Grupo de Pesquisas e Estudos Durkheimianos e Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS, às suas colaborações a minha pesquisa.

A minha amiga Tielle pelos mapas elaborados para esta pesquisa, pelo seu incentivo e força prestados. Com muito carinho demonstro minha gratidão à sua parceria e admiração à sua determinação e profissionalismo.

À comunidade do distrito Vila Seca pela confiança em meu trabalho, por abrir as portas de suas residências e receber-me de forma tão gentil, hospitaleira e prestativa. Agradeço-lhes o compartilhamento das lembranças e esquecimentos de suas histórias de vida que se fundem à história da comunidade. Devido a vocês, tornou-se possível esta pesquisa.

À senhora Eveny Maria Soares Dany pelo interesse em colaborar, da melhor forma possível, com a pesquisa, tanto por receber-me em sua casa, quanto pelo precioso

material fornecido, como pelas ligações à minha residência a cada material novo que conseguia.

Ao senhor Antonino Rabello e sua família, especialmente, a Sandra, sua filha, pela gentileza com que recebia as minhas visitas e pela lembrança em convidar-me para o almoço beneficente em homenagem a seu pai.

Agradeço ao senhor Lindomar Alves Mendes a colaboração valiosa à pesquisa: sua tarefa como pesquisador das tradições, crenças e ritos das comunidades dos Campos de Cima da Serra engrandeceram este trabalho.

Agradeço, ainda, ao senhor Luiz Antônio Alves a exposição oral da história de formação das comunidades dos Campos de Cima da Serra, bem como as obras fornecidas à pesquisa.

À Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, especialmente à Coordenadora da Rede de Pontos de Cultura, setor de Assessoria de Objetivos e Metas da Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, senhora Elaine Pasquali Cavion, meus agradecimentos pelas informações prestadas sobre os Pontos de Cultura do município de Caxias do Sul.

Aos meus pais por me mostrarem, ao longo de suas vidas, que nossas escolhas dependem, na maioria das vezes, de caminhos árduos, sem os quais não atingiríamos as nossas metas.

Aos meus enteados pela paciência que tiveram em acompanhar esses dois anos de profunda dedicação à pesquisa.

Aos meus irmãos Davi e Cris e a minha cunhada Camila pelo incentivo prestado nos momentos difíceis.

Ana Carine

Há, portanto, na religião algo de eterno que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu. Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade.

Émile Durkheim

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a memória coletiva e a etnicidade da comunidade distrital de Vila Seca, incluída em situação rural, localizada nos Campos de Cima da Serra da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, no município de Caxias do Sul. Na última década, esta localidade mostra-se palco da instalação de uma barragem para fins de captação de água potável à população de Caxias do Sul. Em meio a um contexto de limitações de usos do solo da região, moradores buscam formas de potencializar recursos materiais e simbólicos para a comunidade. Convém destacar que a localidade foi perpassada por atividades tropeiras em finais do século XIX e meados do século XX, o que lhe conferiu a caracterização de pouso a tropeiros. Por parte dos moradores do distrito de Vila Seca, compreende-se que sua identidade étnica originou-se de populações imigrantes luso-açorianas, diferenciando-se, assim, da identidade majoritária de seu município, conhecida pela sua italianidade. Nesse contexto, observa-se uma organização social responsável pela manutenção das fronteiras étnicas e realce de sinais diacríticos, em um processo contínuo de dicotomização entre o “Nós” em oposição a “Eles”. Evidenciam-se por parte da comunidade momentos de efervescência coletiva, relacionados às festas distritais. Nas festividades, demonstram-se tanto a religiosidade da comunidade na devoção ao Divino Espírito Santo quanto o cultivo dos hábitos de homem do campo.

**Palavras-chave:** Memória Coletiva, Etnicidade, Fronteiras Étnicas, Efervescência Coletiva e Religiosidade.



## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the collective memory and ethnicity of the community in the district of Vila Seca, which is located in a rural area in the Campos de Cima da Serra region of the upper Northeastern slopes of the state of Rio Grande do Sul, in the municipality of Caxias do Sul. In the last decade, this location became the location for the installation of a dam to provide drinking water to the population of Caxias do Sul. In a context of limitations on land use in the area, residents seek ways to raise the potential of material and symbolic resources for the community. It should be emphasized that many mule trains passed through that region in the late nineteenth and mid-twentieth century, which gave it the character of a rest stop for mule drivers. Through interviews with the residents of the district of Vila Seca, it is possible to understand that their ethnic identity originated from Portuguese-Azorean immigrant populations, thus differing from the identity of the majority of their municipality, well known for its Italian identity. In this context, there the social organization of the district maintains ethnic boundaries and highlights diacritical signs of identity, enhancement of in a continuous process of dichotomization between "Us" and "Them". The community displays moments of collective effervescence, related to the district festivals. These festivities manifest both religious devotion to the community's patron saint, the Divine Holy Spirit, and the cultivation of rural customs.

**Keywords:** Collective Memory, Ethnicity, Ethnic Boundaries, Collective Effervescence and Religiosity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. ETNICIDADE, MEMÓRIA COLETIVA, ETNOGÊNESES E ESPAÇO SOCIAL ....</b>	<b>16</b>
1.1 MEMÓRIA COLETIVA.....	16
1.1.1 A efervescência geral e as representações coletivas.....	21
1.1.1.1 <i>Manifestações de Efervescência Coletiva na comunidade vila-sequense</i> .....	24
1.2 ETNICIDADE.....	<b>27</b>
1.2.1 Identidade Étnica e as Etnogêneses.....	29
1.2.1.1 <i>Manifestações da identidade étnica na comunidade vila-sequense</i> .....	39
1.3 ESPAÇO SOCIAL .....	46
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>47</b>
2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	47
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EMPÍRICO.....</b>	<b>57</b>
3.1 CAXIAS DO SUL.....	57
3.2 VILA SECA.....	63
<b>4. O TROPEIRISMO NO EXTREMO MERIDIONAL DO BRASIL .....</b>	<b>76</b>
4.1 DO FENÔMENO DO TROPEIRISMO À POVOAÇÃO .....	77
<b>5. POPULAÇÕES DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA .....</b>	<b>83</b>
5.1 DINÂMICA DE OCUPAÇÃO POPULACIONAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA .....	<b>83</b>
5.1.1 População indígena.....	83
5.1.2 População de ascendência africana .....	85
5.1.3 População açoriana.....	90
5.1.4 Os Tropeiros.....	93
5.1.5 Populações alemãs, polonesas e italianas .....	98
<b>6. RELIGIÃO E IDENTIDADE .....</b>	<b>104</b>
6.1 PARA UMA SOCIOLOGIA DAS FESTAS DO DIVINO .....	104
6.1.1 Festa do Divino Espírito Santo de Vila Seca.....	105
6.1.2 Origens da Festa do Divino: signos e papéis.....	112
<b>7. MEMÓRIAS DA COMUNIDADE .....</b>	<b>117</b>
7.1 ETNICIDADE E ETNOGÊNESES.....	119
7.2 PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DISTRITO .....	130
7.3 SEGREGAÇÃO RACIAL.....	135
7.4 FESTAS DO DISTRITO E EFERVESCÊNCIA COLETIVA.....	136
7.5 PONTO DE CULTURA: VILA SECA EM CULTURA .....	138
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a temática dos fenômenos da *etnicidade* e da *memória coletiva* do distrito de Vila Seca, área rural do município de Caxias do Sul, Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Busca-se compreender em que medida a *etnicidade* e a *memória coletiva* podem constituir-se em uma relação dialética entendida como uma construção simbólica, uma disputa por recursos e um estatuto de poder acionado pela comunidade.

Subsidia-se do estudo contemporâneo da *Teoria da Etnicidade*, a qual aborda a identidade étnica como uma construção social permeada por critérios de pertencimento. Segundo Barth (1969), o contato interétnico entre grupos possibilita uma atribuição tanto endógena quanto exógena, bem como a seleção e o realce de traços diacríticos e a definição de fronteiras étnicas (POGTIGNAT; STREIFFENART, 1997). Busca-se, também, a partir do acionamento à memória coletiva, dados ou noções comuns que se integram à identidade social da comunidade em estudo.

Pensa-se que o espaço social rural, além da produção de *commodities* agrícolas, pode apresentar-se como um lugar de auto identificação e autovalorização de identidades étnicas. Observa-se em um município predominantemente urbano, ou seja, com mais de 96% de sua população residindo em situação urbana, a recriação de um passado rural do Rio Grande do Sul, centrado da figura mítica do gaúcho (OLIVEN, 2006, p 210-11). Destaca-se o fato de os Campos de Cima da Serra representarem a maior proporção de entidades tradicionalistas em relação à população no Rio Grande do Sul, conforme Oliven (2006, p. 128).

Contextualiza-se, ainda, que o território brasileiro compõe-se por seis biomas diferenciados, sendo que o Estado do Rio Grande do Sul possui dois, o bioma Campos, com um percentual aproximado de 63% da área total ocupada, e o bioma Mata Atlântica, com 37% (IBGE, 2004). O distrito de Vila Seca possui considerável biodiversidade por inserir-se numa região integrada ao bioma Mata Atlântica. Seu ecossistema constitui-se pelos Campos de Cima da Serra e pela Floresta Ombrófila Mista, que se compõe de um mosaico de campos e floresta de *Araucária Angustifolia*.

O fato de Vila Seca localizar-se em uma zona de transição entre a Colônia e os Campos de Cima da Serra pode contribuir para a análise das fronteiras étnicas

dos grupos sob a perspectiva da dicotomização entre nós/eles, uma vez que se observa uma constante organização social étnica que visa reforçar os sinais diacríticos entre o grupo minoritário vila-sequense e o grupo majoritário caxiense. As fronteiras étnicas mostram-se “menos permeáveis” quando identidades étnicas, em interação, confrontam-se com grupos que apresentam atividades econômicas distintas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 155).

No caso em estudo, as identidades em convívio relacionam-se com o as atividades econômicas do colono italiano, fundamentadas na agricultura, indústria e serviços e nas atividades econômicas do homem do campo, abalizadas na pecuária. Segundo as narrativas de moradores da região, os Campos de Cima da Serra foram ocupados, inicialmente, por descendentes de luso-açorianos, tropeiros, afro-brasileiros, além das populações indígenas presentes ali antes da chegada dos demais grupos sociais.

Convém destacar aqui a questão da religiosidade da comunidade de Vila Seca, uma vez que as populações luso-açorianas que se deslocaram de Santo Antônio da Patrulha e Laguna, para ocupar os Campos de Cima da Serra, trouxeram consigo a fé ao Divino Espírito Santo. Logo, os debates estabelecidos nesta pesquisa serão mediados tanto pela corrente teórica do pensamento de Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, quanto pelas considerações de Vitor Turner em suas análises sobre *O Processo Ritual*.

Outra peculiaridade do distrito de Vila Seca refere-se ao fato de localizar-se em uma área úmida, chamada “Zona das Águas”. Essas áreas têm como funções a captação e acumulação de água para o abastecimento público de Caxias do Sul, das agroindústrias e a dessedentação de animais. Os distritos inseridos na “Zona das Águas” necessitam adotar medidas específicas, conforme dispõem a legislação municipal vigente - Lei nº 246/2005<sup>1</sup>. Vale registrar que o distrito em investigação mostra-se palco da instalação do Sistema Marrecas<sup>2</sup>, para fins de abastecimento de

---

<sup>1</sup> A Lei nº 246/2005 estabelece conceitos e funções da Zona das Águas (ZA) – bacias de captação e acumulação de água para o abastecimento do município de Caxias do Sul, disciplina o uso e parcelamento do solo para estes espaços e dá outras providências.

<sup>2</sup> Sistema Marrecas é um empreendimento da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul em parceria do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE). Seu objetivo consiste em atender à demanda de água potável a 250 mil caxienses para as próximas décadas. A obra compõe-se por uma barragem, localizada no Arroio Marrecas (distrito de Vila Seca), uma Estação de Bombeamento de Água Bruta (EBAB), uma Estação de Tratamento de Água (ETA), quilômetros de adutoras de água bruta e tratada, além do reservatório de chegada. O município ainda possui outras barragens: Maestra, Dal Bó, Samuara e Faxinal, que são os atuais mananciais de abastecimento público, todavia

água potável à população do município de Caxias do Sul. Neste contexto, vêm surgindo, na última década, movimentos de organização social étnica, possivelmente relacionados às restrições de uso do solo.

A instalação do Sistema Marrecas no distrito de Vila Seca para o abastecimento de água a cerca de 250 mil caxienses nos próximos anos retrata um fenômeno presente das metrópoles brasileiras, o crescente processo de urbanização dos municípios e a necessidade de investimentos em infraestrutura e prestação de serviços para o atendimento das demandas internas dessas cidades. Para uma contextualização desse fenômeno, serão tratados os aspectos demográficos de Caxias do Sul e Vila Seca no terceiro capítulo deste estudo.

Convém ressaltar, ainda, que o distrito de Vila Seca possui um núcleo urbano, o qual compreende a prestação de serviços básicos de educação, saúde, serviços e comércio que atendem a população local. Portanto, toda a organização social destinada às festas étnicas e religiosas do distrito mobiliza as questões de *etnicidade* e religiosidade compreendidas mais pelo seu aspecto subjetivo do que pelo material, uma vez que o distrito não se encontra, atualmente, em condições estruturais de abranger um ponto de turismo rural.

Por conseguinte, a presente pesquisa tem como *problema* de investigação as seguintes questões: como a *memória coletiva* é construída, reconstruída, colocada em disputa dentro do espaço social de lutas simbólicas nas quais a população vila-sequense se insere? Quais fatores motivam a *recuperação cultural* da identidade do distrito de Vila Seca? Que processos, ou seja, atores e instituições estão envolvidos na organização social étnica do grupo? Quais signos estão relacionados aos fenômenos da *memória coletiva* e *etnicidade* do grupo? Como o fenômeno da *efervescência geral* se manifesta em Vila Seca ao longo de sua história?

No caso empírico em análise, tem-se como *objetivo geral*:

- Analisar como a *memória coletiva* é construída, reconstruída, colocada em disputa dentro do espaço social de lutas simbólicas nas quais a população vila-sequense se insere.

---

atingiram o limite de capacidade de fornecimento de água para fins diversos, principalmente, para o consumo humano do município de Caxias do Sul (UCS, 2008). A inauguração do Sistema Marrecas ocorreu em 21 de dezembro de 2012 e contou com a presença da presidente da República Dilma Rousseff (SEREFINI, 2012).

Quanto aos *objetivos específicos* busca-se:

1. Avaliar como se apresentam as *representações coletivas* estabelecidas nos momentos de *efervescência geral* ao longo da história do distrito de Vila Seca;
2. Elencar signos relacionados ao fenômeno da *identidade étnica* do distrito de Vila Seca;
3. Identificar quais fatores motivam a *recuperação cultural* da *identidade étnica* distrito de Vila Seca;
4. Analisar os processos sociais: atores e instituições envolvidos no fenômeno da construção, reconstrução e disputa da memória, bem como as posições e papéis destes atores no *espaço social* investigado.

O estudo *justifica-se* pelo ponto de vista metodológico como uma corrente de pensamento sociológico relacional a qual compreende a realidade social voltada não à substância, mas a relações. Nesse contexto, compreende-se que as *representações sociais* entre os agentes serão analisadas num *espaço social* de lutas simbólicas, lutas de classificações sociais, de rótulos (GOODMANN apud BOURDIEU, 2004, p. 165).

Pelo ponto de vista acadêmico, o “estado da arte” da temática investigada demonstra a escassez de pesquisas na área sociológica sobre a *memória coletiva* e *etnicidade* luso-açoriana e tropeira no Rio Grande do Sul.

Pelo ponto de vista pragmático, propõe-se subsidiar Políticas Públicas na região em estudo, bem como em regiões com características similares. Um exemplo dessas políticas é o Programa Pontos de Cultura, no qual o distrito foi eleito no ano de 2010.

Apresentam-se como *hipóteses* da pesquisa as seguintes proposições:

Conforme o pensamento de Pollak (1989), este estudo analisa a *memória coletiva* do distrito de Vila Seca como uma *memória coletiva* subterrânea, como algo “luso-açoriano e tropeiro” se comparada a uma *memória coletiva* majoritária de Caxias do Sul (RS), vista como algo “italiano”. Esta é associada à prosperidade econômica e visibilidade cultural do município; aquela, associada a comunidades da zona rural, que se localizam nos Campos de Cima da Serra, as quais cultivam e realçam sinais diacríticos de uma cultura campeira e forte coesão social impulsionada pela fé no Divino Espírito Santo.

Entende-se a *memória coletiva* de grupos étnicos, por um lado, enquanto um fenômeno de *recuperação cultural*, segundo Bartolomé (2006) e, por outro lado, consolidada em lembranças de colonização e imigração, que mantêm uma crença subjetiva na procedência comum (WEBER, 2000). Compreende-se como “funções essenciais” do fenômeno da memória a busca da manutenção da coesão interna e a delimitação de fronteiras étnicas dos grupos (POLLAK, 1989).

Compreende-se, ainda, segundo Pollak (1989), que as memórias subterrâneas, possivelmente, emergem em momentos de crise. Nestes períodos, a memória ingressa numa disputa, a qual pode proporcionar conflito e competição entre memórias concorrentes. Portanto, em meio à instalação de barragens para acumulação de água na zona rural do município, demandada pela evolução acentuada do crescimento populacional na zona urbana, observa-se a organização do fenômeno da *etnicidade*. Neste contexto, a construção, reconstrução e disputa da *memória coletiva* do distrito pode ser compreendida, tanto do ponto de vista simbólico, para organizar de modo significativo o mundo social, ou seja, o sentimento de pertença; como do pragmático, para o alcance de direitos políticos e bens materiais.

A *memória coletiva* mostra-se um fator importante do sentimento de continuidade e coerência da pessoa e do grupo neste processo constante de reconstrução de si (POLLAK, 1992). A construção da *etnicidade* é um fenômeno relacional que se produz em relação ao outro. A escolha dos traços culturais de realce ou saliência é compreendida dentro de um campo de inter-relações, no qual se encontram organizadas categorias étnicas contrastantes (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011; BARTH, 1969).

Admite-se a possibilidade de que os agentes envolvidos no processo atual de organização social étnica sejam dotados de um volume significativo de capital social, no espaço social de Vila Seca. Assume-se que o capital social torna-se importante aspecto para o alcance dos objetivos de mobilização do fenômeno da *etnicidade* no distrito em investigação.

O *procedimento metodológico* utilizado para a compreensão do objeto construído subsidiou-se de uma pesquisa qualitativa espacialmente demarcada pelo distrito Vila Seca, zona rural do município de Caxias do Sul, enquanto temporalmente delimitada pela *memória coletiva* e manifestações culturais expressas no momento presente. Todavia, a *memória coletiva* da comunidade é

contextualizada por pesquisa documental. Convém ressaltar que o segundo capítulo irá detalhar os Procedimentos Metodológicos desta pesquisa.

Por conseguinte, o estudo foi distribuído em sete capítulos, além da introdução. O primeiro capítulo tratará dos componentes conceituais, tendo como foco os conceitos de *etnicidade*, *memória coletiva*, *etnogênese* e *espaço social*. A segunda parte discorre sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa. O terceiro tópico aborda as questões relacionadas à caracterização do ambiente empírico: Vila Seca e Caxias do Sul. A quarta seção discorre sobre o povoamento do Rio Grande do Sul a partir dos “Caminhos das Tropas”. O quinto item trata das dinâmicas das populações dos Campos de Cima da Serra. O sexto capítulo dialoga com os aspectos da religião e identidade do distrito Vila Seca com o Divino Espírito Santo. O sétimo ponto procura relacionar as *memórias coletivas* da comunidade em processo de construção, reconstrução e disputa. Por fim, nas considerações finais apontam-se as relações entre as hipóteses e a pesquisa desenvolvida. Procura-se, ainda, mostrar aspectos relevantes da identidade e *memória coletiva* de uma comunidade rural inserida na segunda cidade mais populosa do Rio Grande do Sul.

Convém destacar que foram utilizadas, para ilustrar a *memória coletiva* e a identidade étnica da população de Vila Seca, cópias fotográficas de época, com prévia autorização, doadas pelas famílias entrevistadas, bem como pelo acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Ainda, durante os trabalhos de campo foram feitos registros fotográficos dos desfiles étnicos, Festa do Divino Espírito Santo, Cavalgada do Divino, Festa do Pinhão, bem como dos lugares de memórias da população vila-sequense, as quais serão apresentadas durante o estudo.



## 1. ETNICIDADE, MEMÓRIA COLETIVA, ETNOGÊNESES E ESPAÇO SOCIAL

### 1.1 MEMÓRIA COLETIVA

Este capítulo tratará da memória do distrito de Vila Seca a partir de sua construção social pela comunidade, ou seja, da *memória coletiva* do grupo. Serão tratadas as concepções sociológicas presentes nos estudos de Halbwachs, discípulo de Durkheim. Ainda, serão discutidas as abordagens conceituais de Assmann a respeito da memória comunicativa e da memória cultural. O estudo também tratará das ideias de Confino contidas na obra “Collective Memory and History: Problems of Method”, as quais concebem a memória como um estudo sobre a mentalidade coletiva e exploração da identidade comum que une o grupo. Por fim, serão utilizadas as análises sobre “memórias subterrâneas” presentes nos estudos de Michel Pollak.

No final do século XIX, laboratórios de psicologia experimental direcionam seus estudos sobre a temática da memória através de perspectivas quantitativas. O psicólogo alemão Hermann Ebbinghaus<sup>3</sup> realiza investigações para avaliar a capacidade de memorização de cada indivíduo. Ele emprega o termo memória como um conjunto de atividades atribuídas à mente, tais como aprendizado, retenção, associação e reprodução.

No mesmo período, o filósofo Henri-Louis Bergson publica a obra *Matéria e Memória, Ensaio sobre a Relação entre Corpo e Espírito* (1897), com o pressuposto de que a memória não é uma mera função mecânica do cérebro ou do sistema nervoso. Pode-se compreender a teoria *bergsoniana* através de uma defesa da memória enquanto instituição humana, em contraposição aos estudos de caráter biológicos, os quais propunham reduzi-la a questões levantadas pelos filósofos a respeito da natureza da memória. Bergson, apesar de se distanciar da doutrina que fazia da memória uma função mecânica das atividades cerebrais, não refutava o componente material e biológico da memória (SANTOS, 2012, p. 52).

Ao confrontar os estudos sobre memória individual com as novas abordagens sobre a memória coletiva surge a dimensão de temporalidade. A questão temporal

---

<sup>3</sup> Ebbinghaus publica em 1885 na Alemanha a obra *Über das Gedächtnis. Untersuchungen zur experimentellen Psychologie*, traduzido para inglês em 1913, com o título: *Contribution to Experimental Psychology*.

pode ser vista quando Bergson faz distinção entre duas memórias, uma relacionada ao conhecimento e aprendizado, adquirida com o passar do tempo, ligada às atividades cotidianas, uma memória espontânea. E outra, atrelada ao ato de recordar, ou seja, a recuperação de imagens do passado em um momento preciso do presente conforme a vontade de quem lembra (BERGSON, 1985, p. 85-96 apud SANTOS, 2012, p. 88-89).

Para o filósofo, as duas memórias indicam a existência de uma experiência anteriormente adquirida. Ele acreditou em um fluxo ou estado puro de consciência, com uma duração, desatrelada da linguagem e da razão, com seus mecanismos espaciais e quantitativos. Bergson trabalhou com a concepção de *durée*, uma dimensão temporal complexa, que não pode ser medida por equação física, ou criação subjetiva, mas compreendida segundo uma experiência vivida em um momento inerente há um tempo. A linguagem não seria capaz de traduzir o reino da *durée*, mas este se encontraria acessível à memória. O filósofo procurou representar a atualização de imagens, pela figura de um cone colocado sob um plano, ou seja, a possibilidade de atualização de imagens passadas no presente (SANTOS, 2012).

Todavia o sociólogo Maurice Halbwachs negou a possibilidade de que a reconstrução de qualquer aspecto do passado estivesse atrelada ao corpo, mas sim à sociedade. Nas primeiras décadas do século XX, estudos sobre a memória permitiram romper com a separação entre memória e sociedade, na medida em que definiram a memória como uma construção social. A mudança de abordagem aos estudos sobre a memória, nas áreas como psicologia e filosofia, deveu-se ao sociólogo Maurice Halbwachs e ao psicólogo britânico Frederic Charles Bartlett.

Após ser aluno de Bergson, no Liceu Henri IV, Maurice Halbwachs aproximou-se de intelectuais que se organizavam em torno do sociólogo francês Émile Durkheim. Evidencia-se essa constatação por Jean Duvignaud no prefácio do livro de Halbwachs (2012) *A memória coletiva*, quando o autor afirma que Halbwachs se insere visivelmente no pensamento durkheimiano em *Les cadres sociaux de la mémoire*, publicado em 1925. Nesta obra, a análise da memória parece ter inspiração das “Formas Elementares da Vida Religiosa”, uma vez que Halbwachs confere somente a contextos sociais reais o acionamento às recordações e às localizações das lembranças. Durkheim acreditava enfaticamente “no fato de que os sistemas de classificação sociais e mentais sempre tomam como base ‘meios sociais efervescentes’” (HALBWACHS, 2006, p. 7-8).

Santos (1998) analisa a fidelidade de Halbwachs ao conceito de representação coletiva durkheimiano<sup>4</sup>, uma vez que ele ao pensar nos quadros sociais da memória não os vê como uma somatória de representações individuais:

[...] a memória é adquirida à medida que o indivíduo toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos (SANTOS, 1998, p.5).

Da mesma maneira, busca-se, no caso empírico em análise, apreender as maneiras como a comunidade de Vila Seca constrói formas de classificação social a partir de um sistema de representações coletivas as quais reforçam os laços solidários entre seus membros.

Halbwachs pensou a memória a partir dos laços sociais existentes entre os indivíduos no presente. O sociólogo aprofundou os estudos sobre a questão social em suas análises, negligenciando, no entanto, as investigações sobre as ações e interações sociais. No entanto, Bartlett refuta as coerções impostas por estruturas estabelecidas e enfatiza que indivíduos têm razões e intenções com significados próprios no processo de construções de suas memórias (SANTOS, 2012, p. 26-27).

Bartlett explica a memória como um mecanismo complexo demonstrado por uma sucessão de experiências interligadas e vinculadas com as precedentes, no qual seriam atualizadas de acordo com as reações do presente. Utilizou-se da expressão *schema*, da psicologia, para significar um padrão adquirido pelo indivíduo, mediante a percepção, permitindo-lhe perceber novas experiências. Assim, o ato de recordar está associado à capacidade de utilização e reutilização de imagens a partir de “padrões” apreendidos anteriormente (SANTOS, 2012, p. 66).

Maurice Halbwachs buscou compreender a memória social da mesma maneira que Émile Durkheim procurou analisar o suicídio, enquanto um *fato social*. As questões que o sociólogo deixou podem ser um ponto de partida para a compreensão social da memória (SANTOS, 1998 apud SANTOS, 2012, p. 50).

Pode-se compreender a relação entre indivíduos e os quadros sociais da memória como uma relação de manutenção de estruturas. O sociólogo analisou a composição de alguns quadros sociais, tais como o da família, da religião e do

---

<sup>4</sup> Para Durkheim, “as representações coletivas atribuem com frequência às coisas às quais se relacionam propriedades que nelas não existem sob nenhuma forma e em nenhum grau. Do objeto mais vulgar, elas podem fazer um ser sagrado e muito poderoso” (DURKHEIM, 2009, p. 237). Desse modo, a memória do grupo é a memória que tem significado àquela coletividade, além de se encontrar em constante relação com as representações coletivas daquela comunidade.

trabalho, além de outros. Halbwachs afirma que as lembranças do passado necessitam ser pensadas a partir de quadros sociais que antecedem os indivíduos. Na obra *Les cadres sociaux de la mémoire*, Halbwachs define três afirmações sobre a memória:

A crença de que memórias só podem ser pensadas em termos de convenções sociais, denominadas quadros sociais; a abordagem a estas convenções a partir do mundo empírico observável – distante, portanto, das intenções dos indivíduos; e a afirmação de que o passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente no presente (SANTOS, 2012, p. 53).

Halbwachs defendia a ideia de que, à proporção que a sociedade burguesa se modificava, sua *memória coletiva* adaptava-se às condições da sociedade moderna. Dessa maneira, os indivíduos passavam a utilizar tradições que melhor lhes servissem. No caso abordado em *Les cadres sociaux de la mémoire*, a consciência da classe trabalhadora e suas práticas afastaram-se da determinação das condições materiais de existência, contudo seriam resultado das representações coletivas (HALBWACHS, 1912 apud SANTOS, 2012, p. 53-54).

Convém destacar que suas teses sobre a memória podem ser compreendidas, ainda, a partir de uma perspectiva epistemológica denominada de *morfologia social*. Em 1938, o sociólogo publica a obra *Morphologie Sociale*, a qual defende a concepção de que as formas materiais da sociedade atuam sobre ela através da consciência que temos enquanto participantes de um grupo, e não pelo constrangimento físico. Para Halbwachs, o coletivo se sobrepõe ao individual, “não se pode pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros” (HALBWACHS, 2012, p.20).

O interesse pelo trabalho de Halbwachs sobre memória associa-se à redescoberta do trabalho de Durkheim, assim como as correntes culturalistas pós-70 encarregam-se de resgatar o caráter simbólico de estruturas seculares apresentadas em *Formas Elementares da Vida Religiosa* (SANTOS, 2003),

Nos anos 1970, os estudos sobre a memória problematizam a ideia de que o passado pode ser resgatado através de estruturas pré-determinadas, e passam a compreendê-los através dos grupos sociais envolvidos nessa construção. Nesse contexto, aparece uma nova perspectiva historiográfica distinta das estabelecidas até então (BURKE, 1992 apud SANTOS, 2012, p. 85).

ASSMANN (1995) considera, ainda, que nas primeiras décadas do século XX Maurice Halbwachs avança de uma perspectiva centrada na hereditariedade, presente na vertente de estudos de Carl Gustav Jung, na ‘teoria dos arquétipos’, para uma perspectiva social dos estudos sobre memória. Assmann (1995) define o conceito de memória por uma dupla delimitação: *memória comunicativa* e *memória cultural*.

A primeira inclui as variedades da *memória coletiva* presentes, exclusivamente, em comunicações diárias. Essa variedade Assmann agrupa e analisa sob o conceito de *memória comunicativa*, a qual constitui campo da história oral. Através desta forma de comunicação, cada indivíduo compõe uma memória, que pode ser socialmente mediada e refere-se sempre a um grupo. Cada memória individual constitui-se em comunicação com os outros (ASSMANN, 1995).

Da mesma forma que a primeira caracteriza-se pela sua proximidade ao cotidiano, a segunda, pela sua distância. A *memória cultural* possui *pontos fixos* normalmente evidenciados em fatos do passado, cujas lembranças são mantidas através de uma formação cultural compreendida por *lugares de memória*, os quais se fazem presentes, tanto em textos, ritos, monumentos, quanto na comunicação institucional (ASSMANN, 1995).

Halbwachs, ao tratar a temática da lembrança e do esquecimento, desconsiderou as conotações políticas, na medida em que foram compreendidas como parte de um mecanismo de reconstrução do passado.

Todavia, pesquisas contemporâneas direcionam, exatamente, para a ausência de consenso na construção da memória ou identidade nacional, visto que está envolvida em relações de poder e legitimidade, em um contexto de lutas simbólicas, nas quais se envolvem o Estado, os meios de comunicação de massa e, inclusive, disputas entre intelectuais (OLIVEN, 2006, p. 26).

Para tanto, busca-se a problematização do tema da memória pela ótica do Sociólogo francês Michael Pollak, quando se estuda o distrito de Vila Seca. Segundo Pollak, o pensador Halbwachs não observa na *memória coletiva* formas de dominação e Violência Simbólica. Pollak (1989) analisa em suas últimas obras o fenômeno das memórias subterrâneas como formas de memórias silenciadas em situações de crise social.

Os estudos atuais sobre o fenômeno da *memória coletiva* por meio de uma perspectiva construtivista analisam “como os fatos sociais se tornam coisas, como e

por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Essa abordagem direciona-se, logo, “pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989).

Conforme a concepção de Pollak (1989), a história oral ressalta a importância das análises sobre memórias subterrâneas como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, à proporção que, ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, elas opõem-se à “Memória oficial”, a qual ele considera a memória nacional. Pollak (1989), ao contrário de Halbwachs, acentua o caráter “destruidor, uniformizador e opressor da *memória coletiva* nacional”. Por outro lado, analisa como as *memórias subterrâneas* podem aflorar em momentos de crise, “em sobressaltos bruscos e exacerbados”, nos quais a memória local pode ser ameaçada.

Convém destacar, ainda, o estudo de Confino (1997), *Collective Memory and Cultural History: Problems of Method*, o qual concebe a memória como um estudo da mentalidade coletiva. Esta pesquisa fornece uma visão abrangente da cultura e da sociedade que muitas vezes falta na história da memória, cuja tendência mostra-se fragmentária. O autor enfatiza que a *memória coletiva* manifesta-se pela exploração de uma identidade comum que une um grupo social, seja uma família, seja uma nação. No entanto, a questão crucial no estudo sobre memória não se apresenta nas manifestações do passado, mas em como ele se mostra aceito ou rejeitado pelo grupo. Confino (1997) considera arbitrário ao pesquisador analisar nestas situações os sinais diacríticos mais visíveis destes grupamentos humanos. Ele alerta para a importância de estar atento às fontes menos visíveis, manter-se sensível aos silêncios, às apropriações, às mentiras.

Ao escrever sobre a memória, convém adotar uma prática que não eleja teorias sociais sobre a memória em detrimento de outras. A relação indivíduo e sociedade: presente, passado e futuro precisam ser problematizados. Sob estas condições, procuram-se no ambiente empírico em estudo, entre as narrativas e as zonas de silêncios, expressões significantes da *memória coletiva* de Vila Seca.

### 1.1.1 A efervescência geral e as representações coletivas

Ao lançar o olhar sociológico sob os relatos de *memória coletiva* do grupo em estudo observa-se, por parte dos agentes sociais locais, a seleção e o realce de

certo número de símbolos identitários. Nesse contexto, o fenômeno da *etnicidade* relaciona-se diretamente ao acesso da *memória coletiva* do grupo. Todavia, compreende-se o fenômeno da memória pela perspectiva de uma “fidelidade criadora em relação aos acontecimentos”, negando-se, *portanto, a possibilidade de uma substância imutável* (RICOEUR, 1992 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 165).

Sob estas condições tenta-se compreender a organização do fenômeno da *memória coletiva* e da *etnicidade*, conforme já abordado anteriormente, como uma forma de representação coletiva da comunidade de Vila Seca. Nesse contexto, o pesquisador pode fundamentar-se na obra de Durkheim *As Formas Elementares da Vida Religiosa*:

As representações coletivas são produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber (DURKHEIM, 2009 p. XXXIII).

Deseja-se compreender, assim, quais os valores comuns que permeiam as *representações coletivas* tanto para o fenômeno da *etnicidade* quanto da *memória coletiva* do distrito de Vila Seca. Valores estes que podem ser considerados, em uma linguagem durkheimiana, de caráter sagrado, na medida em que mantêm a interação e a coesão social do grupo.

Todavia, os estudos contemporâneos sobre a *Teoria da Etnicidade* demonstram seu caráter dinâmico em oposição a uma perspectiva estática, ou seja, a *etnicidade* está em constante transformação de acordo com as circunstâncias históricas.

Desse modo, para compreender as *representações coletivas* da comunidade vila-sequense, direciona-se o olhar investigativo aos momentos de *efervescência geral*, ou seja, de convívio social intenso por meio dos quais se experimentam períodos de inquietação do espírito, de intensa paixão, em oposição aos estados de indiferença ou apatia social. Neste sentido, Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, demonstra que:

Há períodos históricos em que, sob a influência de uma grande comoção coletiva, as interações sociais tornam-se bem mais frequentes e ativas. Os indivíduos se procuram, se reúnem mais. Disso resulta uma

efervescência geral, características das épocas revolucionárias ou criativas (DURKHEIM, 2009, p. 216).

Quanto ao fenômeno da *efervescência geral* na comunidade em investigação, observam-se, nos últimos anos, períodos de intensa manifestação étnica nas festividades religiosas, projetos culturais, desfiles temáticos do distrito de Vila Seca. Segundo Durkheim (2009), nestes momentos de congregação, há uma espécie de força moral:

[...] embora nos sendo imanente, representa em nós algo mais que nós: é a consciência moral da qual, aliás, o homem comum jamais fez uma representação um pouco distinta, a não ser com a ajuda de símbolos religiosos (DURKHEIM, 2009, p. 217).

Ao se fazer uma analogia com as forças exteriores do clã, tomamos o *totem*, que apresenta, seja sob as figuras de um animal ou planta que despertam em seus membros sentimentos, razão pela qual lhe deram o nome e serve-lhes de emblema. Nos dias atuais, pode ser comparado aos sentimentos despertados por algo [coisa] transmitido através do símbolo o qual representa, por exemplo, a ideia do preto como sinal de luto, referido por Durkheim.

O sociólogo afirma que “a ideia da coisa e a ideia de seu símbolo estão intimamente ligados em nossos espíritos; disso resultam que as emoções provocadas por uma se estendem contagiosamente à outra” (DURKHEIM, 2009, p. 227). Durkheim afirma, ainda, que o conjunto de crenças comuns ao grupo são revivificadas pelos ritos, logo, servem para evitar que desapareçam das memórias do grupo:

Tudo transcorre em representações que se destinam apenas a tornar presente aos espíritos o passado mítico do clã. Mas a mitologia de um grupo é um conjunto das crenças comuns a esse grupo. O que exprimem as tradições cuja lembrança ela perpetua é a maneira pela qual a sociedade concebe o homem e o mundo; trata-se de uma moral e de uma cosmologia, ao mesmo tempo em que de uma história. O rito, portanto, só serve e só pode servir para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias, ou seja, em suma, para revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. Através dele, o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais. As gloriosas lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários dão-lhes uma impressão de força e de confiança: as pessoas ficam mais seguras se em sua fé quando veem a que passado longínquo ela remonta e os grandes feitos que inspirou. É esse caráter de cerimônia que a torna instrutiva. Toda ela tende a agir sobre as consciências, e somente sobre elas. Portanto, se



não obstante acredita-se que ela age sobre as coisas, que ela assegura a prosperidade da espécie, isso só pode ocorrer por um reflexo da ação moral que ela exerce e que, sem a menor dúvida, é a única real (DURKHEIM, 2009, p. 409).

No caso empírico de Vila Seca, observa-se como a teoria clássica durkheimiana pode ser atualizada nos estudos sobre *representações coletivas*, *religiosidade* e *coesão social*, *identidade*, *etnicidade* e *etnogêneses*, enfim, abordagens que serão aprofundadas no decorrer desta pesquisa. Verificam-se, a seguir, manifestações culturais que podem estar associadas a um passado que remonta “os grandes feitos da comunidade” vila-sequense e inspiram lembranças, as quais proporcionam força e confiança às pessoas que pertencem a essa comunidade de sentimentos.

#### 1.1.1.1 *Manifestações de Efervescência Coletiva na comunidade vila-sequense*

No ano de 2008, foi criada a “Festa do Pinhão de Vila Seca” por um grupo de atores sociais locais. A Festa ocorre sempre no mês de junho, aniversário do distrito, tendo a duração de uma semana. Durante este período, membros da comunidade vila-sequense envolvem-se em preparos das atrações, tais como: o desfile temático das origens do distrito, a culinária típica campeira, o artesanato regional, as atrações artísticas e os concursos diversos. Estes momentos de *efervescência geral* podem ser vistos, a seguir, nas Figura 1 e Figura 2.

Figura 1 - Desfile temático evidenciando o carro alegórico “Estilo Campeiro”, na Semana de Vila Seca, 5ª Festa do Pinhão, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 2 - Desfile temático demonstrando o “Carro de Boi” na Semana de Vila Seca e Sexta Festa do Pinhão, 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O Vice-presidente da Festa do Pinhão, Jairo Rech, faz o seguinte relato sobre o surgimento da Festa:

Como a gente tem uma festa de cunho religioso muito forte, mas ela não contempla todo o universo de pessoas, a gente tava pensando em alguma atividade desvinculada do setor religioso pra trabalhar todo o outro lado que não se contemplava na festa religiosa, que é a Festa do Divino, um evento muito forte que é bem trabalhado na comunidade, mas assim que a gente sentia que tava faltando algo, aí surgiu um debate, bah, vamos fazer a Festa do Pinhão! (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

Mostra-se importante ressaltar que a comunidade vila-sequense mantém uma tradição de festas e manifestações religiosas e étnicas desde sua origem. Nelas, estão em jogo tanto a dimensão material, ou seja, recursos para as melhorias de espaços sociais, quanto a dimensão simbólica, organização significativa do espaço social. O trecho a seguir narra a importância da construção de um lugar mais abrangente para as confraternizações da Festa do Divino Espírito Santo, por uma Ministra da Capela do Divino Espírito Santo de Vila Seca:

No começo, tinha que ocupar o CTG todas as vezes pra fazer almoço. O pessoal descia até lá o CTG. O porão do salão era ocupado. Começou a aumentar. Daí que surgiu a necessidade de fazer um ginásio. Porque a gente precisava de espaço. E daí veja, as festas aumentavam, já tinha condição também. Foi construído o ginásio, que daí sim, dava pra fazer mil e poucos almoços entre os dois salões. Daí melhorou. Porque lá no ginásio, bem arrumadinho, dá umas quase 800 pessoas. Então, em 1997, foi a primeira Festa do Divino no ginásio. Daí a gente aumentou, foi melhorando (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

O ginásio de esportes situa-se na região central da vila, próximo a igreja, e também abriga outros eventos do distrito, como a Festa do Pinhão. Esse lugar pode ser considerado um *locus* de vivência e de história daquela comunidade, ou, ainda, um “lugar de memória”, entre outros que serão abordados no decorrer da pesquisa (Figura 3).

Figura 3 - Interior do Ginásio de Esportes. Culinária campeira, artesanato típico e movimentos artísticos atraem pessoas da comunidade local e de outras comunidades ao distrito. 6ª Festa do Pinhão, Vila Seca, 2003.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Salienta-se que a Festa do Pinhão pode ser analisada, até mesmo, como uma forma de organização política da comunidade, uma vez que contou, inicialmente, tanto com o envolvimento comunitário, como com a participação de instituições políticas, tais como a Subprefeitura de Vila Seca e a Secretaria Municipal de Cultura.

No entanto, não foram somente os recursos materiais que estavam envolvidos nesse processo, mas também as dimensões de sentido, as quais envolvem o fortalecimento das relações comunitárias. O próximo item tratará das relações do fenômeno da *etnicidade* e a relação com a *memória coletiva* da comunidade.

## 1.2 ETNICIDADE

Para verificar quais identidades estão em jogo na construção, reconstrução e disputa da *memória coletiva* do distrito de Vila Seca, procura-se compreender o conceito de *etnicidade*. Os debates acadêmicos sobre a *etnicidade* datam da segunda Guerra Mundial; todavia, o termo “étnico” origina-se da palavra grega

*ethos*, a qual significa povo ou nação. Os ingleses já o utilizavam para se referir aos bárbaros e pagãos, e, até o século XIX, empregou-se como sinônimo de raça durante o apogeu das tipologias do racismo científico (WADE, 2000).

O estado atual dos debates sobre a *etnicidade* procura afastar-se do ponto de vista clássico deste termo, compreendido como primordialista. O termo “primordial” designado por Shils (1957) atribuía significativa importância aos grupos primários e vínculos pessoais nas condutas cotidianas. Dessa maneira, tanto os vínculos de parentesco quanto os vínculos primordiais caracterizam-se por intensa solidariedade, força coercitiva e sentimento do sagrado (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Começou-se a utilizar a expressão “grupo étnico” com a queda do racismo científico, na medida em que se referiam aos grupos considerados minorias em suas nações-estado, como é o caso dos judeus e polacos no Brasil. As mudanças sociais ocorridas na modernidade referentes às novas nacionalidades pós-coloniais e aos processos migratórios fizeram com que os termos *etnicidade* e *grupo étnico* se proliferassem na linguagem acadêmica e popular. Os termos *tribo* e *raças* utilizadas até então nestes contextos, passam a ser inapropriados (WADE, 2000).

Ao afastar-se da tendência primordialista, os teóricos interacionistas consideram a *etnicidade* um processo contínuo de dicotomização entre o “Nós” (membros) em oposição a “Eles” (não membros), o qual é expresso e validado através da interação social (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Dessa forma, ressalta-se a perspectiva relacional do estudo o qual se pretende realizar nesta pesquisa.

Weber, Hugues e Barth abordam uma concepção sobre *etnicidade* como uma construção social em que as diferenciações étnicas e culturais envolvem, fundamentalmente, uma apreciação de que a *etnicidade* é situacional e negociável (JENKINS, 1997).

A noção barthiana de *ethnic boundary* mostra-se um elemento central na compreensão dos fenômenos da *etnicidade*. Para Barth, a *etnicidade* somente pode ser determinada por uma “linha de demarcação” entre os membros e os não membros. Neste sentido, as identidades étnicas não somente são mobilizadas a partir de uma alteridade, mas também implicam a contínua organização de grupamentos dicotômicos entre Nós e Eles (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Por meio de estudos preliminares no ambiente empírico em estudo, distrito de Vila Seca, pode-se apreender que o grupo local autodenominado de campeiro, tropeiro e luso-açoriano – “nós” – reconhece-se a partir de uma linha de demarcação em relação ao grupo de ascendência italiana – “eles” – da região da colônia.

Pesquisadores desta temática consideram que o estudo sobre *etnicidade* podem ser divididos em dois momentos: *BB (Before Barth)* e *AB (After Barth)*, pelo seu caráter inovador, na medida em que demonstra a importância das fronteiras étnicas em detrimento do conteúdo cultural interno como fator de definição e permanência de um grupo étnico (MOLOHON, 1979; DESPRES, 1995 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 153).

Um dos primeiros estudos sobre a *etnicidade* surge na escola de antropologia de Manchester, com Clyde Mitchell, que estudou os povos mineiros do chamado Cinturão de Cobre do Rodesia do Norte (atual Zâmbia). Mitchell observou que as identidades tribais se tornavam mais distintas no entorno de meios urbanos, como uma forma de categorizar as diferenças culturais as quais os distinguiam dos demais grupos.

Outras vertentes de estudos denominadas de *instrumentalistas* e *mobilizacionistas* classificam a *etnicidade* como um recurso mobilizável na busca de poder político e bens econômicos. Para Abner Cohen, por exemplo, a *etnicidade* contribui para a mobilização política na medida em que fornece um idioma comum que favorece a solidariedade de grupo (COHEN, 1960, 1974a apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Ressalta-se que a comunidade de Vila Seca mobiliza a reinvenção de sua identidade para obtenção de recursos materiais, apoio político e valorização simbólica, principalmente na Festa do Pinhão e no Projeto Cultural: Ponto de Cultura Vila Seca em Cultura. Tanto na festa quanto no projeto há o envolvimento de agentes sociais na busca da participação comunitária de recursos materiais para a comunidade. A Festa do Pinhão atrai, durante um período de sete dias, sempre no mês de junho, populações do entorno para adquirirem os trabalhos artesanais da comunidade, conhecerem a história do distrito, experimentarem a culinária típica, apreciarem brincadeiras e músicas do folclore açoriano e da tradição gaúcha. O Ponto de Cultura faz-se presente na Festa do Pinhão e, em todo o ano, através de projetos que resgatam as danças folclóricas e brincadeiras típicas luso-açorianas, o

artesanato, enfim, manifestações culturais resgatadas pela comunidade vila-sequense.

Nesse contexto, segundo Barth, a identificação de determinados traços culturais de um grupo étnico, ou seja, a “marca de sentido do grupo” mostra-se como componente fundamental para o trabalho de manutenção de suas fronteiras e sobre o qual deve assentar-se a organização social desse grupo. “As fronteiras dos grupos étnicos determinam a esfera de interação dentro da qual os valores do grupo podem ser realizados [...]” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 132).

Weber (2009, v1), em *Economia e Sociedade*, avalia a importância da crença na afinidade de origem comum, “seja objetivamente fundada ou não”, e trata o conceito de grupo étnico como:

[...] chamaremos grupos “étnicos” aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva (WEBER, 2009, p. 270).

No contexto acima, para Weber (2009, v1), a comunhão étnica não se constitui como uma comunidade, mas possui elementos que facilitam as relações comunitárias. Enfim, as diversas revisões teóricas da questão da mobilização do fenômeno da *etnicidade* evocam uma forte polarização entre as categorias Nós e Eles, como forma de diferenciação entre os grupos e definição de fronteiras. Nesse contexto, o aspecto relacional é fundamental nas teorias interacionistas e mobilizacionistas. Para tanto, serão tratadas a seguir questões sobre a plasticidade e a capacidade adaptativa dos agrupamentos étnicos, por meio da Teoria das Etnogêneses.

### 1.2.1 Identidade Étnica e as Etnogêneses

Busca-se nesta pesquisa um diálogo com os diferentes significados do termo etnogêneses, compreendido, segundo estudos de Bartolomé (2006), como um processo social protagonizado por agentes sociais que se percebem e são percebidos como formações identitárias distintas de outras. No caso em estudo, a organização social luso-açoriana do distrito de Vila Seca, que se insere num

contexto social majoritariamente italiano do município de Caxias do Sul (BARTOLOMÉ, 2006, p. 39).

Este termo surge para explicar o processo histórico de configurações de identidade étnica resultantes de fluxos migratórios, de invasões e conquistas de povos, de fusões e fissões culturais. Ulteriormente, o conceito encontra-se relacionado ao crescente processo de emergência social e política dos povos envolvidos em relações de dominação (HILL, 1992 apud BARTOLOMÉ, 2006).

A etnogênese ainda pode ser compreendida como o surgimento de novas identidades étnicas ou a recuperação de antigas identidades. Historicamente o contato entre as diversas civilizações, entre o campo e as cidades, proporciona as simbioses culturais, bem como o surgimento de novas configurações sociais e culturais, muitas vezes diferenciadas daquelas que lhes deram origem. Segundo Bartolomé (2006, p.41), toda cultura humana é resultante de processos de hibridização, uma vez que a noção de cultura está entrelaçada a um sistema dinâmico de relações endógenas e exógenas.

Todavia compreende-se que os contatos interétnicos podem potencializar a seleção e o realce de traços culturais, uma vez que, ao apoderar-se desses traços, os atores podem transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com o grupo étnico pertencente. No entanto, o que deriva do domínio da *etnicidade* não são as características culturais etnicamente observadas, como a língua, a religião, as vestimentas e os costumes, mas as condições em que algumas diferenças culturais são utilizadas como símbolos de diferenciação entre os grupos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 129).

No caso em estudo, o fato de o distrito de Vila Seca pertencer até meados do século XX, mais precisamente até 1939, ao município de São Francisco de Paula, pressupõe pensar que a incorporação de uma comunidade constituída por descendentes de açorianos e tropeiros no seio de uma comunidade formada por descendentes de italianos pode mobilizar naquele grupo processos sociais e políticos de organização étnica. Destaca-se que, apesar das áreas rurais representarem um percentual de habitantes inferior à área urbana, a presença de proprietários rurais nos Campos de Cima da Serra data do século XVIII (ALVES, 2007), ou seja, anterior à chegada dos Italianos no Estado.



Ao analisar uma imagem da Festa da Uva de Caxias do Sul, no ano de 1965, pode-se perceber no carro alegórico que representa o distrito Vila Seca, logo abaixo, uma seleção de símbolos identitários da comunidade (Figura 4).

Figura 4 - Carro alegórico do distrito de Vila Seca no desfile da Festa da Uva, 1965.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, autoria desconhecida.

Na figura acima se apreende o realce de traços diacríticos, ou seja, sinais de distinção do grupo, tais como a figura de colonos italianos (ao fundo), além das lidas do homem e da mulher do campo com a representação da pecuária de ovinos e caprinos (à frente). Para além de efetivamente representar caxienses, o carro alegórico de Vila Seca estava evidenciando a identidade social do típico gaúcho<sup>6</sup>.

As formas de organização econômica e cultural do grupo, mais do que características externas, mobilizam sistemas de representações que delimitam as fronteiras étnicas entre o “Nós” e o “Eles”. Sendo assim, ainda que se salientem os traços culturais desse grupo, os quais incorporam substância à identidade, estes estão submetidos a uma historicidade própria (BARTOLOMÉ, 2006, p. 55).

---

<sup>6</sup> Segundo Oliven (2006), o termo gaúcho sofreu um processo de ressemantização, passando de um tipo social desviante e marginal para adquirir um sentido positivo e, assim, transformando-se em um símbolo de identidade regional (OLIVEN, 2006, p. 66).

Nesse sentido, estudar as condições nas quais se observa a emergência de organizações sociais e étnicas em determinados grupos possibilita a compreensão dos sentidos desses movimentos culturais e políticos em seus contextos históricos.

Para Zambrano (2000, p. 30 apud BARTOLOMÉ, 2006, p. 57), a *etnicidade*, ou seja, a identidade de um povo, não se busca na originalidade de seus traços culturais, mas na capacidade de geração de sentidos sociais e políticos que a tornam coesa e dão sentido a sua existência comunitária.

Portanto, em Vila Seca, além de descendentes de luso-açorianos, provavelmente vindos de Laguna e de Santo Antônio da Patrulha, observa-se, também, a presença de famílias de ascendência afro-brasileira, alemã e italiana. Todavia, ao estudar esta comunidade, encontra-se, por parte de seus membros, a busca de uma unidade étnica, a qual eles denominam como campeira, tropeira e luso-açoriana, ou seja, gaúcha. Nesse sentido a recuperação histórica do distrito, ainda que fragmentária, mostra-se indispensável à noção de pertencimento à coletividade.

Conforme Oliven (2006), estudos sobre a colonização indicam que os imigrantes estrangeiros consideravam o gaúcho como um tipo social superior. Dois fatores contribuíram para essa categorização: os fazendeiros como camada social de grande importância para o Estado e o principal símbolo do gaúcho estar associado à figura do cavalo (OLIVEN, 2006, p. 114).

O autor, ainda, analisa o sentido do termo *colono*, segundo Teixeira<sup>7</sup>, o qual possui uma origem associada ao processo de colonização de imigrantes europeus, cuja atividade econômica era a agricultura, ao passo que a atividade predominante do Estado mostrava-se na pecuária. Logo, o termo *colono* tinha uma conotação, de certo modo, depreciativa (OLIVEN, 2006, p. 114).

Nesse contexto, corrobora com esta ideia o relato de um pesquisador da cultura dos Campos de Cima da Serra, Lindomar Alves Mendes, que indica que os italianos e alemães os quais chegaram a Vila Seca incorporaram o estilo de vida do homem de campo.

Vila Seca era pertença territorial de Santo Antônio da Patrulha, depois passou para São Francisco de Paula. Tinha uma identidade

---

<sup>7</sup> O termo *colono* aqui empregado foi utilizado por Sérgio Alves Teixeira na obra **Os recados das Festas: representações e poder no Brasil**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1998, p. 54 (TEIXEIRA, 1998 apud OLIVEN, 2006, p. 114).

totalmente campeira, até o final do Século XIX e início do século XX. Após, com a extração da madeira, pinheirais em abundância na região, começaram a entrar para esta região os descendentes de alemães e os italianos com suas serrarias, e mesclou etnias, mas, concordem ou não, percebe-se claramente um percentual muito alto do “jeito campeiro neste povo”, diferenciando-se um pouco do povo caxiense, que vem também mudando pela influência dos migrantes dos campos. Mas Vila Seca, com suas construções mais antigas, fogões a lenha, pinhão, cavalos e gado, continua muito campeira (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013).

Outro movimento identitário local pode ser percebido quando o distrito foi escolhido um dos dez “Pontos de Cultura” de Caxias do Sul. Em entrevista narrativa com um dos idealizadores do projeto, pôde-se perceber a importância da reconstituição cultural e história do distrito. Nesse contexto, foi realizado um convênio entre os alunos da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e o Ponto de Cultura: “Vila Seca em Cultura” para tal fim.

Um aspecto da etnogênese observado no trecho acima conduz a se pensar que esses processos estão ligados à vontade de associação política, uma vez que, para se construir uma unidade comunitária, procura-se o fortalecimento da configuração social à qual se pertence e a projeção além de um determinado momento (BARTOLOMÉ, 2006, p. 59-60).

O distrito também se destaca pela presença de seu “Parque de Rodeios”, e entidades tradicionalistas (Figura 5). Do ponto de vista administrativo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho divide o Estado em trinta regiões. Caxias do Sul é integrante da vigésima quinta região tradicionalista, da qual fazem parte os municípios de: Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Nova Pádua, Nova Roma do Sul e São Marcos<sup>8</sup>.

Segundo Oliven (2006, p. 128), os Campos de Cima da Serra representam a maior proporção de entidades tradicionalistas em relação à população. Em segundo lugar está o Planalto, e, em terceiro, as Missões.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.mtg.org.br/site/pag\\_rts.php](http://www.mtg.org.br/site/pag_rts.php). Acesso em: 07 de fev. de 2014.

Figura 5 - Parque de Rodeios do distrito de Vila Seca, Caxias do Sul, 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A área rural do município de Caxias do Sul, por inserir-se numa região integrada ao ecossistema constituído pelos Campos de Cima da Serra e pela Floresta de Araucárias, tem a tradição do homem do campo e da atividade pecuária. Todavia, conforme o último Censo Demográfico, sua população urbana constitui mais de 96% da população total do município (IBGE, 2010). Nesse contexto, apesar de Caxias do Sul passar por um processo contínuo de urbanização, nas últimas décadas, a tradição gaúcha de preservação e realce dos sinais diacríticos do homem do campo se intensifica.

Segundo Oliven (2006), “as tradições florescem em situações de modernização” (OLIVEN, 2006, p 210-11). Nesse contexto, pode-se observar em um município predominantemente urbano o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) em posição de destaque no Estado. Todavia, para se alcançar esse patamar de proeminência, é necessário “recriar o passado rural do Rio Grande do Sul e a figura

mítica<sup>9</sup> do gaúcho, pois esses são os traços distintivos da identidade gaúcha” (OLIVEN, 2006, p 210-11).

Em relação a esta construção mítica do termo *gaucho*, perpassa-se, a partir de agora, por algumas pesquisas historiográficas realizadas desde Bonifacio del Carril, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Auguste de Sant-Hilaire, Wolfgang Hoffmann Harnisch, até Aurélio Porto.

Na obra *El Gaucho* de Bonifacio del Carril, esse termo é utilizado por Francisco Manuel Javier Muniz indicando três classificações distintas:

*Gaucho*: campesinos bien sirvan como peones en la ganadería o en la labranza; se designa también con este nombre a todo campesino civil. También se les llama Camiluchos y Guazos.

*Gaucho alzado*: que andam por los campos más solos o siempre alerta.

*Gaucho neto*: enteramente gauchos sin que en el vestir, montar, lenguaje y conducta aventureira desmientan en un ápice la calidad de gaucho. Hombres errantes, sueltos y sin domicilio por general criminales perseguidos por la justicia o por la autoridad militar en virtud de deserción, que sólo se ocupan de andar em las hierras, o marcaciones de ganado, corridas de caballos, tabernas y casas de juego de uno en outro pago. Montan siempre los mejores caballos y, cuando no los tienen propios, los pillan a lazo o con las bolas, de las manadas que pastan por los campos [...] (Muniz, 1937 apud CARRIL, 1978, p. 32-3).

Segundo Barbosa Lessa (1984), os *gaudérios*, *chirus* ou *gaúchos* surgem:

A natureza não comporta vazios. Se algo desaparece, outro algo aparece. Afastado, pelos missionistas, o temido perigo dos güenoas, desgarrados forasteiros foram se achegando da colônia do Sacramento, espanhola, para ver se era mesmo verdade a fábula das vacarias sem fim.

De um em um, ainda muito poucos, foram aparecendo buenoaienses, sanatafessinos, correntinos, tropeiros de mula tucumanos, até mesmo chilenos. Gente praticamente sem ocupação, andejes sem rumo. Agora andarengos sem casa, na ex-Banda dos Charruas, mas com carne garantida no espeto do churrasco.

Não eram “accioneros”, nem “faeneros” com direitos de vaquear, mas uma terceira classe espontaneamente surgindo nas lonjuras do pampa. A nova casta dos “gaudérios”. Brancos, em maior parte, mas se mesclando com grupos remanescentes minuanos. Do ajuntamento com as “chinas” índias iam nascendo os “piás” – *che piá*, meu coração –, que ao crescerem passaram a ser “chirus” – *che iru*, meu amigo.

Quando contratados pelos colonistas para um servicinho qualquer de arreada ou coureada, ganhavam o nome de “changadores”.

Mais tarde toda essa gente seria caracterizada pelo nome genérico de “gaucho” ou “gaúcho”, gente sem lei nem rei, quase ao feitio dos antigos güenoas (LESSA, 1984, p. 127).

---

<sup>9</sup> Conforme Oliven (2006), ao se falar nas coisas do gaúcho, busca-se um passado cuja existência ocorreu na região da campanha no Sudoeste do Rio Grande do Sul, bem como numa figura idealizada do gaúcho (OLIVEN, 2009, p. 154).

Para Auguste Saint-Hilaire (2002), o termo *Garruchos* ou *Gaúchos* era utilizado para os “homens sem religião, sem moral, a maior parte índios ou mestiços, que os Portugueses designavam sob o nome de *Garruchos* ou *Gaúchos*” (HILAIRE, 2002, p. 129).

Harnisch (1941), na obra *O Rio Grande do Sul: a terra e homem* faz algumas considerações sobre o que veio a ser o povo gaúcho:

“O gaúcho propriamente dito, o dominador das pampas, formou-se sob leis especiais para um tipo todo especial de indivíduo”. [...] Um homem montado a cavalo ainda não é um gaúcho. A dualidade do homem mais o seu cavalo, fundidos numa unidade, num novo ser – dizem ser o gaúcho. [...] Ele é o que é pela sua finalidade última: é o pastor! [...] As tropas de centenas de milhares de cabeças de gado fizeram com que surgissem os primeiros milhares de gaúchos, e, sob a influência da formação de rebanhos, formou-se então a nova unidade, o povo (HARNISCH, 1941, p. 122-23).

Por fim, a conceituação de Aurélio Porto (1954, v.3) poeticamente nos mostra:

E o gaúcho, que não tarda a surgir, filho semibárbaro do Pampa, criado no fogão do minuano, que o lagunista tornou amigo do branco, será ainda produto das condições especialíssimas do meio, onde o gado, elemento primacial da vida, exercendo função socioeconômica, dará ao homem uma feição toda singular, diferenciando-o de todos os seus irmãos da vasta Colônia Portuguesa (PORTO, 1954, 413-14, v.3).

Como se vê, o *gaucho* surge a partir de uma imagem atrelada à atividade pastoril do homem que habita os campos do Rio Grande do Sul e da Argentina. A figura do *gaucho* classificada pelos estes autores mostra-se relacionada ao homem sem lei e sem rei, sem religião e sem moral.

Convém destacar que esta pesquisa não tratará com maior acuidade a construção da identidade do gaúcho, uma vez que este tema demanda estudos mais aprofundados. Todavia, emprega-se esta categoria como uma autodefinição da própria população em investigação, que representa o vila-sequense, em confronto com a figura do colono italiano que representa o caxiense.

Observa-se que a comunidade de Vila Seca busca, constantemente, uma *recuperação cultural*, centrada na figura do homem do campo e na devoção ao Divino Espírito Santo. Por conseguinte, procuram organizar uma diferenciação étnica historicamente construída e reconstruída (BARTOLOMÉ, 2006).

Apesar de a Festa do Divino ser realizada desde aproximadamente 1930 em Vila Seca, na última década, novos símbolos trazidos diretamente do Arquipélago de

Açores, por meio de atores sociais locais, vêm sendo introduzidos à Festividade (Figura 6).

A narrativa de um Ministro da Igreja Católica que atua na Capela do Divino Espírito Santo de Vila Seca, Lindomar Alves Mendes, demonstra como estão ocorrendo as transformações na Festa de Divino na localidade:

[...] em 2008, fui a um Congresso Internacional sobre as Festas do Divino, na Ilha Terceira dos Açores, e sentimos a necessidade de melhorarmos a sintonia com as festas do restante do mundo, colocando alegorias que significassem o sentido do nascimento e crescimento desta devoção e cultura, e numa homenagem à Rainha Santa Isabel e sua Corte, onde foi realizada a primeira Festa do Divino na Cultura Portuguesa a que chegou até nós, por via Açores e colonização açoriana. Desde então, é coroada a Festeira de Honra como Rainha Santa Isabel e é entregue a seu esposo Festeiro de Honra o Cetro Real, como homenageados pela comitiva, que deverão acompanhar nas visitas do grupo de louvação e festeiros (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013).

Figura 6 - Itamarajá Kieling Medeiros, Ministra da Eucaristia em Vila Seca, desde 1986, representando a Rainha Santa Isabel com uma Coroa Real trazida da Ilha Terceira do Arquipélago dos Açores em 2008.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kieling Medeiros.

Outros relatos do Senhor Lindomar Alves Mendes remetem-nos à compreensão de como a população de Vila Seca se organiza para fortalecer sua identidade frente a uma italianidade majoritária de Caxias do Sul:

Uma preocupação de minha parte, pois vejo pouco da busca de preservar sua primeira identidade; quando se busca, isto parece uma guerra de raças, (o que não é), pois os italianos com uma descendência de pouco mais de cem anos conservam muito presentes seus antepassados, ao passo que as descendências Luso-Açorianas-campeiras remontam a trezentos anos, sete, oito ou mais gerações de uma história muitas vezes perdida e com poucas pessoas buscando remontá-las (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013)

O Senhor Mendes, através de suas pesquisas e músicas, busca informações das raízes de sua família paterna, que se estabeleceu nos campos do distrito. Seu pai faleceu recentemente. Segundo o informante, a saudade daquele gaúcho honrado que lhe ensinou o caminho do bem o fez interessar-se por conhecer melhor a identidade e o lugar onde viveu sua infância e sua juventude com seus amigos.

Nesse contexto, a Coordenadora dos Pontos de Cultura de Caxias do Sul compreende que: “valorização da identidade é a base para a permanência ou não do Ponto de Cultura na comunidade, isto é, a sustentabilidade do Ponto de Cultura está diretamente atrelada a essa questão” (Entrevista concedida por CAVION, Elaine Pasquali, 2013).

Portanto, pode-se visualizar em diferentes períodos de existência da comunidade, sob as lentes teóricas durkheimianas, a necessidade periódica da restauração da coletividade.

#### 1.2.1.1 *Manifestações da identidade étnica na comunidade vila-sequense*

Ao olhar sociologicamente a sequência de imagens compreendidas entre a Figura 7 e a Figura 17, a qual retrata fatos que marcaram a trajetória de existência da sociedade vila-sequense, pode-se perceber uma constante renovação de “concentração” do grupo através da sucessão de momentos de “efervescência coletiva”. Segundo Durkheim (2009), nesses períodos restauraram-se as “forças religiosas” da sociedade.



Figura 7 - Dia de festa em Vila Seca em frente à Igreja do Divino Espírito Santo, década de 1930.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisete Medeiros Lauffer.

Figura 8 - Comunidade reunida em Procissão. Vila Seca, ano de 1938.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisete Medeiros Lauffer.

Figura 9 - Marco indicativo da anexação do distrito de Vila Seca ao município de Caxias do Sul. A faixa traz a seguinte frase: "Estado Novo fez Renascer Vila Seca". Vila Seca, ano de 1940.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisete Medeiros Lauffer.

Figura 10 - Solenidade alusiva à passagem de Vila Seca ao município de Caxias do Sul, em frente ao Hotel Guarani, pertencente à família Medeiros, Vila Seca, ano de 1940.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisete Medeiros Lauffer.

Figura 11 - Baile das Chitas, ao fundo, Igreja do Divino Espírito Santo, Vila Seca, ano de 1949.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Idalina Oliveira Guerra.

Figura 12 - Festa Religiosa das Moças: Festa Nossa Senhora da Saúde e Santa Terezinha, Vila Seca, ano de 1962.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Eveny Maria Soares Dany.

Figura 13 - Procissão das Moças, Vila Seca, década de 1960.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Eveny Maria Soares Dany.

Figura 14 - Carro alegórico do distrito de Vila Seca realçando os sinais diacríticos da localidade, no desfile da Festa da Uva em 1961, Caxias do Sul/RS.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS.

Figura 15 - Procissão de fiéis em frente à Capela do Divino Espírito Santo, no núcleo urbano de Vila Seca.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kielling Medeiros.

Figura 16 - Cavalgada do Divino Espírito Santo de Vila Seca. Marco inicial de saída: Igreja Nossa Senhora do Caravaggio - Farroupilha/RS - década de 2000.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kielling Medeiros.

Figura 17 - Desfile da Comitiva do Divino Espírito Santo de Vila Seca, Festa de Uva - Caxias do Sul/RS, ano de 2012.



Fonte: Estúdio fotográfico Fotos Volga - Ana Rech – Caxias do Sul, 2012.

Observa-se nesta sucessão de cenas que a coletividade vila-sequense, no decorrer de seus cem anos de existência, fixa pontos de referência por meio dos quais ela se constitui. Por conseguinte, ritos e crenças organizam o calendário anual da localidade através da Festa de Divino Espírito Santo, da Semana de Vila Seca – Festa do Pinhão, da Festa das Moças (antes) e da Festa dos Jovens (hoje). Dessa maneira, a organização social compreendida pelo cenário de eventos locais realça os sinais diacríticos da comunidade, em relação tanto à colônia italiana de Caxias do Sul, como à do próprio distrito.

A mobilização destas cerimônias nada mais é do que forma de classificação da comunidade, por exemplo: o grupo de fiéis do Divino Espírito Santo comparado em relação a outros grupos. Ainda segundo Durkheim (2009): “Essa organização da sociedade por meio de um calendário de eventos relaciona-se ao espaço que ela ocupa. Para evitar qualquer conflito, é preciso que a cada grupo particular seja destinada uma porção determinada de espaço” (DURKHEIM, 2009, p. 493).

Nesse contexto, a população de Vila Seca organiza seu espaço social de forma diferenciada, de acordo com as orientações e interesses dos diferentes grupos que compõem a localidade. Todavia, o espaço social é também um espaço

de lutas simbólicas, ou seja, disputas por classificações, que operam de forma dualista: católico/evangélico, colono/gaúcho, vila-sequense/caxiense, rural/urbano.

### 1.3 ESPAÇO SOCIAL

Dessa forma, elegeu-se o conceito de *espaço social* para investigar as posições e os papéis dos agentes sociais na localidade de Vila Seca, bem como a influência do capital econômico, cultural, religioso e político na construção da *memória e identidade coletivas* do distrito.

Segundo Bourdieu (2004), o mundo social pode ser dito e construído através de diferentes princípios de visão e divisão, sejam divisões econômicas, divisões étnicas, religiosas, nacionais. “Apesar dessa pluralidade potencial de estruturas possíveis – o que Weber chamava de *Vielseitigkeit* do dado –, permanece o fato de que o mundo social apresenta-se como uma realidade solidariamente estruturada”. Segundo o autor, isso se relaciona pelo fato de o *espaço social* mostrar-se sob a forma de agentes dotados de propriedades diferenciadas e sistematicamente ligadas entre si (BOURDIEU, 2004).

Verificou-se nesta pesquisa como no *espaço social* de Vila Seca estabelecem-se condições de construção, reconstrução e disputa da *memória coletiva e identidade étnica* do distrito.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O item a seguir tratará da abordagem metodológica utilizada para a presente pesquisa.

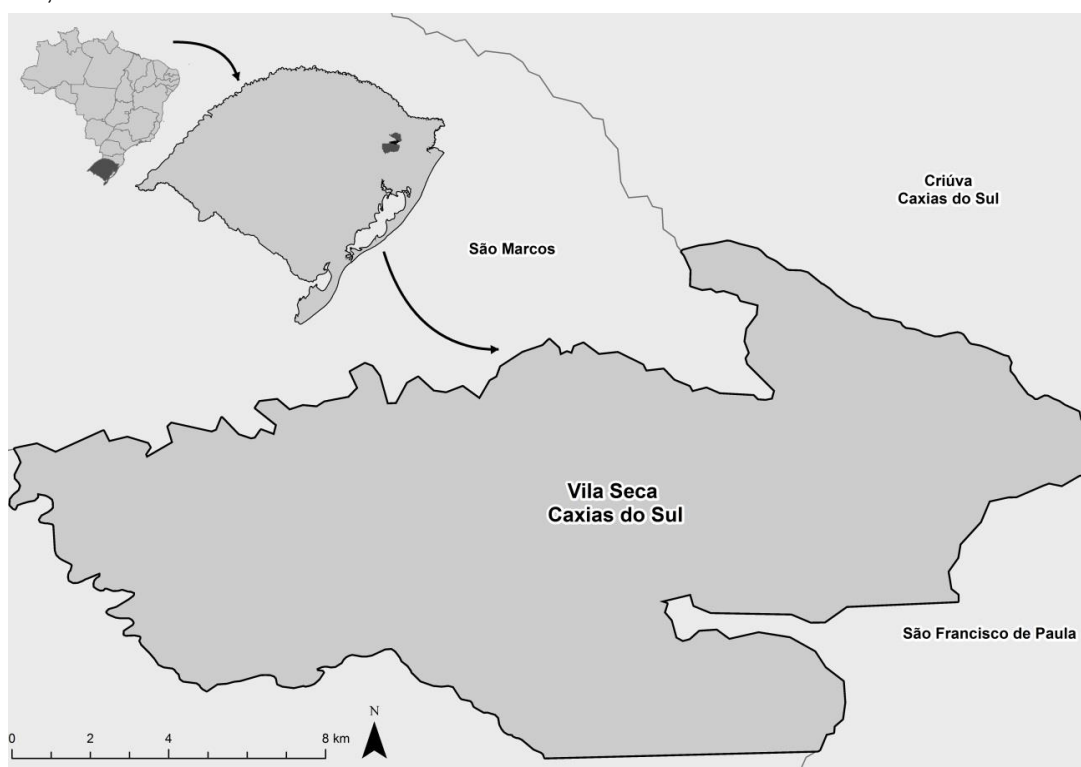
### 2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada para a análise do objeto construído fundamenta-se em um modo de pensamento relacional, o qual analisa a realidade a partir das relações entre os agentes no espaço social em estudo, sendo que as representações sociais serão mediadas no espaço social de lutas simbólicas de classificações sociais, de rótulos (GOODMAN apud BOURDIEU, 2004).

Este estudo foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa, com recorte espacial no distrito Vila Seca, zona rural do município de Caxias do Sul, localizado a aproximadamente 30 km do núcleo urbano da cidade (Figura 18).

A demarcação temporal abrange as memórias coletivas e manifestações culturais do tempo presente, ainda que contextualizadas por Pesquisa Documental, cuja abrangência incorpora desde os primeiros registros de terras da localidade, datados do século XIX.

Figura 18 - Localização do distrito de Vila Seca, Caxias do Sul, em relação ao Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.



Fonte: Dados do IBGE (2010). Elaboração: Tielle Soares Dias.



Todavia, é preciso ressaltar que esta pesquisa procura abordar a *memória coletiva* como um fenômeno social o qual se coloca em relação não apenas ao passado, mas ao contexto atual mediado por representações coletivas da comunidade. Esta investigação não se propõe a um “resgate da memória”, pois se compreende que a memória não é algo constante ou uniforme. Dessa forma, pesquisam-se demonstrações em que ela é construída, reconstruída e colocada em disputa dentro do espaço social de lutas simbólicas na qual se insere.

Para tanto, adotaram-se procedimentos flexíveis de pesquisa, os quais proporcionaram investigar diferentes questões em diferentes ocasiões (BECKER, 1999). Nos próximos parágrafos, serão apresentadas as etapas do estudo empírico.

Primeiramente, fez-se um trabalho de campo de reconhecimentos, na fase preliminar da pesquisa, entre os anos de 2010 e 2012, ainda quando se executaram trabalhos socioambientais na localidade<sup>10</sup> em razão da instalação e funcionamento do Sistema Marrecas. Nesta Fase, tomou-se conhecimento do Projeto Cultural Ponto de Cultura: “Vila Seca em Cultura”, bem como se pôde observar algumas festas e eventos distritais, de modo que se conheceram importantes atores sociais envolvidos nas dinâmicas sociais do distrito. No ano de 2012, já iniciado o Mestrado Acadêmico, acompanharam-se as festividades comemorativas do Centenário da Capela do Divino e da localidade de Vila Seca.

Em um segundo momento, realizou-se a pesquisa documental no Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul – João Spadari Adami; Arquivo Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG). Concomitante à pesquisa documental, realizou-se pesquisa bibliográfica. Para tanto, buscaram-se autores da historiografia do Rio Grande do Sul, tais como Aurélio Porto, Borges Fortes, José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo), Arthur Filho, Wolfgang Hoffmann Harnisch, Moacyr Flores, entre outros.

---

<sup>10</sup> No período de agosto 2010 a março de 2012, realizei trabalhos socioambientais como Socióloga em uma empresa privada contratada pelo SAMAE. Particpei de Programas Ambientais os quais fizeram parte do Plano Básico Ambiental (PBA). O PBA refere-se ao processo da Licença de Instalação (LI) da Barragem do Sistema Marrecas. Na ocasião, foram feitas, em conjunto a uma equipe técnica multidisciplinar formada por Biólogos, Engenheiro Agrônomo, Engenheiro Ambiental, Geógrafos, Geólogos, Economista, diversas pesquisas, entrevistas semiestruturadas, reuniões comunitárias, dinâmicas de grupo e *workshops* com a comunidade de Vila Seca e representantes de instituições locais e municipais.

Em uma terceira etapa concretizaram-se as Entrevistas Narrativas (EN)<sup>11</sup>, cuja amostragem focou-se em agentes sociais estratégicos<sup>12</sup> os quais foram mapeados, inicialmente, por meio da técnica da Observação Participante em campos de reconhecimento e trabalhos técnicos prévios na localidade. Simultâneo ao campo de reconhecimento elegeu-se a técnica da amostragem não probabilística, denominada de “Bola de Neve”<sup>13</sup>, para a indicação dos agentes sociais envolvidos no processo de recuperação cultural e disputas de memória e identidade no espaço social de Vila Seca.

E, por fim, em conjunto com a fase das ENs, realizou-se Observação Participante em alguns eventos do distrito, entre eles, a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa do Pinhão e a Semana de Vila Seca, entre os meses de fevereiro e junho de 2013. A seguir, pode-se visualizar a Tabela 1, a qual demonstra as fases da pesquisa de campo.

Tabela 1

Fases dos Trabalhos de Campo na região da Pesquisa Etnográfica em Vila Seca, Caxias do Sul.

Fases	Período	Saídas de campo
Pesquisa Preliminar aos Trabalhos de Campo	De 2010 a 2012	Aproximadamente oito saídas de campo, totalizando em torno de 20 dias.
Pesquisa Documental e Bibliográfica	De 2012 e meados de 2013	-
Entrevistas Narrativas (EN)	De fevereiro a junho de 2013	Quatro saídas a campo, totalizando 11 dias.
Observação Participante	De fevereiro a junho de 2013	Durante as saídas de campo

<sup>11</sup> A Entrevista Narrativa (EN) pode ser classificada como um método de pesquisa qualitativa (LAMNEK, 1989; HATCH E WISNIEWSKI, 1995; RIESMAN, 1993; FLICK, 1998 apud JOVCHELOVICH, S.; BAUER, 2002, p. 95). Considera-se como uma forma de entrevista em profundidade, em oposição ao esquema de pergunta resposta da maioria das entrevistas. Na EN, o entrevistado – informante – é encorajado a contar a história sobre um acontecimento importante a respeito de sua vida e do contexto social (JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W., 2002).

<sup>12</sup> A identificação de agentes sociais estratégicos do distrito foi alcançada, primeiramente, através da Associação dos Moradores de Vila Seca, AMOVISE. Nesta fase do estudo da amostragem, propôs-se criar o que se chama de a “semente” da amostra.

<sup>13</sup> GOODMAN, L. Snowball Sampling. In: Annals of Mathematical Statistics, 1961.

A partir da escolha da técnica de amostragem “Bola de Neve”, ainda na fase preliminar aos trabalhos de campo, compreendeu-se que as demais ENs deveriam seguir um processo “multipasso”, em que mais pessoas seriam adicionadas à amostra a cada passo, até que se chegasse à saturação das informações dos narradores.

Portanto, para esta pesquisa, foram realizadas seis ENs, em profundidade, com moradores de algumas famílias pioneiras do processo de formação do distrito (Tabela 2). Convém ressaltar que todos os informantes autorizaram a exposição de suas identidades, bem como registros de imagem e trechos das entrevistas, em um “Termo de consentimento de imagem e/ou gravação”.

Tabela 2

Entrevistados que participaram das ENs, tempo de duração de cada entrevista, tempo total das gravações e transcrições.

Entrevistados (EN)	Duração das entrevistas
Jairo José Rech	57 min
Idalina Oliveira Guerra	67 min
Raul Rodrigues	35 min
Antonino Rabello	17 min
Itamarajá Kieling Medeiros	62 min
Nelson João Suzin	32 min
Total gravação áudio/vídeo	270 min/ 4h e 30 min

As entrevistas constituíram-se em mais de um encontro com cada informante: um com registro de áudio e vídeo e outros com conversas direcionadas, nas quais foram doadas cópias fotográficas das famílias e de eventos do distrito, documentos e árvores genealógicas. Para a realização das transcrições, foram empregadas em torno de cinquenta e duas horas, de modo que tudo foi transcrito sem correções gramaticais, ainda, com pausas e hesitações, momentos de silêncio e comoção. Nas transcrições das ENs, usa-se a própria linguagem espontânea da narração dos acontecimentos, normalmente não empregados em textos da língua culta.

Além das ENs realizaram-se entrevistas por correio eletrônico com a Coordenadora da Rede de Pontos de Cultura, setor de Assessoria de Objetivos e

Metas da Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, Elaine Pasquali Cavion, e com o senhor Lindomar Alves Mendes, pesquisador da cultura e tradição dos Campos de Cima da Serra, poeta, compositor, músico e Ministro Amplo da Capela do Divino Espírito Santo de Vila Seca.

As questões exmanentes<sup>14</sup> das ENs seguiram um roteiro no qual foram tratadas as seguintes questões: Como foi a participação de sua família no processo de formação do distrito de Vila Seca?; Quais os principais eventos, festas, ritos e crenças da comunidade vila-sequense e quais seus significados para a população local?; Que aspectos diferenciam a população de Vila Seca do Caxiense em geral?; O que é ser um vila-sequense?; Quais os principais atores e instituições envolvidos nas na construção, reconstrução e disputa de *memória coletiva* e Como eles se organizam?

Destaca-se, ainda, a participação de alguns informantes privilegiados da pesquisa, entre eles, a filha do senhor Nicanor Soares, um fazendeiro local de ascendência advinda de pioneiros da localidade<sup>15</sup>, a senhora Eveny Maria Soares Dani. Esta colaboradora não concedeu EN à pesquisa, mas participou de vários encontros com a pesquisadora, nos quais apresentou documentos, fotos, árvores genealógicas e depoimentos que possibilitaram a visualização de uma parte das dinâmicas sociais do distrito.

Outro colaborador da pesquisa trata-se do pesquisador, professor, genealogista, economista, membro do Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul e da União Brasileira de Escritores, o senhor Luiz Antônio Alves. Ele demonstrou, em um encontro de aproximadamente quatro horas, a contextualização do processo de formação dos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul, bem como apresentou suas pesquisas e obras publicadas.

Enfim, também colaboraram com a pesquisa a senhora Elisete Medeiros Lauffer, com a doação de fotos e relatos das dinâmicas sociais do distrito, e a senhora Moema Terezinha Medeiros Kuchertt, com a doação da árvore genealógica da família Medeiros e informações sobre a comunidade.

---

<sup>14</sup> As questões exmanentes partem do interesse do pesquisador, suas formulações e linguagens – ao contrário das imanentes que consistem em temas, tópicos e relatos trazidos pelo próprio informante (JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M, 2002).

<sup>15</sup> Senhor Nicanor Soares pertence a uma das famílias que recebeu Carta de Sesmaria, cujo documento será apresentado no sétimo capítulo.

A fim de alcançar um panorama abrangente da pesquisa, construiu-se um “Modelo de análise”, conforme demonstrado na Tabela 3, por meio do qual se propõe a relacionar as principais hipóteses, conceitos, dimensões, objetivos, componentes e questões da EN (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008).

Tabela 3

Modelo de Análise da Pesquisa: Hipóteses, Conceitos, Dimensões, Objetivos, Componentes e Questões da EN.

Hipóteses	Conceitos	Dimensões	Objetivos	Componentes	Questões EN
<p>Pensa-se na <i>memória coletiva</i> do distrito de Vila Seca como uma <i>memória coletiva</i> subterrânea como algo “lusoaçoriano e tropeiro”, em contrapartida a uma <i>memória coletiva</i> majoritária de Caxias do Sul, como algo “italiano”.</p>	<p><i>Memória Coletiva</i></p> <p><i>Efervescência Geral</i></p>	<p>Simbólica</p> <p>Pragmática</p>	<p>Geral:</p> <p>Analisar como a <i>memória coletiva</i> é construída, reconstruída, colocada em disputa dentro do espaço social de lutas simbólicas nas quais a população vila-sequense se insere.</p> <p>Específicos:</p> <p>1. Avaliar como se apresentam as representações coletivas estabelecidas nos momentos de <i>efervescência geral</i> ao longo da história do distrito de Vila Seca;</p>	<p>- Memória Subterrânea e Majoritária;</p> <p>- Conflito e competição entre memórias concorrentes;</p> <p>- Manutenção da coesão interna;</p> <p>- Lugares de memórias;</p> <p>- Momentos de efervescência geral;</p>	<p>Como foi a participação de sua família no processo de formação do distrito de Vila Seca?</p> <p>Quais os principais eventos, festas, monumentos, ritos e crenças da comunidade vila-sequense?</p>
<p>O fenômeno da <i>Etnicidade</i> tem um caráter relacional. A escolha dos traços culturais de realce ou saliência é compreendida</p>	<p><i>Etnicidade</i></p>	<p>Relacional</p>	<p>2. Elencar signos relacionados ao fenômeno da identidade étnica do distrito de Vila Seca;</p>	<p>- Índice e critérios;</p> <p>- Fixação de signos identitários;</p> <p>- Fronteiras Étnicas;</p>	<p>Quais os significados desses eventos, festas, monumentos, ritos e crenças para a população local?</p>

Hipóteses	Conceitos	Dimensões	Objetivos	Componentes	Questões EN
<p>dentro de um campo de inter-relações, no qual se encontram organizadas categorias étnicas contrastantes (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011; BARTH, 1969).</p> <p>Entende-se a <i>etnogênese</i> como um fenômeno de recuperação cultural, segundo Bartolomé (2006). Por outro lado, pensa-se que pode estar consolidado em lembranças de colonização e imigração, que mantêm uma crença subjetiva na procedência comum (WEBER, 2000).</p>	<i>Etnogêneses</i>	Material Simbólica	3. Identificar quais fatores motivam a recuperação cultural da identidade étnica distrito de Vila Seca;	Recuperação cultural	<p>Que aspectos diferenciam a população de Vila Seca do caxiense em geral?</p> <p>O que é ser um vila-sequense?</p>
As <i>memórias subterrâneas</i> ,	<i>Espaço Social</i>	Lutas Simbólicas	4. Analisar os processos sociais: atores e instituições envolvidos no	Capital Simbólico	Quais os principais atores e instituições envolvidos no

Hipóteses	Conceitos	Dimensões	Objetivos	Componentes	Questões EN
possivelmente, emergem em momentos de crise. Nestes períodos, a memória ingressa numa disputa, a qual pode proporcionar conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1989).			fenômeno da construção, reconstrução e disputa da memória, bem como as posições e papéis destes atores e instituições no espaço social investigado;	Eficácia Simbólica	processo de construção, reconstrução e disputa de memória coletiva? Como eles se organizam?

Fonte: Adaptado do **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van, 2008.



Após a fase dos trabalhos de campo, os dados apreendidos nas ENs foram transcritos na íntegra e inseridos em um banco de dados no Excel, para a ulterior codificação e análise. As análises seguiram o exame da regularidade e variabilidade nos dados, bem como o confronto com as hipóteses expressas nesta pesquisa. Em última análise, realizou-se uma apreciação comparativa entre as falas, os silêncios, as memórias, os esquecimentos apresentados no decorrer da pesquisa e a teoria escolhida para a análise do estudo. Sustenta-se, ainda, a rejeição da noção realista da linguagem como meio neutro de refletir e descrever a realidade social, por outro lado, acredita-se nas zonas de silêncio, nas memórias minoritárias e subterrâneas.

Para contextualização da pesquisa empírica, apresentam-se, no próximo capítulo, os aspectos históricos, sociais e demográficos do distrito de Vila Seca e, ainda, aspectos demográficos do município de Caxias do Sul.

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EMPÍRICO

O item três tratará da contextualização do ambiente empírico da pesquisa. Em primeiro momento serão apresentados os aspectos socioeconômicos e demográficos do município de Caxias do Sul, e em segundo, serão apresentadas as características socioeconômicas e demográficas do distrito de Vila Seca.

#### 3.1 CAXIAS DO SUL

O diagnóstico a seguir foi realizado segundo dados secundários elaborados a partir de pesquisa bibliográfica, documental<sup>16</sup> e dos Censos demográficos do IBGE.

##### Aspectos socioeconômicos

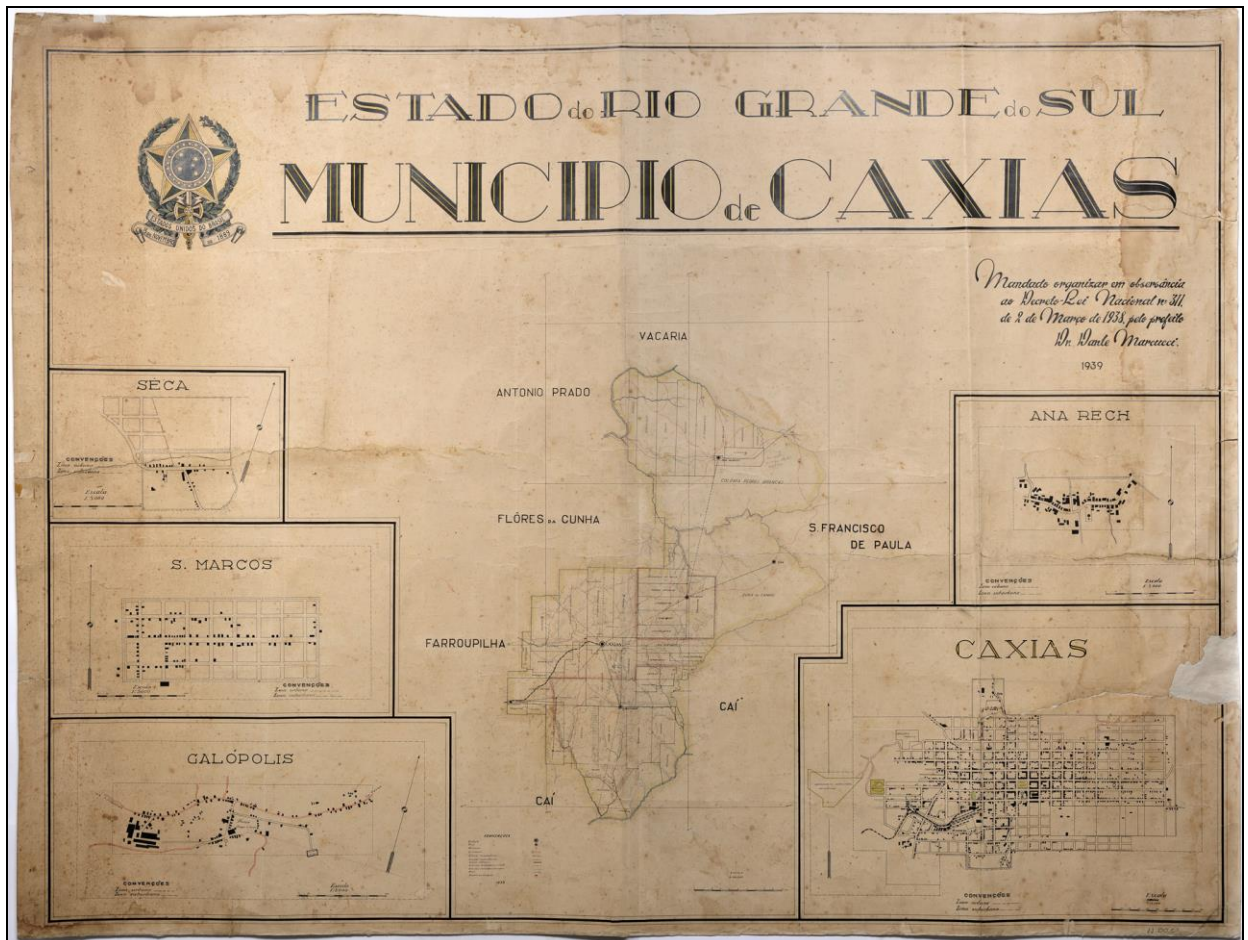
No decorrer das décadas de 1920, 1930 e 1960, Caxias do Sul realizou um processo de emancipação de suas áreas, as quais deram origem aos municípios de Flores da Cunha (07/05/1924), Farroupilha (11/10/1934) e São Marcos (09/10/1963). Embora tenham ocorrido perdas de áreas do município, Caxias do Sul incorpora a seu território os distritos de Criúva, Vila Seca, Vila Oliva e parte de Santa Lucia do Piaí, os quais pertenciam a São Francisco de Paula, como será detalhado posteriormente.

Essas mudanças jurídico-administrativas podem ser ilustradas em dois mapas de Caxias do Sul, datados de 1938-39 e 1955, respectivamente. O primeiro demonstra a sede de Caxias, os distritos de Ana Rech e Galópolis, hoje Regiões Administrativas, e ainda, incorpora São Marcos, município emancipado após 1963, bem como já apresenta Vila Seca junto ao seu território (Figura 19). O segundo evidencia a sede do município de Caxias do Sul e os distritos de Criúva, Fazenda Souza, Galópolis, Santa Lucia do Piaí, São Marcos, Vila Oliva e Vila Seca (Figura, 20).

---

<sup>16</sup> A pesquisa documental foi realizada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, o qual concedeu permissão de uso de cópias de fotos e mapas. Todavia, ao visar resguardar o interesse público e cumprir a legislação vigente sobre o direito autoral – Lei 9.610/98, e sobre a Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados – Lei 8.159/91, o usuário compromete-se a realizar a indicação de fonte, autoria, local, data do documento e acervo (DECLARAÇÃO DE USO DE IMAGEM – ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI).

Figura 19 - Planta geral do município de Caxias do Sul, 1938-1939.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami - Imagem 11.00.03 do Setor de Arquivo.



Os aspectos socioeconômicos da região denominada colônia italiana de Caxias do Sul demonstram que o município possui um setor secundário com características atreladas a sua formação histórica, uma vez que os imigrantes que chegaram da Itália no século XIX, além de agricultores, exerciam outros ofícios, tais como fotógrafos, barbeiros, sapateiros, relojoeiro, e outros tantos de matriz urbana (BREITBACH, 2002).

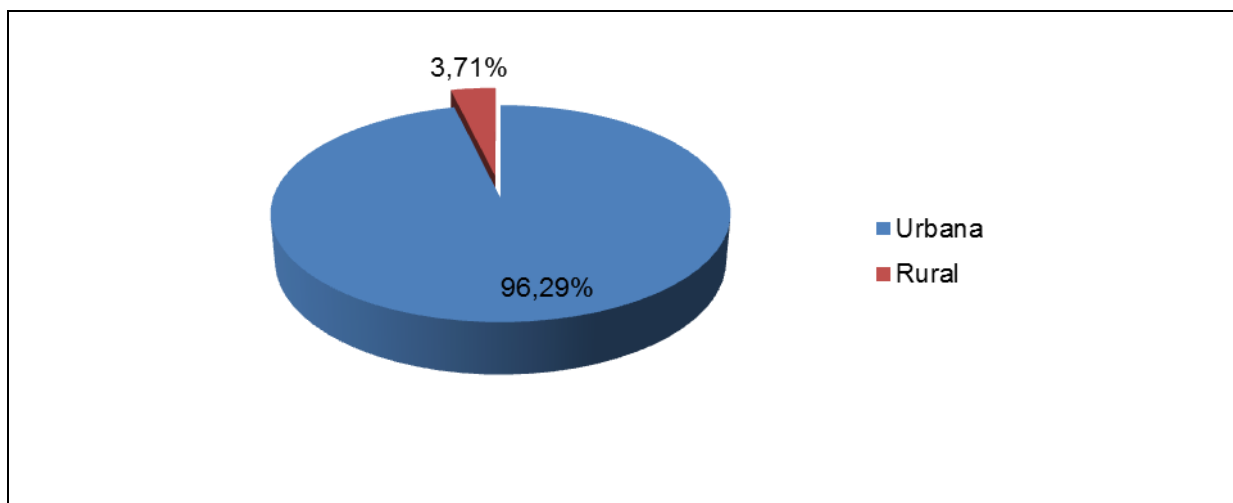
Todavia, apesar do fortalecimento dos ramos já existentes, surgiram novos, como é o caso do polo metalomecânico e do transporte. Na década de 1970, Caxias passou por grande impulso nesses setores devido ao desenvolvimento da indústria automobilística brasileira. Segundo pesquisa econômica, essa diversificação possui raízes longínquas e contribuiu para o arrefecimento da crise econômica dos anos 1980, bem como corroborou para que a década de 1990 passasse sem experimentar outra crise. Por fim, visualiza-se a intensificação dessa diversificação até os dias atuais (BREITBACH, 2002).

A seguir, mostram-se os dados demográficos de Caxias do Sul. Como visto anteriormente, a expansão populacional das últimas quatro décadas pauta-se em fatores históricos, os quais colaboraram para sua diversificação industrial. Tamaña diversificação coopera para a migração de pessoas de diversos municípios gaúchos e outras unidades da federação ao município de Caxias do Sul (BREITBACH, 2002).

#### Aspectos demográficos

A seguir serão apresentados os aspectos demográficos do município que se encontra na segunda posição do *ranking* em população no Estado do Rio Grande do Sul. Conforme os dados compilados do Censo Demográfico 2010, a população do município de Caxias do Sul encontra-se com 435.564 habitantes, os quais estão distribuídos em 419.406 moradores em domicílio urbano (96,29%) e 16.158 moradores em domicílio rural (3,71%), conforme representação da Figura 21.

Figura 21 - Distribuição da população total por situação de domicílio no município de Caxias do Sul em 2010.



Fonte: Dados do Censo Demográfico IBGE, 2010.

A Tabela 4 apresenta a taxa média geométrica de crescimento anual da população. Esta tabela utiliza variáveis em marcos temporais diversos referentes à população residente. A taxa de crescimento geométrica total verificada para o município de Caxias do Sul no período 2010 foi de 1,91%.

Tabela 4

População urbana, rural, total e taxa de crescimento geométrico<sup>(1)</sup> da população de Caxias do Sul - 1970 a 2010.

Situação	População residente (habitantes)					Taxa de crescimento			
	Ano					Período			
	1970	1980	1991	2000	2010	70/80	80/91	91/00	00/10
Urbana	114.015	200.314	264.775	333.391	419.321	5,80%	2,57%	2,59%	2,32%
Rural	30.856	20.239	26.150	27.028	16.161	-4,13%	2,36%	0,37%	-5,01%
Total	144.871	220.553	290.925	360.419	435.482	4,29%	2,55%	2,41%	1,91%

Fonte: IBGE (2010), SIDRA.

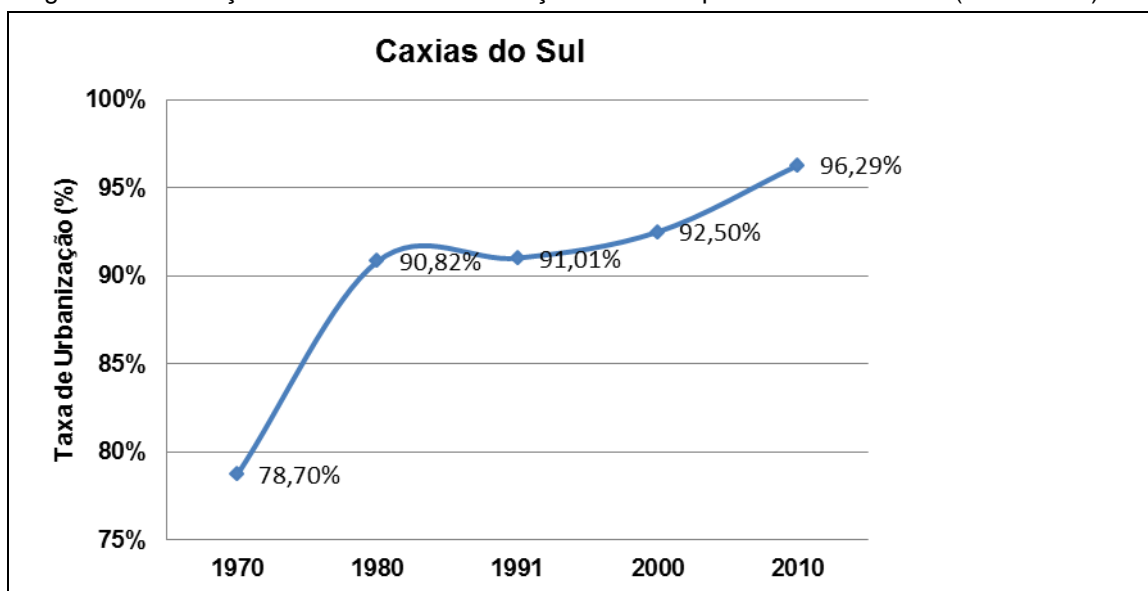
Nota <sup>(1)</sup>: Percentual de incremento médio anual da população residente em determinado espaço geográfico, no período considerado. É medido pela fórmula:  $r = \left[ \left( \frac{P_t}{P_0} \right)^{\frac{1}{n}} - 1 \right] \times 100$

Percebe-se pela visualização da tabela acima que a população total da região apresenta crescimento constante em taxas decrescentes. A população urbana cresceu em ritmo mais acelerado do que a população total. A população rural registrou uma variação negativa nas décadas de 1970 para 1980, bem como de

2000 para 2010, devendo-se possivelmente à capacidade de atração do polo industrial urbano (BREITBACH, 2002).

Quanto à taxa de urbanização do município de Caxias do Sul (Figura 22), observa-se uma evolução desses percentuais entre os anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Notadamente, com maior destaque para a década de 1970 a 1980 quando a região teve um incremento mais acentuado na população urbana. Para os períodos mais recentes, as taxas de urbanização permanecem em ascensão, embora em menor proporção.

Figura 22 - Evolução das taxas de urbanização do Município de Caxias do Sul (1970-2010).



Fonte: IBGE - Censos demográficos, 2010.

O fenômeno da urbanização encontra-se em constante expansão em todo o país, possivelmente pela busca da diversificação das formas de geração de emprego e rendimentos das cidades. Ao seguir essa tendência, o município de Caxias do Sul diminuiu, significativamente, sua população rural. O Censo Demográfico do IBGE do ano de 2010 indica que a população rural de Caxias do Sul passou de 7,5% do total da população do município para 3,7%.

Em um contexto de expansão da população urbana em detrimento da rural, busca-se analisar o fenômeno da *recuperação cultural* de uma comunidade campeira que busca sua reprodução. Logo, a *recuperação* ou *invenção de identidade* será investigada sob a ótica de uma diferenciação étnica historicamente

construída, por meio de estratégias de organização simbólica e material da realidade social (BARTOLOMÉ, 2006).

A seguir será demonstrada a caracterização socioeconômica e demográfica do distrito de Vila Seca.

### 3.2 VILA SECA

O diagnóstico socioeconômico e demográfico de Vila Seca teve como fonte os dados por Setor Censitário do Censo demográfico de 2010.

#### Aspectos socioeconômicos

O distrito de Vila Seca, o qual se encontra inserido na região dos Campos de Cima da Serra, segundo relatos de seus moradores, foi povoado por imigrantes luso-açorianos vindos de Santo Antônio da Patrulha e Laguna. Todavia, outros grupamentos humanos fizeram parte de sua formação, conforme será tratado no quinto capítulo deste estudo.

As povoações estabelecidas nos Campos de Cima da Serra incorporaram aos seus valores e crenças, oriundos de seu local de origem, outros traços culturais típicos de aspectos relacionados à geografia do novo lugar, formado por campos, pecuária, matas de araucária, entre outros aspectos. Apesar de a comunidade de Vila Seca, atualmente, constituir-se por várias etnias, ela autodetermina sua identidade como luso-açoriana, tropeira e campeira.

Em finais do século XIX, a localidade já possuía três grandes fazendas: “Fazenda São Marcos”, “Fazenda Souza” e “Fazenda Ilhéus”, apresentando áreas de campos e de matas. No início do século XX, um agrimensor de origem italiana, chamado Patrício Pasquali deixou mais de mil hectares de terra para seus doze filhos. Por volta de 1912, a atuação de Pasquali foi decisiva para a fundação de uma vila na região que se constituía, inicialmente, de uma bodega e de um pequeno hotel para tropeiros (DALL’ALBA; TOMIELLO et al., 1987, v.1).

Durante a pesquisa escutou-se inúmeras vezes em conversas informais com os moradores de Vila Seca a origem do nome do distrito, conforme consta no sítio da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.



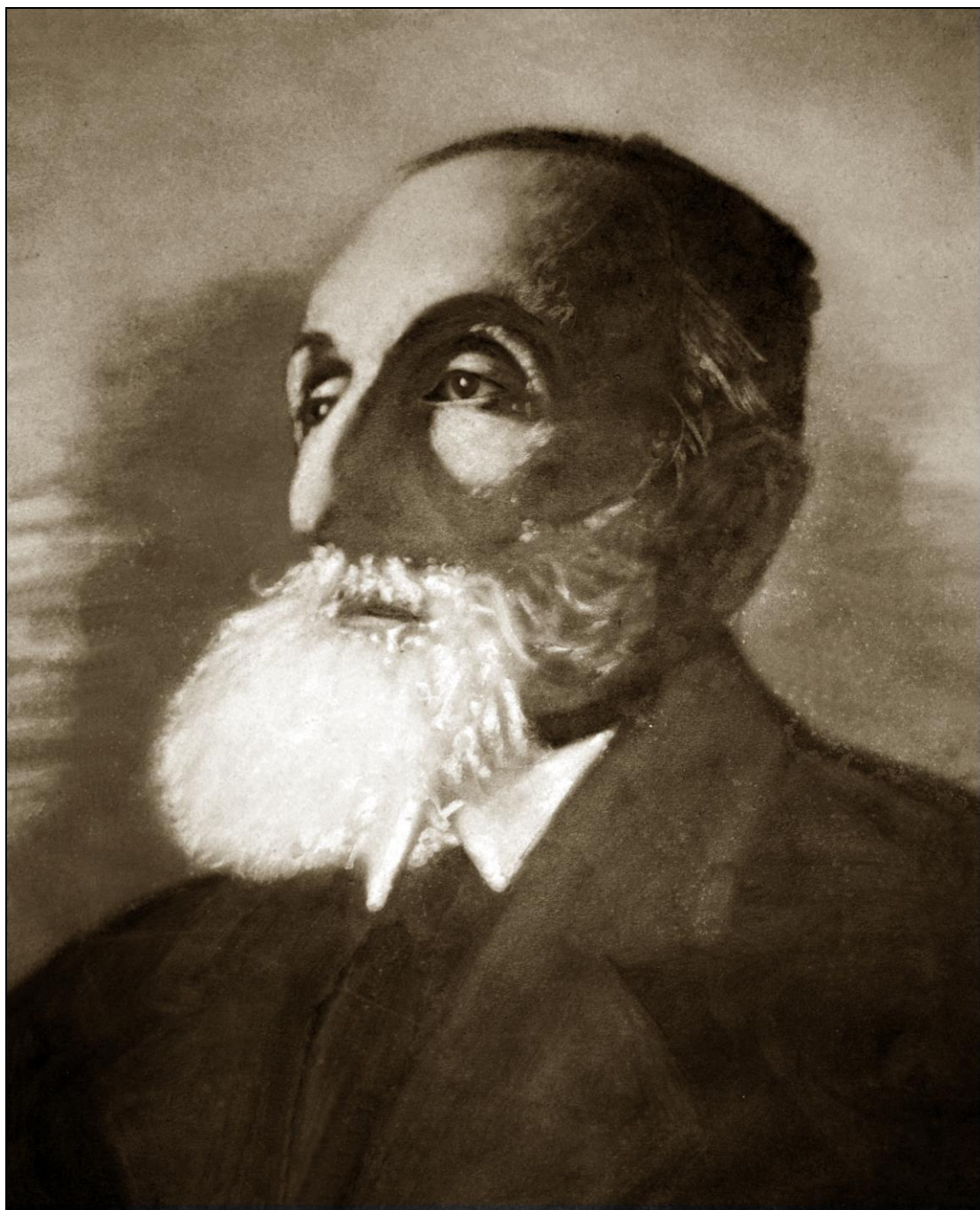
Na época houve discussão entre alguns moradores sobre qual local seria mais adequado para a construção da mesma, pois tanto Patrício (Figura 23) quanto Niquinho (Figura 24) queriam fazer a doação do terreno. Patrício ofereceu um terreno na esplanada, mas Niquinho preferia a encosta, pois lá havia muita água, escassa na esplanada. No final, vigorou a vontade de Pasquali, e, chateado, Niquinho rogou praga dizendo que não haveria água para abastecer o local, que seria uma vila sem água, uma vila seca, e Vila Seca ficou, então, definido o nome do distrito (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2014).

Figura 23 - Retrato de Patrício Pasquali, agrimensor e doador das terras em que hoje se encontra o núcleo urbano do distrito de Vila Seca.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul. Autoria desconhecida, década de 1940.

Figura 24 - Retrato de Antônio Pereira Soares, “Niquinho” ou “Tio Nico”, como era chamado.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Eveny Maria Soares Dani.

Em 1939 o distrito de Vila Seca passou a integrar-se ao município de Caxias do Sul. A área do atual do território de Vila Seca pertencia, inicialmente, ao município São Francisco de Paula. Por meio do decreto nº 7842, de 30/06/1939, estabeleceu-se a divisão administrativa e judiciária, e a região passa a pertencer à jurisdição do município de Caxias do Sul (Figura 25).

Figura 25 - Praça Cordeiro de Farias no distrito de Vila Seca, data aproximada, dezembro de 1942.



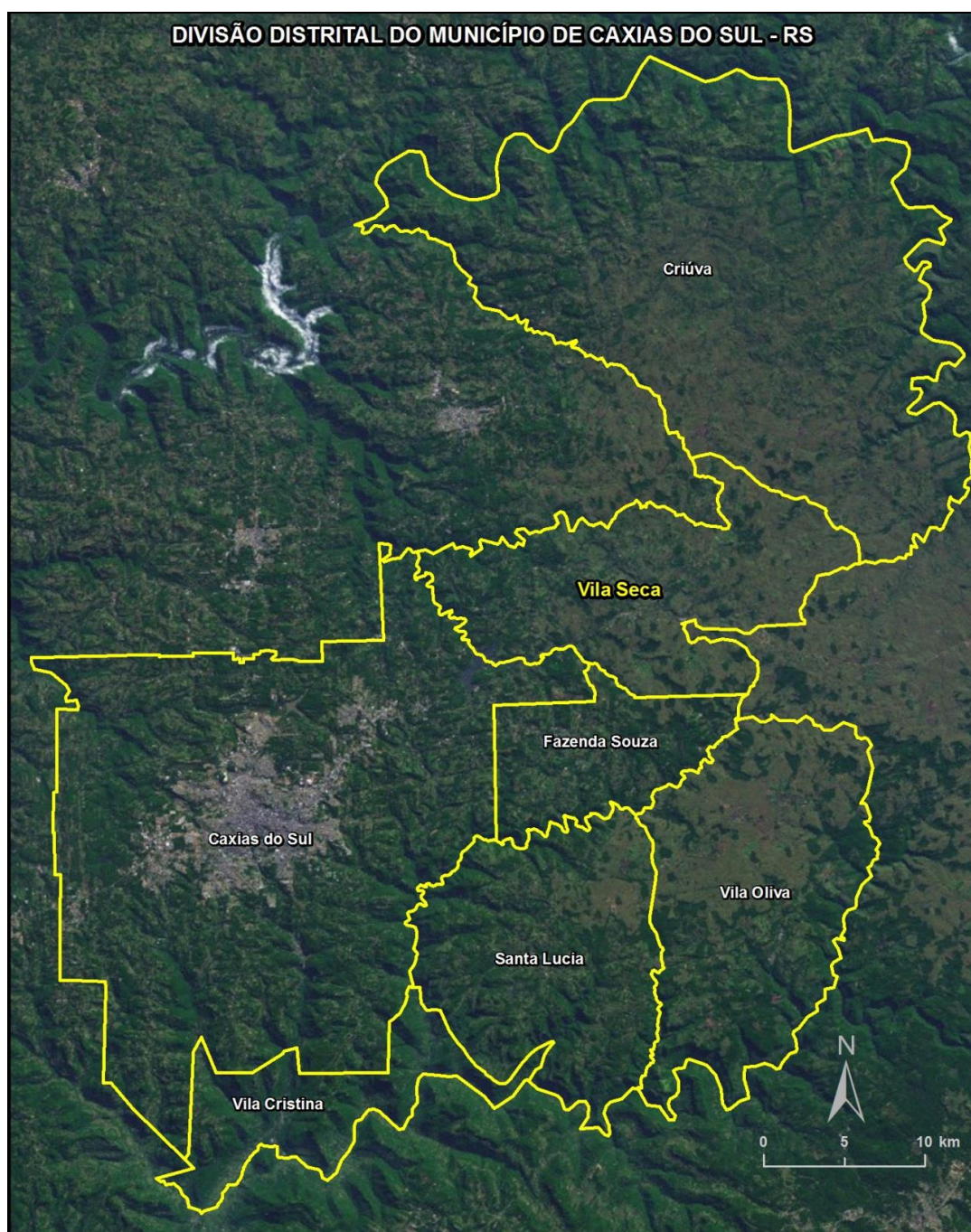
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul. Autoria: Studio Geremia.

Segundo a jurisdição vigente, Caxias do Sul compõe-se de seis distritos, conforme se pode observar na Figura 26: Criúva, Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, Vila Cristina, Vila Oliva e Vila Seca. Todavia, destaca-se que, entre os distritos abaixo relacionados, Criúva, Vila Seca, Vila Oliva e parte de Santa Lúcia do Piaí pertenciam a São Francisco de Paula, que, por sua vez, mostra-se originário de Santo Antônio da Patrulha. Logo, aproximadamente 55% do território atual de Caxias do Sul fazia parte do município de São Francisco de Paula (ALVES, 2007).

Essa mudança não somente alterou a configuração político-administrativa de Caxias do Sul, mas também proporcionou relações interétnicas em um mesmo município, uma vez que pessoas da região da “Colônia Italiana” e pessoas da região dos “Campos de Cima da Serra” passam a ser denominados como caxienses.

Apesar de esta nova área compor uma grande extensão territorial do município, seus habitantes correspondem a uma minoria demográfica. Hoje os moradores residentes em situação rural no município de Caxias do Sul constituem 3,7% da população total do município (IBGE, 2010). No entanto, há uma constante organização das identidades étnicas e intensificação dos processos de manutenção de fronteiras, conforme será tratado no decorrer do estudo.

Figura 26 - Município de Caxias do Sul e seus seis distritos.



Fonte dos dados: divisão política: IBGE, 2010. Imagem de Satélite: ArcGis Online. Elaboração: Tielle Soares Dias.

Convém destacar que o distrito de Vila Seca é composto por seis localidades, sendo que, em cada uma delas encontra-se uma capela; portanto, as localidades denominam-se: Nossa Senhora Aparecida, São Gotardo, Boca da Serra, Menino Deus e Dalagno, além do núcleo central de Vila Seca, com a Capela do Divino Espírito Santo, conforme pode ser visto na sequência compreendida entre a Figura 27 e a Figura 32.

Figura 27 - Igreja e localidade de Nossa Senhora Aparecida, construída e benta em 1956.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 28 - Igreja e localidade de São Gotardo, zona de colônia italiana, situa-se a sudoeste da sede do distrito, aproximadamente 13 km do centro urbano. Começou a ser construída em 28/01/1963.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 29 - Igreja de Santo Agostinho, em Boca da Serra, construída em 1932.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 30 - Capela e localidade Menino Deus, prédio de alvenaria construído na década de 1980.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 31 - Capela Santo Expedito, localidade de Dalagno.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 32 - Igreja Divino Espírito Santo, Praça Cordeiro de Farias, no núcleo central do distrito de Vila Seca.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No núcleo central do distrito, encontra-se a Praça Cordeiro de Farias com a Capela do Divino Espírito Santo, além da Subprefeitura, o cartório, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Veríssimo, a Unidade Básica de Saúde, o Ginásio de Esportes e o comércio local. Destaca-se que, no ano de 2012, o distrito de Vila Seca completou seu centenário de existência, que ocorre concomitante ao centenário da Capela do Divino Espírito Santo, padroeiro da localidade.

Ao analisar a memória de um grupo religioso sob as lentes da teoria durkheimiana, vê-se que nos lugares sagrados, ou lugares de culto, “Deus é onipresente” para os fiéis (HALBWACHS, 2012, p. 186). Na igreja, a imagem do Cristo crucificado evoca o sacrifício pelo qual ele passou. Ao se erguer uma Igreja e torná-la benta, seus devotos, em inúmeros rituais, revivem as cenas da Paixão. No que tange à memória coletiva, estes lugares perpetuam o pensamento religioso do grupo. Por ora, pode-se pensar que a comunidade de Vila Seca tem tantas localidades quantas são suas Igrejas. Os lugares de memória permitem uma reflexão sobre o fato de que, embora a *memória coletiva* passe por constantes transformações, o espaço torna-a estável para que perdure.

No ano do centenário da Capela do Divino, ergue-se no distrito uma placa em sua homenagem (Figura 33) e o Marco da Rota dos Tropeiros (Figura 34). A inauguração dos dois monumentos ocorreu na ocasião da chegada da 16ª Cavalgada do Divino Espírito Santo, na 5ª Festa do Pinhão, período em que ocorreu o 4º Encontro de Muleiros da Serra Gaúcha.

Figura 33 - Placa alusiva às comemorações do Centenário da Capela do Divino, Vila Seca - Caxias do Sul - 2012.



Fonte: Acervo pessoal da autora.



Segundo a tradição metodológica durkheimiana, os monumentos podem ser compreendidos como indicadores de memória coletiva, na medida em que definem o que é comum ao grupo, o que os diferencia dos outros, uma vez que tanto podem fundamentar sentimentos de pertencimento quanto reforçar as fronteiras étnicas (POLLAK, 1989, p.1).

Figura 34 - Monumento alusivo ao “Marco da Rota dos Tropeiros”, Vila Seca – Caxias do Sul, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No espaço geográfico de Vila Seca, ainda, perduram lembranças de um tempo em que a região era percorrida, durante os séculos XIX e início do século XX, por comerciantes tropeiros, conforme será tratado no capítulo quatro desta pesquisa.

Quanto aos aspectos econômicos, o distrito caracteriza-se por uma área com setor primário fundamentado na criação de aves, pecuária extensiva de bovinos e ovinos, fruticultura e olerícolas. Para o setor secundário, destaca-se a presença de olaria, abatedouro de ovinos e madeireiras. Já o setor terciário constitui-se por um agrupamento comercial, o qual se localiza o núcleo urbano de Vila Seca.

A seguir serão apresentados os aspectos demográficos do distrito de Vila Seca, conforme os dados do Censo demográfico do ano de 2010.

## Aspectos demográficos

Quanto aos aspectos demográficos, a população de Vila Seca encontra-se com 2.113 habitantes, de modo que está distribuída em 778 moradores no núcleo urbano, ou seja, 36,82%, e 1.335 moradores no núcleo rural, ou seja, 63,18% da população total (IBGE, 2010).

A Tabela 5 demonstra a distribuição por gênero e situação de domicílio do distrito de Vila Seca. Os dados apresentados na tabela mostram que tanto a população total quanto a população rural apresentam um percentual de homens superior ao de mulheres, ou seja, 51,44% e 53,18%, respectivamente. Todavia, na sede urbana, essa tendência não se mantém, uma vez que o percentual de homens é inferior ao de mulheres, ou seja, representa 48,46% da população.

Tabela 5

Distribuição por gênero e situação de domicílio da população do distrito de Vila Seca em 2010

Sexo	Total		Sede urbana <sup>(1)</sup>		Área rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homens	1.087	51,44%	377	48,46%	710	53,18%
Mulheres	1.026	48,56%	401	51,54%	625	46,82%
Total	2.113	100,00%	778	100,00%	1.335	100,00%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Nota <sup>(1)</sup>: A sede urbana do distrito constitui-se pela Capela do Divino Espírito Santo, praça central, cartório, escola, posto de saúde, ginásio de esportes e comércio local.

Quanto à distribuição etária na sede urbana (Tabela 6), visualiza-se um percentual de adultos superior às outras faixas etárias, ou seja, 43, 83%, sendo que as crianças representam 25,58%; os jovens, 15,94%; e os idosos, 14,65%.

Tabela 6

Percentual da população da sede urbana do distrito de Vila Seca em relação à distribuição etária e situação de domicílio

Distribuição etária	Nº	%
---------------------	----	---

Distribuição etária	Nº	%
Crianças (0 a 14)	199	25,58%
Jovens (15 a 24)	124	15,94%
Adultos (25 a 59)	341	43,83%
Idosos (60 ou mais)	114	14,65%
Total	778	100,00%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Na área rural (Tabela 7), a distribuição da população em faixas etárias evidencia um percentual de adultos, ainda, superior à área urbana, ou seja, 52,28% da população rural total. Já a população de crianças, jovens e idosos apresenta um decréscimo em relação à área urbana do distrito.

Tabela 7

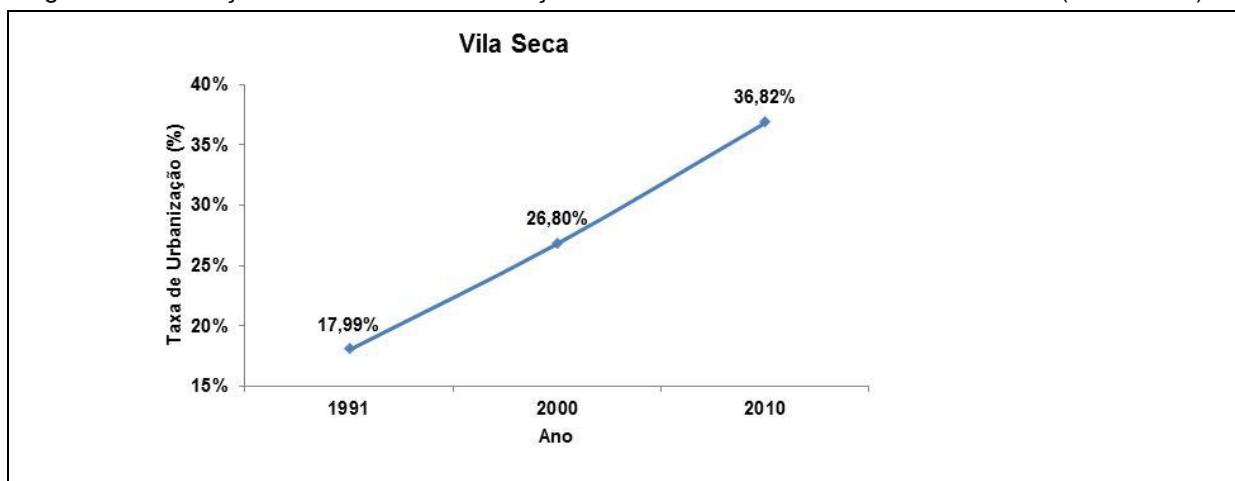
Percentual da população rural do distrito de Vila Seca em relação à distribuição etária e situação de domicílio

Distribuição etária	Nº	%
Crianças (0 a 14)	289	21,65%
Jovens (15 a 24)	168	12,58%
Adultos (25 a 59)	698	52,28%
Idosos (60 ou mais)	180	13,48%
Total	1.335	100,00%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

A Figura 35 mostra o percentual de urbanização do distrito de Vila Seca em relação às variações da população urbana total, entre os períodos de 1991 e 2000, bem como de 2000 a 2010. Observa-se por meio do gráfico um incremento da urbanização, com crescimento constante, em um período de aproximadamente duas décadas.

Figura 35 - Evolução das taxas de urbanização do Distrito de Vila Seca - Caxias do Sul (1991-2010).



Fonte: IBGE- Censos demográficos, 2010.

Na década de 1991, a população total do distrito apresentava-se em 1.450 habitantes, sendo que 262 pertenciam à área urbana, ou seja, um percentual de urbanização de 17,99%. Em 2000, essa relação passa de um total de 1.907 habitantes do distrito para 511 na área urbana (26,80%). Enfim, a década de 2010 demonstra, para um total de 2.113 habitantes, 778 na área urbana (36,82%).

Por conseguinte, algumas considerações podem ser feitas quanto aos aspectos socioeconômicos e demográficos apontados neste capítulo e sua relação com o estudo proposto. O processo de crescimento demográfico tanto do município de Caxias do Sul quanto do distrito de Vila Seca demandou a capacidade de incremento nos investimentos em infraestrutura, no que tange às situações de habitação, saúde, educação e saneamento. Um destes aspectos refere-se ao fornecimento de água potável à população caxiense. Todavia, para além da utilização dos recursos naturais do meio rural, da chamada “Zona das Águas”, necessita-se pensar novas formas de reprodução dessas comunidades. Assim, os processos de configuração étnica podem revelar-se como estratégias políticas pela disputa de recursos, mas também pela dimensão de sentido dessas populações. A seguir, veremos como ocorreu o processo de povoamento da população dos Campos de Cima da Serra.

#### 4. O TROPEIRISMO NO EXTREMO MERIDIONAL DO BRASIL

Alguns trechos do poemeto Campestre satírico *Antônio Chimango* de Amaro Juvenal (1915), demonstrado abaixo, abordam situações da vida dos tropeiros:

XXXIII

A tropa foi se deitando,  
 Pouco a pouco e 'socegou'  
 Quando o capataz mandou:  
 - Ronda larga e à vontade  
 Que com folga e liberdade  
 Nunca o boi se alvorotou.

XXXIV

Não tinha havido desconto,  
 Gado mui bem conduzido,  
 Sobre tudo bem bebido,  
 Pastando em marcha e reponte;  
 Sem mesmo ter percebido.

XXXV

Ninguém lamente o tropeiro  
 Porque leva a vida ingrata,  
 Se na lida se maltrata  
 Tem muita compensação:  
 Tropa mansa, bom rincão,  
 Ronda com luar de prata.

XXXVI

Assim pois que nesta noite  
 Foi grande o contentamento:  
 Tempo lindo, nenhum vento,  
 Matte e carne com fartura,  
 Lenha 'secca' e agua pura  
 Não faltou no acampamento.  
 Amaro Juvenal<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup>Convém ressaltar que se manteve a escrita original do trecho extraído do Poemeto Campestre **Antônio Chimango**: Segunda Ronda. Amaro Juvenal. 2. ed. Porto Alegre, 1915. Para esta sátira a Borges de Medeiros, o autor, Ramiro Barcelos, utiliza o pseudônimo Amaro Juvenal.

#### 4.1 DO FENÔMENO DO TROPEIRISMO À POVOAÇÃO

Por volta de 1876 começa a ser aberto um “picadão”, de Caxias do Sul, em direção aos Campos de Cima da Serra, que foi inaugurado em 27 de maio de 1883. A estrada passava por Ana Rech, seguia rumo ao município de São Francisco de Paula e atravessava Vila Seca. Atualmente, este caminho encontra-se nas imediações dos municípios de Canela, Vacaria, Bom Jesus, Cambará do Sul e liga-os ao Estado de Santa Catarina através da BR 116 (DALL’ALBA; TOMIELLO et al., 1997, p. 118, v.2).

A abertura desta estrada proporcionou o início do comércio entre a população Serrana e a Colônia Caxias. A comunidade Serrana passou a utilizar o transporte de mercadorias por cargueiros e lombo de burro. Os tropeiros do Sul de Santa Catarina e do litoral gaúcho, de Três Forquilhas, subiam a Serra trazendo suas mercadorias e levavam outros produtos da região Serrana. No caminho a Caxias do Sul, os tropeiros passavam por inúmeros pousos, entre eles, Vila Seca, Boca da Serra, São Nicolau, Ana Rech. Em cada pouso havia um galpão onde os tropeiros descansavam à noite para seguir viagem no dia seguinte. Ao lado dos pousos, também funcionava uma casa comercial de secos e molhados (DALL’ALBA; TOMIELLO et al., 1997, p. 118, v.2).

Nesse cenário, Vila Seca surge como um caminho de pouso de tropeiros. O núcleo urbano da vila começa a desenvolver-se a partir da construção da Igreja, do cartório, do hotel de parada de tropeiros e das casas de comércio de mantimentos trazidos pelos tropeiros (Figura 36).

Figura 36 - Área urbana de Vila Seca, passagem de boiada pelas ruas do distrito. Na esquina, destaca-se a casa de comércio de “secos e molhados”: Pedro Balbinotti.



Fonte: Acervo pessoal de Itamarajá Kieling Medeiros.

A senhora Idalina Oliveira Guerra, nascida em Vila Seca há 80 anos, bisneta do agrimensor que doou as terras para a construção do núcleo urbano de Vila Seca, sobrinha de tropeiros, nora de marceneiro e filha de ferreiro, narra como a dinâmica dos tropeiros fazia parte da rotina do distrito:

[...] então, aí fizeram essa igreja em Vila Seca, lá no centro, né, daí tudo começou. Meu pai era ferreiro. Ah, o seu Octávio tinha um hotel, os Balbinotti tinha Casa de Comércio, eram dois irmãos, o Ângelo e o Pedro. Essas lojas de comércio tinham tudo. Era Seco e Molhado, como dizem hoje. Tinha tudo: fazenda, comida, tudo um pouco, couro, vendia de tudo. E esse material vinha para cá pelos tropeiros, não tinha outra condução (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

O bisneto de tropeiros, o senhor Raul Rodrigues, 55 anos, profissão marceneiro, cujo ofício herdou do pai e tios, descreve outros fatos envolvidos ao fenômeno do tropeirismo na região. Convém ressaltar sua admiração ao fato de que o avô foi um implantador de diversas espécies de árvores na localidade:

Assim, uma coisa que me chamava muita atenção: onde eles fizeram lavouras, onde eles tiveram casas, com o passar do tempo, sobraram somente as fruteiras. E uma coisa que chamava atenção é os eucalipto, as laranjeira de umbigo, as laranja do céu, ah, o marmelo (porque tem marmelo doce), isso me chamava atenção. E eu ficava me questionando: mas como é que nas tapera do vô tinha isso, e em outras não existia? Aí vem o questionamento com os tios, com os primos, o porquê disso. Eles passavam a me contar que o vô descia daqui com charque, pinhão, couro pra Praia Grande e de lá ele subia com cachaça, com rapadura, com as mudas. E muitas vezes o pessoal aqui da vila tava aguardando ele chegar com as mudas das fruteiras. Então, a partir dali que eu comecei a entender o porquê dessas plantas nas taperas dele. É uma coisa assim que me fascina saber que ele foi um implantador de certas espécies aqui nessa região (Entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013).

Em entrevista com o Senhor Nelson João Suzin, 80 anos, em junho de 2013, morador de “Boca da Serra”, evidenciam-se outras transações comerciais efetuadas entre os tropeiros e os donos de Casas de Comércio. A supracitada localidade situa-se a cerca de 5 km da área central de Vila Seca. A seguir, o senhor Nelson relata suas recordações sobre os tropeiros:

Eu posso te contar um pouco do que eu me recordo. [...] E os tropeiro, eles vinham com as tropas, com cargueiro, com broaca, com cangalha. Eles vinham carregados de coisa: couro, queijo, charque. Eles vinham aqui de São Francisco, aqui de fora [...] vinham se abastecer aqui, que tinha a casa dos David. Era do Jorge David. Uma casa de comércio grande. Na Boca da Serra, existe até hoje; só que foi rebaixada. Era de dois andares; hoje ela tem um. Vendia de tudo e comprava de tudo. Essa casa de comércio negociava com os tropeiros. Eles traziam produtos do campo, de tudo, queijo, cera, mel, qualquer coisa que eles colhiam ali por fora. Couro, eles carneavam. Tudo eles compravam, traziam ali, e negociavam a troco de produto e voltavam. Depois, com o tempo, foi desaparecendo porque surgiu na Vila Seca, o falecido Ângelo Balbinotti e Pedro Balbinotti, duas casas de comércio grande (Entrevista concedida por SUZIN, Nelson João, 2013).

Segundo Dall’Alba; Tomiello et. al. (1997), os tropeiros deram o nome à localidade. Conforme eles diziam: “Vamos pousar no galpão da Boca da Serra”. De acordo com os autores, em torno do ano de 1915, Boca da Serra possuía um grande galpão que servia de pouso para os tropeiros quando estes se deslocavam dos Campos de Cima da Serra para Caxias do Sul (DALL’ALBA; TOMIELLO et. al., 1997, p. 408, v.2).

O lugar possui, ainda, um prédio de valor histórico denominado “Moinho Boca da Serra”, construído pela família Corso, entre as décadas de 1920 e 1930, conforme a Figura 37.



Figura 37 - Moinho Boca da Serra nos dias atuais.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Este edifício mostra-se como objeto registrado pelo Inventário do Patrimônio Histórico Rural do Município de Caxias do Sul, que foi realizado pela Prefeitura através do Projeto Urbal-Victur. Além deste prédio, destacam-se outros equipamentos de valor histórico e cultural na localidade, como a Capela de Santo Agostinho, o antigo armazém de madeira e a residência Itacir Brogliatto.

Convém destacar que o Moinho também exerceu um papel de lugar de encontro dos fiéis, visto que, no seu interior, foi erguida uma capela, a pedido de dona Meneguina, esposa de Agostinho Corso, onde os moradores da região se encontravam para rezar, enquanto não existia a Igreja da localidade. Na década de 1970, o Moinho Boca da Serra foi desativado.

A Casa de Comércio do senhor Jorge David (Figura 38) e a Igreja Santo Agostinho (Figura 39) serviram de cenário para o filme “O Quatrilho”<sup>19</sup>. Conforme relata, ainda, em EN, o senhor Nelson Suzin:

---

<sup>19</sup> O filme “O Quatrilho” narra uma história de imigrantes italianos nos Campos de Cima da Serra no início do Século XX. Dirigido pelo cineasta Fábio Barreto, na década de 1990, baseado em obra homônima de José Clemente Pozenato.

Tem a nossa igreja aí, a Igreja de Santo Agostinho, que foi construída e inaugurada em 1932. Quem fez a doação do terreno foi Eugênio Corso e o Angelim Corso. Então, por isso tem o nome de Santo Agostinho, [...] quis dar o nome do filho Agostinho. É uma igreja que já registrou um fato importante com o filme “O Quatrilho”, que foi feito aqui. [...]. A Igreja também ficou patrimônio histórico [...]. Antes de ter a Igreja de Santo Agostinho, existia uma igrejinha dentro do Moinho. Rezavam missas e tudo. E tinha um frei que vinha ali rezar também (Entrevista concedida por SUZIN, Nelson João, 2013).

Figura 38 - Casa de Comércio do Senhor Jorge David, nos dias atuais, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 39 - Interior da Igreja Santo Agostino, ano de 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por volta de 1935, extinguiram-se os pinhais de Boca da Serra; logo, acabaram as serrarias. Houve, ainda, a substituição das tropas pelo automóvel e caminhão. Nesse contexto, “Boca da Serra perdeu sua razão de ser e definhou” (DALL’ALBA; TOMIELLO et. al., 1987, p. 253).

## 5. POPULAÇÕES DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

Este capítulo abordará a dinâmica de formação demográfica dos Campos de Cima da Serra, especificamente, a área que compreende o território atual de Caxias do Sul. Todavia, para se estudar a formação demográfica da região, buscou-se, por meio de uma pesquisa historiográfica, relacionar os diferentes grupamentos humanos que participaram do processo de constituição populacional da Província do Rio Grande do Sul, sejam eles indígenas, afro-brasileiros, luso-açorianos, italianos, poloneses e alemães, sejam tropeiros.

### 5.1 DINÂMICA DE OCUPAÇÃO POPULACIONAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

Esta pesquisa não se propõe somente a resgatar um passado a partir da análise de documentos historiográficos ou da *memória coletiva* da comunidade, mas também se atenta em demonstrar que, nos estudos sobre a memória, não se pode deixar de lado o não dito e as arbitrariedades cometidas no passado.

#### 5.1.1 População indígena

A dinâmica de ocupação populacional da região em estudo inicia-se antes da chegada dos imigrantes italianos no século XIX, ainda, quando a localidade era povoada por indígenas. Estudos relatam, nos Campos de Cima da Serra, a presença de índios Guaianá, da nação Jê Meridional, nos séculos XVII e XVIII; a partir do século XIX, este grupo passa a chamar-se Kaingang. Em alguns registros, pode-se perceber que os Guainá ou Kaingang eram chamados, ainda, de Botocudo, Bugre ou Coroados. Convém destacar que os Kaingang eram coletores e tinham no pinhão importante fonte de subsistência (BECKER, 2006, p. 110-111).

Pesquisadores do processo de povoamento das regiões limítrofes ao distrito de Vila Seca, município de São Marcos e Distrito de Ana Rech, relatam nas obras *História de São Marcos* e *História do Povo de Ana Rech Vol. I e II*, a presença de indígenas na região dos Campos de Cima da Serra (RIZZON; POSSAMAI, 1987; (DALL'ALBA; et al., 1987; DALL'ALBA, et al., 1997). Esses exemplares apresentam descrições de vestígios de ocas, de utensílios domésticos, pontas de flechas encontradas pelos moradores. Narram, também, inúmeros confrontos entre os

autóctones e os fazendeiros locais. Destaca-se a seguir o trecho de um documento do ano de 1845, que relata um pedido de providências de fazendeiros de São Marcos e Criúva à polícia devido às incursões dos indígenas nas fazendas:

Comunicamos a V. Excia., o triste acontecimento de terem os indígenas aprisionados no distrito de Cima da Serra, deste município, a onze homens, uma mulher, um preto e levando duas crianças, sendo incluído no número destes infelizes os tenentes João Lourenzo Vidal e Manoel Pacheco de Moraes.

Rogamos, portanto a V. Excia. tomar consideração a que acima lhe fazemos ver, e providenciar de modo que não continue tão grande mal. Deus guarde V. Excia. Paço da Camara Municipal da Vila de Santo Antônio. 9 abril 1845 André Henrique Carvalho, Antonio José Ferreira Mendes (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 35)<sup>20</sup>.

O documento expõe, ainda, a resposta da polícia aos fazendeiros, sendo que aquela assegura tomar as providências que estiverem ao seu alcance para a perseguição aos índios (RIZZON, POSSAMAI, 1987, p. 36).

No livro *a Historia de Ana Rech Volume I*, há um relato de um massacre praticado pelos “senhores das matas”, por volta de 1865. A mortandade ocorreu durante uma celebração proposta pelos índios como um acordo de paz com os fazendeiros locais. “[...] Da floresta próxima, saltaram dezenas de índios que esfacelaram os crânios dos incautos adversários. Apenas o vigia conseguiu escapar”. Esta ocasião foi exposta, na obra, como provável fator determinante para a intervenção de Governo e retirada dos indígenas das matas e Campos de Cima da Serra para uma reserva no Alto Uruguai, intermediada pelo Cacique Doble. Segundo os escritores, a retirada dos índios ocorreu por volta de 1870 (DALL’ALBA, et al., 1987, p. 62).

A narrativa de um morador do distrito de Vila Seca, em 2013, traz o fato de o contato dos indígenas com imigrantes ter acarretado a redução significativa dos autóctones, principalmente pelas mortes relacionadas às doenças trazidas pelos imigrantes europeus e por disputas territoriais. Seu depoimento, ainda, enfatiza a retirada da população remanescente indígena da região, bem como seu destino à Terra indígena Cacique Doble.

Então, a grande maioria dos índios foi morto por arma de fogo; que, segundo se sabe, onde tem hoje os camelô em Caxias do Sul na praça [...], ali foi a grande carnificina dos índios, onde dizimaram a tribo. Também

<sup>20</sup> Esta citação foi retirada da obra *História de São Marcos* (Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha – Ano 1845 – Lata 132 – Documento nº 8 – Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul apud RIZZON, POSSAMAI, 1987, p. 36).

foram dizimados por doença de branco, como a varíola. E, voltando ao assunto de Vila Oliva, esses índios moravam ali, [...] os padre que já tinham pacificado eles e tal, aí eles ofereceram um território do Cacique Doble, lá era uma vastidão de floresta e lá que eles viveram. E esse Cacique Doble morava aqui na região de Vila Oliva (Entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013).

Ao se trabalhar tanto com a história oral da comunidade vila-sequense quanto com documentos oficiais, observam-se, entre os recorrentes registros, lembranças de uma *memória oficial*. No entanto, existem outras memórias consideradas *memórias subterrâneas* em relação à oficial, ou seja, parte integrante das culturas minoritárias e dominadas (POLLAK, 1989).

Nesse contexto, embora permaneçam alguns costumes indígenas nos Campos de Cima da Serra, como o hábito da coleta do pinhão, destaca-se a inexistência famílias de autóctones na região. Assim, para Confino (1997), o ponto crucial no estudo sobre memória não deve se fixar nas manifestações do passado, mas buscar como ele se mostra aceito ou rejeitado pelo grupo. Ao pesquisador *de memórias* cabe não apenas salientar os sinais diacríticos mais visíveis destes grupamentos humanos, mas também estar atento às fontes menos visíveis, manter-se sensível aos silêncios, às apropriações, às mentiras.

### 5.1.2 População de ascendência africana

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos  
E a quarta e a quinta geração de teu sangue sofredor  
tentarão apagar a tua cor!  
E as gerações dessas gerações quando apagarem  
A tua tatuagem execranda,  
Não apagarão de suas almas, a tua alma, negro! (LIMA  
apud BASTIDE, 1997, p. 48)<sup>21</sup>.

Serão tratados neste capítulo os agrupamentos humanos de ascendência africana participante da dinâmica de ocupação do Rio Grande do Sul, todavia, de forma conferida pelo regime escravagista. Esta população foi introduzida no extremo Sul do Brasil para realizar trabalho compulsório nas *estâncias*. De acordo com o General Borges Fortes (1931), as *estâncias* surgem com a indústria pastoril. Nessas propriedades começa ocorrer o povoamento dos campos, e formam-se “os troncos

<sup>21</sup> Trecho citado por Roger Bastide da obra *Poemas Negros* de Jorge Lima. (BASTIDE, Roger. **Poetas do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 48).

mais vetustos, as raízes mais profundas das famílias patricias” (FORTES, 1931, p. 14).

Todavia, até finais do século XVIII, não havia elementos documentais e estatísticos para analisar a formação étnica da população rio-grandense. Somente a partir de 1780, devido à iniciativa do tenente Córdova, realiza-se o primeiro censo da população do Rio Grande do Sul (PORTO, 1954, v. 4).

Tabela 8

Distribuição da população da Província do Rio Grande do Sul,  
entre 1780 e 1835.

Períodos	Distribuição da população				
	Branco	Índio	Preto	Mestiço	Total
1780	9.433	3.388	5.102	-	17.923
1804	-	-	-	-	36.721
1814	35.991	8.655	20.611	5.399	70.656
1823	-	-	-	-	106.196
1835	92.000	10.000	30.500	18.000	150.500

Fonte: PORTO, 1954, p. 427-430, v.4.

A população negra ingressa na Província do Rio Grande do Sul junto com os lagunistas que vieram se estabelecer nas terras que fariam o “caminho de comunicação” à Colônia de Sacramento. Segundo a historiografia oficial, o genro de Francisco de Brito Peixoto<sup>22</sup>, João de Magalhães, partiu de Laguna em 1725 com o propósito de estabelecer-se “nas passagens do Rio Grande e foi acompanhado de sua família, agregados e escravos” (FORTES, 1931, p. 29).

As primeiras sesmarias da região meridional do Brasil<sup>23</sup>, datadas do século XVIII, apresentavam uma economia de base pastoril. As Sesmarias eram

<sup>22</sup> Segundo Visconde do São Leopoldo, Francisco de Brito Peixoto, Capitão Mor da vila de Laguna, foi o primeiro povoador de Laguna, juntamente com seu pai, Domingos Brito Peixoto. Ambos eram naturais da Vila de São Vicente, em Santos (PINHEIRO, 1946).

<sup>23</sup> O sistema de Sesmarias perdurou no Brasil de 1530 a 1822, o seu término ocorreu com a extinção do Instituto das Sesmarias, em 17 de junho de 1822 (MARIANTE, 1993). No entanto, isso não foi impedimento para que as Sesmarias continuassem a ser concedidas. O Ministro da Fazenda, José Bonifácio, prometeu no ano seguinte apesar da proibição, em nome do Imperador, a um barão alemão interessado em vir para o Brasil, a concessão de uma sesmaria de uma légua de terra em quadra em Santa Catarina, São Paulo ou Rio Grande do Sul. Segundo Hélio Vianna, contudo, houve novas proibições em 1823, 1827 e 1832, as quais sugerem que a questão não havia sido completamente resolvida. Apenas com a Lei de 18 de setembro de 1850 que “foi dado o golpe de

propriedades destinadas à criação de gado, as quais eram concedidas, a pedido, aos que haviam prestado serviço à coroa portuguesa. Muitos sesmeiros eram militares ou dispunham de recursos pecuniários para instalação e manutenção de sua estância (FORTES, 1932, p. 132).

Uma leitura de *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, escrita por Padre Balduíno Rambo (2005), demonstra a origem da atividade pecuária no Rio Grande do Sul:

A criação de gado em grande estilo é, no Rio Grande, desde o ano de 1634, uma herança dos tempos missionários. Da mesma maneira como na campanha e na Serra do Sudeste, as reduções mantinham as suas extensas “vacarias”<sup>24</sup> no planalto para proverem de carne o índio sempre faminto (RAMBO, 2005, p. 310-311).

P. Rambo, na mesma obra, indica que, tanto pela tradição quanto pela habilidade, os descendentes de açorianos, ao longo de todo o território da serra, dedicaram-se quase especialmente à atividade pecuária.

Os Campos de Cima da Serra também foram região de Sesmarias no século XVIII e XIX, que, com o passar do tempo, passaram a ser loteadas aos seus sucessores. Nas fazendas, os negros, descendentes da população escravizada, aprenderam o manejo com o gado e eram utilizados como importante força de trabalho.

A Figura 40 retrata a família do senhor Antonino Rabello, nascido em 10 de junho de 1930 em Vila Seca. Segundo relatos do senhor Rabello, seu pai trabalhou em fazendas da região.

---

morte do regime de concessão de Sesmarias”, vigente havia mais de três séculos no Brasil. Com a “Lei das Terras” ficava proibida aquisição de terras devolutas por outro título senão o de compra. (VIANNA, Hélio. **As Sesmarias no Brasil**. In: Anais do II Simpósio dos Professores Universitários de História. Curitiba: ANPUH, 1962. p. 260-261).

<sup>24</sup> O historiador Aurélio Porto (1954, v.3) indica que o termo *vacaria* – topônimo – assinala uma das regiões a Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul que, inicialmente, designou o lugar em que se encontrava grande quantidade de gado selvagem ou chimarrão. Assim como, o termo “fazer uma vacaria ou vaquear” consistia no ato de abater grande quantidade de bovinos para utilização do couro e gorduras (PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Primeira Parte. 1954. p. 308-319, v.3.).



Figura 40 - Mãe, pai e irmãos de senhor Antonino Rabello. A criança sentada no chão, à direita na foto, é o senhor Antonino Rabello. Vila Seca, década de 1930.



Fonte: Acervo pessoal da família de senhor Antonino Rabello.

Esse contexto em que o trabalho era exercido pelos descendentes da população escravizada nas estâncias da região mostra-se exposto nas narrativas de senhor Rabello. Ele descreve, entre esquecimentos e lembranças, os locais onde seu pai trabalhou, mas não se recorda o lugar em que seu pai nasceu:

Do meu pai não me recordo onde nasceu. É porque naquele tempo trabalhava numa fazenda aqui, outra lá não sei aonde, trabalhava um dia nas fazenda, outro dia não. E mais, na roça, assim, planta milho, planta feijão, planta as coisas pro alimento de casa. E o resto não posso te contar porque não me lembro (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013)

Convém destacar que o Senhor Antonino Rabello, em parte de sua vida, também, trabalhou em fazendas da localidade:

Eu fazia carpia, limpava milho, ia no campo, corre onde tinha campo grande, né... Cuida do gado, tratava dos cavalo. Tinha uns quantos cavalo pra tratar [...] E era o meu serviço na roça mesmo, né (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013).

Figura 41 - Senhor Antonino Rabello, 83 anos, durante Entrevista Narrativa na residência de seu filho, Celso Rabello, Vila Seca, 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em outra narrativa, ele relata um período de discriminação enfrentada pelos negros até o final da década de 1960 (Figura 41).

Hoje tratam a gente igual a um filho. Naquele tempo não, naquele tempo não era assim [...] quando nós chegava perto, se tivesse sentado, mandava levantá: – Levanta daí, nego, quero sentá. Aí tinha que levantar né: ele mandava, tinha que levantá. O falecido pai que mandava, a mãe olhava pra mim. Aí, isso não foi muito bom, não foi bom [lágrimas...] (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013).

Durante a Entrevista Narrativa com o senhor Rabello, observaram-se sinais de dor, demonstrados nas ausências de fala, nas pausas prolongadas entre o discurso. Na perspectiva foucaultiana, as análises sobre o discurso devem buscar mais do que a apuração sobre os sentidos da linguagem e da fala, ou seja, devem “revelar as lutas de poder inerentes à constituição dos aparatos e eventos institucionais, às estratégias conflitantes” (SANTOS, 2012, p. 186-187). Logo, em meio às lembranças implicadas em situações discriminação, senhor Antonino silencia-se.

Outra comunidade constituinte das etnias que compõem os Campos de Cima da Serra trata-se dos descendentes de açorianos que migraram ao Sul do Brasil a partir do século XVIII.

### 5.1.3 População açoriana

A história do Estado do Rio Grande do Sul possui uma singularidade em relação ao restante dos estados brasileiros, sua conquista tardia do domínio espanhol. A partir do século XVIII travam-se verdadeiras disputas militares, além das sucessivas alterações de tratados com a finalidade de ajustarem-se aos interesses das coroas portuguesa e espanhola (BARROSO, 2012, p. 58).

A vinda de imigrantes açorianos à Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, no século XVIII, antecede-se à chegada dos alemães e italianos, a partir de 1824 e 1875 respectivamente. Convém destacar a carência de produção acadêmica sobre esta questão, especificamente na área das Ciências Sociais, em especial, da Sociologia, quando comparada aos estudos sobre imigrantes italianos e alemães.

A chegada dos açorianos aos Campos de Cima da Serra interpõe-se a alguns fatores históricos, os quais serão, brevemente, tratados neste item. Nesse contexto, destaca-se a fundação de pontos estratégicos de ocupação e a consequente proteção dos territórios portugueses, tais como: a Colônia de Sacramento, Laguna, Rio Grande, bem como a abertura do Caminho dos Tropeiros que ligaram o extremo Sul ao restante do país, o Tratado de Madri e a formação de Vila Seca.

Com o desígnio explícito de povoar as terras hoje brasileiras do Extremo Sul por meio da ocupação, e com a intensão oculta de aproveitar-se do contrabando para atrair a prata do Peru, Portugal, na certeza de que seus direitos estendiam-se até a margem norte do Rio da Prata, em 20 de janeiro de 1680 inicia a construção da Colônia de Sacramento. Manuel Lobo, então governador do Rio de Janeiro, funda a colônia de Nova Lusitânia, propulsionando a ocupação mediante o domínio luso na região, a qual pertencia à Espanha desde o Tratado de Tordesilhas (GARCIA, 2010, 69-73) <sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> O Tratado de Tordesilhas de 7 de junho de 1494 conferia à posse portuguesa as terras a oriente de trezentos e setenta léguas de arquipélago de Cabo Verde. Essa demarcação garantia a Portugal a rota pelas costas da África até a Índia e as terras a descobrir (Brasil). Todavia, o Tratado de Tordesilhas foi impreciso, pois não mencionou a partir de qual das ilhas de Cabo Verde começaria a

Na medida em que a Colônia “dava mostras de sua capacidade desbravadora, econômica e povoadora” começaram a ser estabelecidas pelos Jesuítas espanhóis juntamente com índios Guaranis as sete reduções. De 1682 até 1706, é realizado este empreendimento, conhecido como Missões Orientais do Uruguai, Sete Povos das Missões ou Sete Povos. Entre as reduções fundadas, destaca-se a de São Miguel, no ano de 1687, considerada a “capital das missões do lado Oriental do Rio Uruguai”. O principal motivo do estabelecimento das Missões consistia na efetiva ocupação e proteção da região da Cisplatina pelos espanhóis (GARCIA, 2010, p. 87-90).

Concomitante à fundação dos Sete Povos das Missões, em 1688, ocorria o início do processo de ocupação de Laguna por povoadores paulistas, provenientes de Santos, liderados pela família Brito Peixoto, com apoio da coroa Portuguesa. A fundação de Laguna teve um caráter primordial para a ocupação portuguesa do Extremo Sul. Laguna passou a ser tanto ponto de apoio da Colônia de Sacramento quanto local por onde embarcava o gado em pé que era caçado nos Campos do Sul para ser exportado para o resto do Brasil (GARCIA, 2010, p. 89-90).

Em 1725 os fundadores da Laguna<sup>26</sup>, a pedido do Rei D. João, estabeleceram um ponto de guarda na Barra de Rio Grande, como local estratégico do domínio português da costa meridional. Dois anos depois, Francisco de Souza Faria, nomeado sargento Mor da Capitania de São Pedro por autoridades de São Paulo, encarregou-se de abrir um caminho que iria subir a Serra Geral, seguir os Campos do Planalto Meridional até Curitiba, com destino a Sorocaba. Após o término da estrada, o Coronel Cristóvão Pereira foi o primeiro a utilizá-la, conduzindo por ela cerca dois mil animais cavaleiros – mulas e cavalos – até Sorocaba (FILHO, 1959, p. 30; GARCIA, 2010, p. 108-109).

De 1734 a 1736, Cristóvão Pereira alterou o caminho ao fazer um atalho a partir dos Campos de Viamão, o qual subia a Serra Geral, iniciando em Santo Antônio da Patrulha, para chegar à atual São Francisco de Paula. Este, chamado de “Caminho dos Tropeiros”, se ligava ao Caminho dos Conventos, abaixo de Laguna,

---

contagem das trezentas e setenta léguas, bem como, a medida dessas léguas, que na época do tratado correspondiam a diversas medidas (GARCIA, 2010, p. 29-30).

<sup>26</sup> A família Brito Peixoto trouxe à povoação de pescadores e agricultores uma indústria pastoril. Laguna, então, passou a abastecer o porto de Santos, além de pescados e legumes, também com carne (FORTES, 1931, p. 14).

nas imediações de Araranguá, cuja construção data do ano de 1727 (GARCIA, 2010, p. 109).

Outro fator de incentivo à ocupação açoriana no Rio Grande do Sul foi a fundação de um estabelecimento militar que pudesse servir de base para futuros empreendimentos na região cisplatina, na barra do Rio Grande, em 1737. Segundo Filho (1958), a fundação do Presídio Jesus Maria e José pelo Brigadeiro José da Silva Pais teve o objetivo de prestar socorro à Colônia de Sacramento (FILHO, 1958, p. 30).

Nessa época, o povoamento por meio das estâncias ocorria com vagarosidade, conseqüentemente, a metrópole resolveu dar-lhe um impulso e enviou ao Brasil populações das ilhas superpovoadas do Arquipélago dos Açores<sup>27</sup>, as quais necessitavam de novas terras, e aqui, na América, a única maneira de garantir a posse das terras era através de seu povoamento (FILHO, 1958, p. 32).

Outro fator decisivo para a vinda de açorianos deveu-se ao efeito gerado pelo Tratado de Madri, em 1750, o qual estabelecia a permuta da Colônia de Sacramento pelos Sete Povos das Missões. As imposições do tratado gerariam o esvaziamento da região das Missões Guaraníticas devido à saída dos jesuítas espanhóis e indígenas Guaranis, segundo as determinações do Marquês do Pombal. Assim, em novembro de 1752, famílias de açorianos vieram para a Província de São Pedro com a finalidade de ocupar as Missões Orientais. Todavia não chegaram ao seu destino devido à permanência dos indígenas nos Sete Povos e à anulação do tratado em 1761.

Segundo os autores (FILHO, 1958, p. 33; OLIVEIRA, 1993, p. 38-41; GARCIA, 2010, p. 155), os ilhéus foram assentados em diversos locais do Continente do Rio Grande, entre eles Rio Grande (1749, 1777), Campos de Viamão, Porto Alegre (1752 e 1771), Santo Amaro (1771), Vale do Jacuí, Rio Pardo (1754), Taquari (1764 e 1771), Conceição do Arroio, hoje Osório (1772), Mostardas (1773), Estreito (1774), Santo Antônio da Patrulha (1772), e Morro Grande (1774-84).

De 1777 a 1801, sucederam vinte e quatro anos de Paz devido ao Tratado de Santo Ildefonso entre luso-brasileiros e hispano-americanos, período que facilitou o povoamento luso-brasileiro e a delimitação das fronteiras do Continente do Rio

---

<sup>27</sup> O Arquipélago dos Açores é constituído por um conjunto de nove Ilhas: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo, localizado a 1500 km a oeste de Lisboa. Possui regime político e administrativo autônomo desde 1976, todavia está subordinada as questões de defesa, justiça e relações diplomáticas à República de Portugal (LACERDA, 2003. p. 40-45).

Grande. Em agosto de 1801, quando a Espanha invadiu Portugal, iniciou-se na Capitania de Rio Grande a guerra da conquista, que durou até o fim daquele ano, e os luso-brasileiros conquistam os Sete Povos das Missões Orientais, os Campos Neutrais (as terras do Piratini ao Jaguarão e do Banhado do Taim até o Arroio do Chuí), o centro da Capitania do Rio Grande até o Quaraí. Por conseguinte, as conquistas dos territórios na guerra de 1801 estabeleceram os limites atuais do extremo Sul do Brasil (GARCIA, 2010, p. 167-190).

A seguir tratar-se-á da dinâmica de uma população, conforme as palavras de Filho (1958), de “novos sesmeiros, troncos de famílias gaúchas” (FILHO, 1950, p. 32).

#### 5.1.4 Os Tropeiros

Ao trabalhar com a *memória coletiva* da comunidade de Vila Seca, há todo um contexto de lembranças, monumentos, comemorações e historiografia que vincula o fenômeno do Tropeirismo ao povoamento dos Campos de Cima da Serra da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. O presente estudo trabalha o Tropeirismo do Sul do Brasil, ou tropeirismo Biriva, a partir de uma relação de construção e reconstrução da identidade étnica das comunidades dos Campos de Cima da Serra e, no caso específico, do distrito de Vila Seca.

O Biriva trazia peculiaridades na metodologia do seu trabalho rural, no encilhar do cavalo, no modo de falar, na maneira de cantar, na forma de danças, no alimentar-se, e até mesmo na originalidade do entrajarse campesinamente. Enfim, possui uma *identidade cultural*, que o distingue das demais, no mosaico dos tipos regionais do Rio Grande (CORTES, 2000, p. 20).

Nesse sentido, emprega-se o conceito de *etnogêneses* para analisar o fenômeno do Tropeirismo como parte constitutiva do próprio processo histórico e cultural dos Campos de Cima da Serra. A dinâmica socioeconômica dessas comunidades campesinas dos séculos XIX e XX, bem como nos dias atuais, pode ser pensada por meio da *recuperação histórica* desse agrupamento humano.

Em um contexto de *recuperação cultural*, observa-se a mobilização política-cultural de alguns membros da comunidade distrital, cujos resultados implicaram a

escolha de Vila Seca como um dos Pontos de Cultura<sup>28</sup> do município de Caxias do Sul. A dimensão política da *etnogêneses* pode expressar-se tanto pela perspectiva objetiva, “disputa de recursos materiais”, quanto subjetiva, pela “dimensão de sentido” do grupo.

Entre as metas do projeto “Ponto de Cultura Vila Seca em Cultura”, destaca-se o aumento da participação comunitária nos eventos culturais propostos para valorização e resgate da “identidade cultural” local; o reconhecimento municipal do distrito de Vila Seca como uma região de grande importância para preservação da qualidade da água para Caxias do Sul; e a melhoria de rendimentos à população vila-sequense, contribuindo, assim para o bem estar das famílias locais.

A *identidade étnica*, segundo Jenkins (1997), mostra-se uma forma de organização social transacional, ou seja, advém de um processo de transações interna e externa<sup>29</sup>. Todavia, em meio às relações comunitárias diárias, a identidade está implicada a dialética permanente de identificação que só pode ocorrer dentro de relações sociais ativas. No contexto em estudo, tanto os vila-sequenses se reconhecem como pertencentes à “identidade tropeira campeira” quanto os caxienses das áreas da “colônia italiana” do município lhes conferem esta diferenciação.

Para Barth (1969), a definição de um grupo étnico como “atributivo” e “exclusivo”, bem como a continuidade de seus traços étnicos dependem da manutenção de suas fronteiras. A questão central de seus estudos compreende, então, a seguinte tese: “a fronteira étnica define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange” (BARTH, 1969, p. 195). Entende-se, assim, *fronteira étnica* como uma concepção social, apesar de ter uma contrapartida territorial.

[...] a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e

---

<sup>28</sup> Em junho de 2010, foi lançada uma rede composta por 10 Pontos de Cultura no município de Caxias do Sul. Esta rede é resultado de um convênio firmado entre a Prefeitura de Caxias do Sul, por meio da Secretaria Municipal da Cultura (SMC) e o Ministério da Cultura. Em toda sua história, Caxias do Sul sempre foi considerada apenas um Ponto de Cultura. Por meio dos Agentes de Cultura, constitui-se uma rede integrada, da qual fazem parte pessoas dos mais diversos segmentos que promoverão as diferentes culturas da cidade (<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/rede-municipal-caxias-do-sul-ganha-10-pontos-de-cultura/>).

<sup>29</sup> A *etnicidade*, sendo um fenômeno transacional, apresenta transações de dois tipos básicos: *internas* e *externas*. Nos processos de definição *interna*, os atores sinalizam para membros de endo ou exo-grupos uma autodefinição de sua natureza ou identidade. De outra maneira, os processos de definição *externa* são dirigidos pelo outro, durante os quais pessoas ou grupos de pessoas definem outras pessoas como “x” ou “y” ou coisas relacionadas (JENKINS, 1997).

comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencendo a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento (BARTH, 1969, p.196).

Considera-se, ainda, o tropeirismo como *traço organizacional*<sup>30</sup> do grupo étnico que constitui, de modo geral, as comunidades dos Campos de Cima da Serra e, de modo específico, a comunidade de Vila Seca. Apesar da contínua relação interétnica das populações dos Campos de Cima da Serra com outras de cultura diferente, tais como as comunidades de ascendência italiana, alemã e polonesa, ainda assim conservam-se e organizam-se através de seu “modo de ser campeiro” [grifo meu]. Visualiza-se aqui uma vida social que se forma a partir de um sistema simbólico constituinte da “identidade campeira”, e cujo fator organizacional configura a persistência de sua diferenciação cultural.

Pode-se observar no excerto da canção *Vila Seca dos Mananciais*, esse *traço organizacional* na música campeira. A composição da letra, melodia e interpretação são de autoria de Lindomar Alves Mendes:

Chegamos por Vila Seca quando dobrarem os sinos  
Ajoelhe lá na Capela e louve ao nosso Divino.  
Devoção chegou a cavalo na garupa de um Tropeiro,  
Se aquerenciou por aqui e hoje é nosso Padroeiro.  
Divino Espírito Santo, aqui aprendeu a laçar,  
A galope nas coxilhas, vive a nos abençoar,  
Virou gaúcho conosco e até toma chimarrão,  
/Divino Espírito Santo mora em nosso Coração/

Vila Seca das Coxilhas e dos Verdes Pinheirais

Teus peões e tuas prendas são gaudérios de verdade  
Quebra costela xinxado, não existe falsidade.  
Por aqui somos felizes, gaúchos, hospedeiros,  
Desde os tempos de outrora, quando pousavam tropeiros.

A música *Vila Seca dos Mananciais* possui uma correspondência com a territorialidade e os códigos de valores do grupo social ao qual se refere, de modo a organizar de forma objetiva e subjetiva o *espaço social* do vila-sequense. Este

---

<sup>30</sup> Segundo Barth, a manutenção dos *grupos étnicos* não apenas depende de critérios e sinais de identificação, mas também de “uma estruturação da interação que permite conservação das diferenças culturais”. O *traço organizacional* deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas e consiste em um conjunto sistemático de regras que dirigem os contatos interétnicos (BARTH, 1969, p.196).



sistema simbólico comporta tanto a devoção ao Divino, que, segundo relatos, foi introduzido “na garupa de um Tropeiro”<sup>31</sup>, quanto o modo de ser gaúcho.

A Senhora Itamarajá Kieling Medeiros, 72 anos, moradora de Vila Seca desde seus 13 anos, expõe situações em que um conjunto sistemático de regras é acionado durante os contatos interétnicos. No contexto narrado abaixo, o realce dos sinais diacríticos é ativado, seja quando membros da comunidade de Vila Seca vão assistir a uma missa na comunidade de Ana Rech, seja durante as Cavalgadas do Divino (Figura 42):

Então, a comunidade São Cristóvão prepara a “Festa do Caminhoneiro”. Nós aqui somos mais visados, assim, para o lado do tropeiro. A gente faz missas crioulas, a gente leva a cuia e o chimarrão sempre quando tem missa crioula. Até muitas vezes em Ana Rech, quando a gente vai apresentar a nossa capela, vai a cuia e o chimarrão, porque tem que representar a nossa região, como é que nós somos aqui. Em São Valentim, que fica do outro lado da BR, são mais colônia (italiana), lá eles representam a colônia, a agricultura. Apesar de que Vila Seca também tem uma parte de agricultura para cima, que é São Gotardo, mas nós seríamos mais a tradição do campo. O gaúcho mesmo, a tradição. Por isso que na louvação eles se vestem tudo gaúcho, por causa da tradição do campo. A cavalgada é uma coisa do tradicionalismo, né. E como o Divino veio a cavalo, continua essa cavalgada (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

A Cavalgada do Divino Espírito Santo ocorre no distrito de Vila Seca desde o ano 1996. No ano de 2013, o evento, que compõe a programação da Festa do Divino, ocorreu nos dias 27 e 28 de abril. Durante o trajeto, os “cavalarianos” percorreram cerca de 50 km (Figura 43). A Cavalgada iniciou no Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio em Farroupilha, passou por algumas Capelas, pelo Monumento dos Imigrantes em Caxias do Sul e seguiu rumo a Ana Rech. No segundo dia, após a Alvorada<sup>32</sup>, o café da manhã e a bênção do Pároco Padre Bruno, a Cavalgada segue rumo a Vila Seca.

---

<sup>31</sup> Segundo os relatos orais e da *Revista Festa do Divino Espírito Santo*, ano de 2009, de autoria de Lindomar Alves Mendes, a Cavalgada do Divino Espírito Santo homenageia o Divino e o tropeiro, que chegou a cavalo portando a Bandeira, que hoje é carregada durante a Cavalgada pelos campos da região.

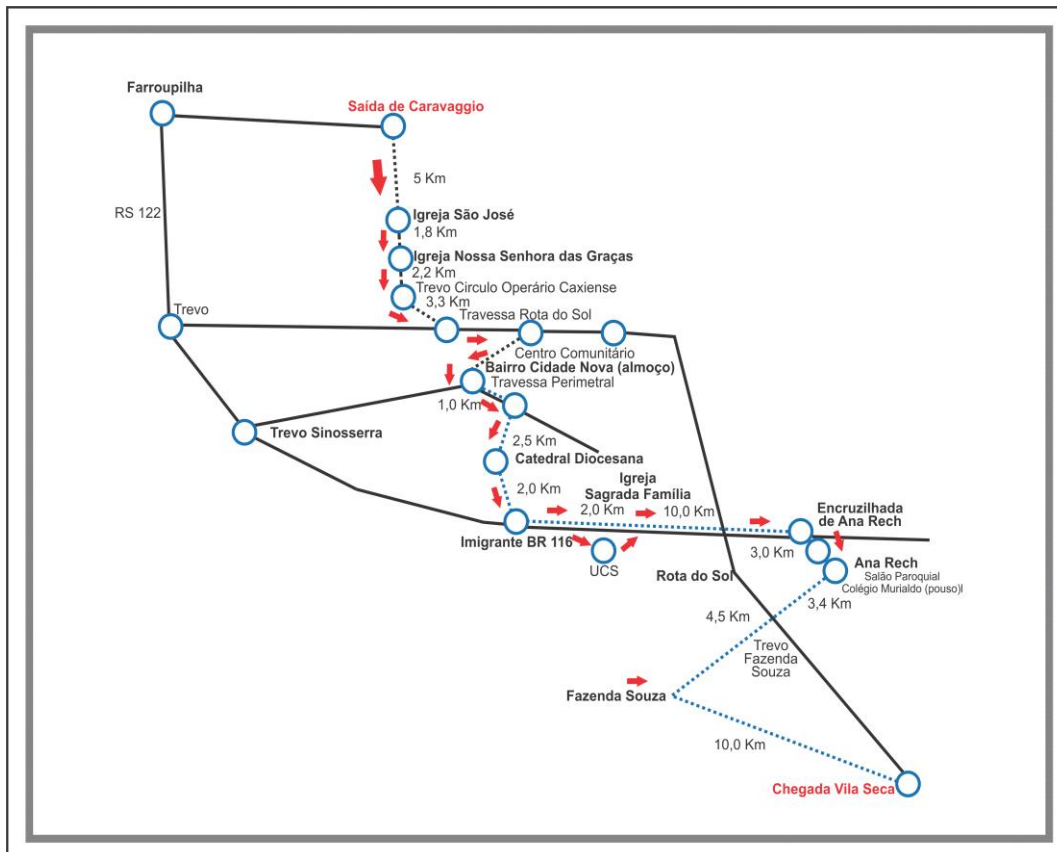
<sup>32</sup> “Alvorar” significa chamar o Espírito Santo, que desce à Terra e conduz os foliões no santo giro, ou seja, o trajeto em que fazem visitando e abençoando os lugares e os fiéis. Consiste, ainda, na abertura da folia, momento em que são distribuídos todos os cargos, tarefas e roteiros dos pousos. Em Vila Seca, a Folia do Divino é chamada de Louvação ao Divino (CERON, 2013).

Figura 42 - Décima sétima Cavalcada do Divino Espírito Santo, com início em Farroupilha e final em Vila Seca, 27 e 28 de abril de 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 43 - Percurso da 17ª Cavalcada do Divino Espírito Santo de Vila Seca, 2013.



Fonte: MENDES, Lindomar Alves. **Revista do Divino Espírito Santo - Vila Seca - 2013.**

No Rio Grande do Sul, as “Cavalhadas do Espírito Santo” ocorrem também em Caçapava do Sul (DAUDT FILHO, 2003 apud CERON, 2013). Além disso, segundo Karsburg (2007), a cidade gaúcha de Santa Maria realizava as Cavalhadas do Divino até finais do século XIX:

Outro momento da Festa do Divino eram as Cavalhadas, que simulavam a batalha entre mouros e cristãos, e que também mereceram atenção de Daudt Filho. Realizadas na praça do fim da Rua do Comércio (onde atualmente estão os Quartéis do Exército), esse espetáculo era feito pelos “rapazes mais ginetes”, ganhando a admiração de toda a população. As Cavalhadas eram, sem dúvida, o evento mais lusitano dentro das folias do Espírito Santo, aludindo à época da Reconquista na Península Ibérica (KARSBURG, 2007, p. 90).

Parafraseando Myrian S. dos Santos, ao se olhar certos aspectos de uma realidade, como a organização étnica de uma comunidade específica, as abordagens teóricas são como lentes de aumento, que ajudam o pesquisador a “ver” e “compreender” melhor certos aspectos dessa realidade (SANTOS, 2012, p. 17).

Para esta pesquisa, então, foram escolhidos os pressupostos teóricos da *Teoria da Etnicidade* e da *Teoria da Etnogênese*. Por meio deles, este estudo se propõe a analisar como ocorre o processo da configuração étnica “luso-açoriana, tropeiro-campeira” da comunidade de Vila Seca.

#### 5.1.5 Populações alemãs, polonesas e italianas

No extremo meridional do Brasil, em solo gaúcho, a política imigratória justificava-se pela necessidade de colonização e povoamento. A experiência positiva com a imigração alemã possibilitou o surgimento de novos núcleos coloniais que seriam ocupados por imigrantes italianos. Estes grupamentos foram organizados na Encosta Superior do Nordeste, região formada por terras devolutas (Coroa Portuguesa), delimitadas pelos Campos de Cima da Serra e pela Região dos Vales, de colonização alemã. A opção por esta área coube ao governo da província, que, em 1869, decidiu pela ocupação do território mais tarde denominado Região Colonial Italiana. As terras devolutas, conforme indica Mello (2007), tinham sua origem:

[...] com a descoberta do Brasil, todo o território passou a integrar o domínio da Coroa Portuguesa. Destas terras, largos tratos foram trespassados aos colonizadores, mediante as chamadas concessões de sesmarias e cartas de data, com a obrigação, aos donatários, de medi-las,

demarcá-las e cultivá-las, sob pena de comisso – reversão das terras à Coroa (MELLO, 2007).

Em um trecho da obra *O Rio Grande do Sul: A Terra e o Homem*, Harnisch (1941) relata o depoimento de um imigrante alemão, chamada senhor Hübner, que havia chegado ao final do século XIX na região chamada Campos dos Bugres, atual Caxias do Sul. No excerto abaixo, pode-se ver como foi o início do processo de imigração teuta e a chegada dos imigrantes italianos nos Campos de Cima da Serra.

[...] À noite bandos de bugres rondavam as nossas casas; como os tivéssemos sempre deixado em paz, também eles não nos importunavam. [...] Durante dois anos nós os boêmios vivemos sozinhos. Chamava-se Gablens a nossa picada, porque procedíamos quase todos dessa cidade da Boêmia; foi o nome que a colônia conservou durante uns cinco ou seis anos. [...] No terceiro ano construiu o governo outro barracão, porque estavam chegando colonos italianos em massa. Começaram logo a plantar trigo e uva. Os boêmios começaram a sair aos poucos, espalhando-se por todo o Estado. (HARNISCH, 1941, pg. 435-436)

O relato acima demonstra a chegada dos imigrantes alemães e italianos na região denominada Campo dos Bugres, ainda quando esta era habitada por populações indígenas. Ressalta-se que nos dias de hoje encontram-se em Vila Seca descendentes de imigrantes teutas e italianos.

A organização dos imigrantes alemães e italianos coube a órgãos governamentais responsáveis pela identificação e exploração das terras, medição, demarcação e recepção dos colonos. Nas sedes das colônias, a responsabilidade pelos trabalhos ficava a cargo da Diretoria da Colônia, subordinada à Inspetoria Especial de Terras e Colonização e, no caso do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre; esta, por sua vez, era subordinada à Inspetoria Geral de Terras e Colonização do Rio de Janeiro.

Os imigrantes italianos, em sua maioria camponesa, vieram da Itália, especificamente da região do Vêneto, a partir de 1875; no entanto, chegaram também lombardos, trentinos e outros. No trecho da obra de Harnisch (1941), há o relato da chegada destes imigrantes ao Campo dos Bugres:

Meu tio, Félix Laner, capitão dos *bersaglieri*, durante as contendas intermináveis entre a Áustria e a Itália, tomara o partido dos italianos, motivo por que teve que fugir da Áustria. Chegou em 1870 a Porto Alegre e foi o primeiro italiano a chegar aos Campos dos Bugres, na zona da atual cidade de Caxias. [...] Moravam com ele dez companheiros, todos tirolezes, que ele mandara buscar. Construíram uma igrejinha. Aos novos imigrantes concedia o governo comida para um novo ano, vinte mil reais em dinheiro e mais a casa. [...] Em 1878, Félix Laner começou a fabricar cerveja, podendo dizer

muito bem que, antes que Caxias fabricasse vinho, já fabricava cerveja. O primeiro vinho foi fabricado por Baldo Jácomo, nas Setenta Léguas; tomaram-no no dia 19 de março de 1882, por ocasião do Batismo de João Rosetti, [...] Por esse tempo, Félix Laner começou a plantar, com Abramo Eberle, as primeiras parreiras, para produzir vinho para exportação (HARNISCH, 1941, p.436).

Após as lutas da unificação italiana em 1870, os colonos daquele país necessitavam de terras para agricultura, pois os prejuízos da Itália foram enormes. Paralelamente, o Imperador D. Pedro II resolveu trazer ao Sul imigrantes italianos. Em 1875, chegaram a Porto Alegre as primeiras famílias vindas da Itália. Estas foram levadas para o antigo Porto Guimarães, hoje cidade de São Sebastião do Caí, e foram subindo o rio Caí até chegarem ao "Campo dos Bugres".

Apesar de o povoamento efetivo da região ter iniciado em 1876, dois séculos antes os jesuítas tentaram cristianizar os autóctones daquela área. Por vários motivos as reduções fracassaram, e os índios continuaram sua vida seminômade, daí o nome original de Campo dos Bugres, pois se encontraram ali vestígios de antigos acampamentos.

O escritor Harnisch (1941) no trecho abaixo mostra como foi a instalação dos colonos poloneses na região, através de um relato do imigrante chamado senhor Hübner:

Foi em 1874 que eu, um rapagote de 9 anos apenas, vim com meus pais para o Rio Grande do Sul. Vínhamos da Boêmia. O governo indicou as terras que nos cabiam, cá em cima da Serra, nos Campos dos Bugres, como era chamada esta região naquele tempo, constituindo hoje o município de Caxias. Com um vaporzinho viemos de Porto Alegre até Caí. Esta era, naquele tempo, o posto avançado da civilização, a última colônia com venda [...].

Os Campos dos Bugres constituíam-se uma única mata de pinheiros, de centenas de léguas de extensão.[...].

O governo mandara erigir um barracão, no qual viviam trinta famílias polonesas e russas. Não havia jeito de os russos se acertarem com o governo. Queriam uma colônia fechada, o que o governo não queria, motivo por que tiveram que marchar adiante. Os poloneses espalharam-se na direção de São Marcos. Nós, boêmios, fomos ficando por aqui mesmo. Recebeu cada família uma colônia de 9 hectares de terras, alguns mantimentos e dinheiro para a construção de uma moradia. Terminada a construção de nossa casinha, abandonamos o barracão e nos instalamos em terras próprias. Foi preciso abrir o caminho com facão; meio dia a gente levava num trajeto que hoje se faz em meia hora. Começamos logo a plantar milho e trigo; nosso alimento principal, porém, constituía o pinhão, que a gente ajuntava aos montes, recolhendo-os a cestas (HARNISCH, 1941, p. 434-435).

No excerto acima, há elementos próprios para uma reflexão de como ocorreu o processo de instalação inicial, espera e fixação das populações imigrantes

italianas, polonesas e russas nos Campos de Cima da Serra. O município hoje limítrofe ao distrito de Vila Seca, São Marcos, recebeu no século XIX famílias imigrantes polonesas. Esse fato leva a uma reflexão de como os contatos interétnicos podem desencadear a organização social dessas comunidades, por meio de diferentes festas e criação e recriação de tradições.

No ano de 1877, em homenagem a Duque de Caxias, a localidade passa a denominar-se "Colônia de Caxias". Embora as condições geográficas locais fossem favoráveis à ocupação, os recursos materiais mostravam-se escassos. Em 1884, a colônia foi anexada ao Município de São Sebastião do Caí. Posteriormente, foi denominada Santa Tereza de Caxias; mais tarde, a denominação de Santa Tereza foi retirada, permanecendo somente como a Padroeira. Através do Ato nº 257 de 20 de junho de 1890, criou-se o novo município sob a denominação de Caxias, e, a 24 de agosto de 1890, efetivou-se a sua instalação.

A origem da indústria caxiense ocorreu por volta de 1895, com a atuação de um jovem, filho de José Eberle. Abramo Eberle, com apenas 16 anos, inicia seu empreendimento com uma pequena funilaria. Segundo o relato minucioso de Harnisch (1941) em sua obra "O Rio Grande do Sul Terra e Homem":

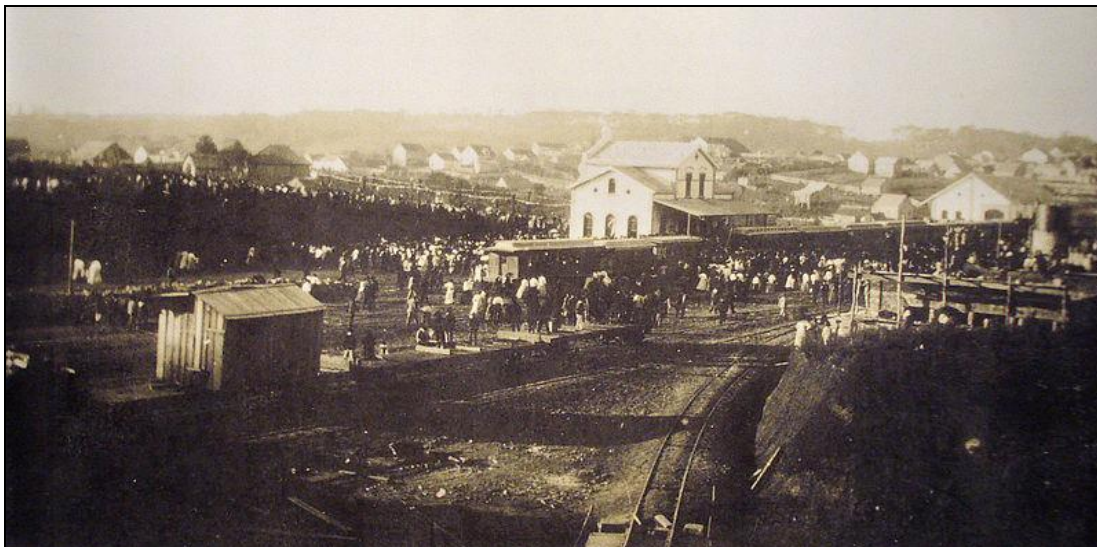
Muitos dos 1.200 estabelecimentos industriais e comerciais de Caxias são conhecidos em todo o Brasil e alguns, no exterior.

Como já tive ensejo de dizer, o velho José Eberle começou, por volta de 1880, a fabricar objetos e utensílios de metal. Em 1896, seu filho Abramo Eberle, contando 16 anos, iniciou o aprendizado na oficina do pai. Dois anos mais tarde, adquiriu Abramo o negócio de seu progenitor, pelo preço de 600 mil réis. Começou com dois operários. Montou as primeiras máquinas em 1904. [...]

Nos grandes pavilhões, onde se sucedem as seções de fundição e forja, fabricam-se todos aqueles apetrechos de metal, tão comuns e tão típicos na vida do gaúcho. Eis alguns: 72 tipos de estribos, sem contar as caçambas (espécie de sapato metálico para o norte), 57 tipos de espora, além de 40 variedades especiais de rosetas para esporas, muitas qualidades de guampas de guarnição, guarnições para cuias, uma infinidade de tipos de bombas para chimarrão; as facas para a gauchada, com bainhas de prata ou de couro, uma porção de tipos de selas e serigotes [...] (HARNISCH, 1941, p. 441-442).

Caxias do Sul foi elevada à categoria de cidade em 1º de junho de 1910, ocasião da chegada do primeiro trem que ligava a região à capital do Estado (Figura 44). Os trens de passageiros mantiveram suas viagens a Caxias do Sul até aproximadamente 1976.

Figura 44: Inauguração da Viação Férrea em 1º de junho de 1910, data da elevação da Vila de Caxias à condição de cidade.



Fonte: Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul.

O jornalista Gilberto Blume, no periódico “O Pioneiro”, no dia 29 de maio de 2010, publica uma descrição de como foi o dia da inauguração da Viação Férrea de Caxias do Sul:

Embora fosse quarta-feira, Caxias do Sul vestiu trajes dominicais naquele 1º de junho de 1910. Há dias os moradores do município, cujo sonho era ser cidade, preparavam vestidos, fatiotas e chapéus, especialmente chapéus, pois o que levavam na cabeça dava fé de que estavam afinados com a moda europeia. O lugarejo também estava há dias sendo enfeitado. O objetivo era nobilíssimo: recepcionar o trem, marcado para apitar na recém-construída Estação Férrea às 15h40min. Ninguém em sã consciência deixaria de comparecer ao evento. Com efeito, não há registro de que alguém tenha arrumado programa melhor. [...] Era ali, naquele momento, que a novíssima cidade de Caxias punha os pés para sempre rumo ao alto desenvolvimento (BLUME, 2010).

Vários ciclos econômicos marcaram a evolução do Município ao longo do século XX, o primeiro deles deveu-se ao cultivo da videira e à produção de vinho, inicialmente para consumo próprio e, mais tarde, para comercialização. Por meio da uva e do vinho, Caxias prospectou-se como uma região turística do Estado, quando em 1931 lançava a primeira Festa da Uva.

Na zona rural instalava-se a agricultura de subsistência, a qual concentrava sua produção nos cultivos da uva, do trigo e do milho. O excedente desta produção de uva e trigo começou a ser comercializado. Com o passar do tempo, houve a diversificação da produção familiar e ampliação do leque de manufaturados.

Em 1967 é criada a Universidade de Caxias do Sul, a qual contribuiu para a produção e difusão de conhecimentos científicos à região. A partir da década de

1970, a diversificação industrial de Caxias do Sul transformou-a na segunda região em importância econômica no Estado, seguida apenas da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA).



## 6. RELIGIÃO E IDENTIDADE

Passados mais de cem anos de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, as palavras de Durkheim podem ser vivificadas ao se lançar o olhar sociológico para as Festas do Divino Espírito Santo.

### 6.1 PARA UMA SOCIOLOGIA DAS FESTAS DO DIVINO

Há, portanto, na religião algo de eterno que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu. Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade (DURKHEIM, 2009, p. 472).

Durkheim sustenta a ideia de que, através da aproximação dos indivíduos em reuniões, assembleias, congregações, ou seja, em cerimônias, reafirmam-se sentimentos comuns do grupo, os quais resultam em uma “restauração moral”. Ele questiona, ainda, o fato de inexistir diferença significativa em termos da restauração da moral em celebrações cristãs e outros acontecimentos da vida nacional.

O sociólogo faz referência à fase de transição e mediocridade moral de sua época ao afirmar que “as grandes coisas do passado” que causavam entusiasmo aos seus pais não mais despertam tal sentimento; todavia, nada foi feito que as substituísse. Nesse contexto, ele assegura que:

Virá o dia em que nossas sociedades conhecerão de novo horas de efervescência criadora ao longo das quais novos ideais surgirão, novas fórmulas aparecerão para servir, durante um tempo, de guia à humanidade; e, uma vez vividas essas horas, os homens sentirão necessidade de revivê-las de tempo em tempo pelo pensamento, isto é, de conservar sua lembrança por meio de festas que renovem regularmente seus frutos (DURKHEIM, 2009, p. 474).

Os momentos de efervescência, relacionados às festas, aos quais Durkheim se referiu há um século podem ser associados, nos dias de hoje, às Folias do Divino, ou, ainda, como é chamada no grupo em investigação, à “Louvação ao Divino”.

A comunidade de Vila Seca, distrito de Caxias do Sul, possui como data oficial de fundação o ano de 1912, ocasião da bênção de sua primeira capela de madeira, cujo padroeiro, inicialmente, era São Romualdo. Em 1928 termina a

construção de uma nova capela do distrito, a qual foi benta em 10 de maio de 1928, a capela do Divino Espírito Santo. Em 1967 ergue-se a capela de alvenaria, e inaugura-se o cemitério, atrás da igreja (DALL' ALBA; et al, 1987, p. 228).

### 6.1.1 Festa do Divino Espírito Santo de Vila Seca

A Festa do Divino Espírito Santo de Vila Seca realiza-se desde, aproximadamente, a década de 1930 (CERON, 2013); todavia, seus rituais renovam-se com o passar do tempo. O ciclo anual de festividades, atualmente, inicia-se em fevereiro, com a escolha dos fiéis da comunidade que representarão, naquele período, os Festeiros de Honra: a Rainha Isabel, o Mordomo Real e a Corte. Nessa ocasião, a Rainha é coroada e o Mordomo recebe o Cetro Real. Ainda, são entregues cerca de quarenta bandeiras aos Alferes. Logo, principia-se o período de “Visitas Missionárias” da Rainha, do Mordomo Real e da Corte de Festeiros às famílias, casas de comércio, indústrias e instituições do município. Desde o ano de 1983, incorpora-se à Festa do Divino o “Grupo de Louvação” (MENDES, 2013).

Integram-se, também, às comemorações da festa vila-sequense, desde o ano de 1994, os dois dias da Cavalgada do Divino, que reúne, atualmente, centenas de cavalarianos. Nos últimos anos, o ponto de partida da Cavalgada é o Santuário de Nossa Senhora da Diocese de Caravaggio, em Farroupilha, a qual atravessa Caxias do Sul, passa por Ana Rech, Fazenda Souza e finaliza-se com a bênção dos Cavalarianos em frente à Capela do Divino no distrito de Vila Seca.

A temporada de “Louvação ao Divino”, também chamada em outros lugares de “Folias do Divino”, em que ocorrem as cantorias, peditórios, bênçãos com a Bandeira do Divino, momentos de manifestação de muita fé e relatos de milagres, termina na ocasião em que se realizam os festejos do Tríduo<sup>33</sup>.

No primeiro dia, quinta feira, ocorre a Missa de Ação de Graças com a devolução das Bandeiras do Divino. No segundo dia, celebra-se a “Missa Crioula”, e, no sábado, o terceiro dia, a última missa do Tríduo. Após a segunda e terceira missa de Tríduo, realizam-se jantares dançantes. No domingo pela manhã, é celebrada a

---

<sup>33</sup> No ano de 2013, a semana da “Festa da Capela”, Semana do Tríduo, ocorreu no início de maio de 2013.

Missa Festiva, com a procissão e a escolha dos novos festeiros e, após, os leilões de animais doados nas vistas de Louvação.

Nas semanas seguintes acontece o sábado de “Bodo aos Carentes”, que foi introduzido na comunidade há alguns anos. Nesta ocasião, é feito o almoço para as crianças, com a realização de rezas, gincana de perguntas e respostas, e, brincadeiras. Segundo a *Revista Festa do Divino Espírito Santo - Vila Seca* de autoria do Senhor Lindomar Alves Mendes:

A festa do Divino foi um gesto de Santa Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, na primeira festa do Divino, “o dia do bodo”, coroando um mendigo e o colocando como imperador por um dia, significando a igualdade. Por isto muitas festas usam ainda a figura do imperador, e algumas, como Vila Seca, realizam o “bodo aos Carentes” (MENDES, 2011).

A celebração do “bodo” nas Festas do Divino Espírito Santo representa o reinado do povo, da caridade, da partilha, ou seja, o dia em que a Rainha Santa Isabel coroa um mendigo. A passagem da celebração do bodo assemelha-se às questões tratadas por Turner (1974) sobre a *liminaridade* e “poderes rituais dos fracos”. Na tradicional Festa do Divino, a *liminaridade* está presente quanto o mendigo é coroado e torna-se predominante naquele momento. O ritual do bodo das Festas do Divino pode ser analisado como a *communitas*, descrita por Turner (1974):

A “communitas” irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a “communitas” é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes (TURNER, 1974, p. 156).

Nesses momentos, Goffman (apud TURNER, 1974, p. 156) afirma que os processos de *nivelamento* e *despojamento* envolvem de sentimentos as pessoas que estão integradas a eles. Portanto, geram-se rituais religiosos e simbologias a partir da *liminaridade*, da *marginalidade* e da *inferioridade estrutural*.

O período das Festividades do Divino termina nas comemorações de Pentecostes, com uma missa de proclamação do casal Festeiro de Honra e entrega e bênção dos prêmios da rifa.

O período de Pentecostes representa a comemoração da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. Esta celebração ocorre no calendário litúrgico da Igreja Católica cinquenta dias após a Páscoa. Segundo as normas do Ordo Romano (2005), com a celebração de Pentecostes:

Encerra-se esse sagrado tempo de cinquenta dias com o Domingo de Pentecostes, no qual se comemora o dom do Espírito Santo aos apóstolos, os primórdios da Igreja e o início da missão a todas as línguas, povos e nações (ORDO ROMANO, 2005 apud CERON, 2013, p. 25).

Para autora:

Celebrar a solenidade de Pentecostes é estar em comunhão com o Ressuscitado e deixar-se transformar pela ação do Espírito Santo – quando a manifestação e cada cristão leva à formação de um só corpo, a Igreja – e transformar a humanidade numa única família. Pentecostes marca o final da festa pascal (CERON, 2013, p. 25).

Através dessas palavras, têm-se a confirmação do pensamento de Durkheim sobre os dois elementos que compõem a definição de religião: o primeiro mostra que “a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja”; o segundo faz perceber que a religião é algo “eminentemente coletivo” (DURKHEIM, 2009, p. 32).

Para chegar ao dia das Missas de Tríduo e a coroação da nova Rainha, há uma passagem por um “Período das Louvações”, ou seja, por momentos “liminares” de caridade, humildade, fraternidade, até chegar o momento de a nova Rainha e o Novo Mordomo Real serem escolhidos.

Convém destacar o significado da Festa do Divino descrita na *Revista Divino Espírito Santo* – Vila Seca, 2009, para o Ministro Lindomar Mendes:

A festa do Divino é uma Festa típica e, como tal, tem seus atrativos, que chama a atenção da comunidade em geral para os diferenciais de nossas comunidades vizinhas. Porém, as programações religiosas, festivas, alimentação, trajes típicos regionais da indumentária gaúcha, (por onde chegou a festa) são convergentes de acordo com costumes regionais (MENDES, 2009).

O Senhor Mendes explica que a Festa do Divino, apesar de suas simbologias comuns a todos os continentes que receberam imigração luso-açoriana, possui características regionais. Faz alguns anos que a comunidade de Vila Seca vem buscando aproximar a festa de sua procedência, a qual se faz originária da Rainha Santa Isabel do continente Português e é levada, posteriormente, às nove Ilhas açorianas, e a todas as comunidades de diáspora.

O pesquisador e Ministro da Igreja Católica esclarece que, mesmo nas ilhas açorianas, há um diferencial entre elas, “mas fiel à origem conservando a magia de seus rituais, Sagrados e Profanos”. Mendes comenta que, durante o Congresso Internacional sobre as Festas do Divino no ano de 2008, na Ilha Terceira, no arquipélago dos Açores, em uma das palestras, destacou-se o caráter sagrado e profano da Festa do Divino. Nesse contexto, o profano tem o sentido arrecadatório, conferido aos bailes, rifões, leilões, isto é, mais material, e o sagrado associa-se às liturgias da Igreja Católica.

A partir de uma breve exposição do que consiste a Festa do Divino em Vila Seca, destaca-se, a seguir, um dos momentos da festa, a “Missa Crioula” (Figura 45). Nesta ocasião, as crenças do catolicismo e seus rituais sagrados<sup>34</sup> unem-se aos hábitos do homem campeiro e seus rituais profanos. Segundo Durkheim: “Toda consagração por meio de unção ou de purificação não consiste, por acaso, em transferir a um objeto profano as virtudes santificadoras de um objeto sagrado?” (DURKHEIM, 2009, p. 342-3).

---

<sup>34</sup> Durkheim define os seres sagrados como “seres separados” e afirma que: “Todo um conjunto de ritos tem por objetivo realizar esse estado de separação que é essencial”. Para “evitar misturas e aproximações indevidas”, há cultos negativos que formam um sistema especial. Eles impõem aos fiéis maneiras de agir, como uma forma de interdição, ou seja, do tabu. Para Durkheim, deve-se evitar o uso universal da palavra *tabu* para designar a instituição em virtude da qual certas coisas são retiradas do uso comum, do modo como a expressão é usada nas línguas polinésias. Ele considera as palavras *interditos* ou *interdições* mais apropriadas (DURKHEIM, 2009, p. 318).

Figura 45: Missa Crioula na Igreja do Divino Espírito Santo Vila Seca. Os casais Festeiros de Honra da Festa do Divino, o Ministro da Igreja e o Pároco, década de 2000. Estão afixadas no altar as seguintes inscrições: “Cristo Tropeiro do Infinito” e “Maria, Primeira Prenda da Estância do Céu”.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kieling Medeiros.

Portanto, no contexto acima, pode-se observar sobre o altar da Capela do Divino Espírito Santo objetos de lidas campeiras. O caráter *sagrado* do lugar transmite-se aos artefatos ali expostos; assim, *contagiosamente*, como em um *rito de consagração*, eles adquirem um caráter *sagrado*. Na “Missa Crioula”, entre a indumentária utilizada pelo gaúcho e o lugar *sagrado* não há interdições, mas uma *contagiosidade do sagrado*. Segundo Durkheim, esse fato pode ser explicado pelas leis da associação das ideias:

Os sentimentos que uma pessoa ou uma coisa nos inspiram estendem-se contagiosamente da ideia dessa coisa ou dessa pessoa para as representações a elas associadas e, por conseguinte, aos objetos que essas representações exprimem. O respeito que temos por um ser sagrado transmite-se, pois, a tudo o que tem contato com esse ser, a tudo que parece com ele e faz lembrá-lo (DURKHEIM, 2009, p. 342).

Pode-se avaliar nas representações apontadas abaixo de “Cristo Tropeiro” e “Maria Primeira Prenda da Estância do Céu”, possivelmente, uma associação de ideias e sentimentos que somente o pensamento religioso pode conceber. Portanto, as “forças religiosas, ou seja, as forças morais são feitas das ideias e dos

sentimentos que o espetáculo da sociedade desperta em nós, não das sensações que nos vêm do mundo físico” (DURKHEIM, 2009, p. 344).

Figura 46 - Inscrições afixadas no altar na Missa Crioula: “Cristo Tropeiro do Infinito” e “Maria, Primeira Prenda da Estância do Céu”.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kieling Medeiros.

Vê-se na Figura 46 que o “Tropeiro” e a “Primeira Prenda” são colocados na mesma categoria que “Cristo” e “Maria”, portanto, o sentimento de respeito pelas figuras do tropeiro e da prenda faz com que, por emoções intensas, os seres sagrados do catolicismo estejam em relação de similitude com seres da tradição gauchesca. Longe de ser considerado incongruente, o “contágio dos seres sagrados” pode ser levado a explicações científicas nos dias atuais e para o futuro (DURKHEIM, 2009, p. 347).

Assim, pode-se analisar a atual Festa do Divino de Vila Seca como uma expressão da identidade da comunidade, a qual passa por constantes construções e reconstruções. Segundo a narração do Senhor Lindomar Alves Mendes observam-se as transformações pelas quais a Festa do Divino de Vila Seca vem passando:

No ano de 2002, foi uma Festa de significativas mudanças. No âmbito da Festa, houve definição da Cavalgada com seus pontos de saída passagem e chegada; 2006 iniciou-se a Revista Festa do Divino Espírito Santo com intuito de permanecer anualmente. Em 2008 fui a um Congresso Internacional sobre as Festas do Divino, na Ilha Terceira dos Açores, e sentimos a necessidade de melhorarmos a sintonia com as festas do restante do mundo, colocando alegorias que significassem o sentido do

nascimento e crescimento desta devoção e cultura; e, numa homenagem à Rainha Santa Isabel e sua Corte, onde foi realizada a primeira festa do Divino na Cultura Portuguesa, a que chegou até nós por via Açores e colonização açoriana, desde então, é coroada a Festeira de Honra como Rainha Santa Isabel, e é entregue a seu esposo Festeiro de Honra o Cetro Real como homenageados pela comitiva, que deverão acompanhar nas visitas do grupo de Louvação e festeiros. [...] em 2006, fui convidado a ser Festeiro de Honra, o que despertou, ainda mais, a vontade de conhecer e lutar para que esta Festa do Divino, para que se destacasse; e, dentro de minhas possibilidades, continuei até os dias de hoje (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013)

A narração de Mendes (2013) remete-nos ao que Durkheim (2009, p. 474) nos diz a respeito da religião, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. O sociólogo conclui que o sistema de práticas que envolvem as festas, os ritos, o culto não é somente a religião, mas também é um sistema de ideias que tem a finalidade de exprimir o mundo, ou seja, enriquecê-lo e organizá-lo. No domingo que se comemora o dia do Divino Espírito Santo ocorre a escolha do novo casal de Festeiros de Honra e a procissão pelas ruas do distrito de Vila Seca (Figura 47).

Figura 47: Procissão do Divino Espírito Santo em Vila Seca.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Itamarajá Kieling Medeiros.

Dessa maneira, pensa-se nesta pesquisa a herança religiosa luso-açoriana como um processo de apropriação, difusão e circulação de símbolos, ideias e emblemas capazes de fazer operar várias organizações em torno de uma “comunidade de sentimentos” com raízes em Açores e terminações locais nas



expressões populares das comunidades da diáspora (APADURAI, 1996; ALMEIDA, 2001 apud LACERDA, 2003, p.60).

O presente estudo, por ora, procura aproximar a teoria durkheimiana sobre as religiões “primitivas” e a teoria da antiestrutura social – “liminaridade” e “communitas” – expostas por Turner, de realidades contemporâneas de nosso país. Nesse aspecto, pensa-se que a fé, as crenças e os ritos podem organizar de modo significativo diferentes realidades sociais, em qualquer espaço social e em qualquer tempo. A seguir, veremos outros signos e papéis das Festas do Divino.

### 6.1.2 Origens da Festa do Divino: signos e papéis

A Festa folclórica do Divino é um legado que adveio do continente português, de Açores a Madeira, chegando ao Brasil, à África Portuguesa, à Índia e, mais recentemente, à América do Norte. Logo, a Folia do Divino acompanhou os açorianos onde estes se fixassem.

Os pesquisadores Gonçalves e Contins (2008), a partir da pesquisa de campo sobre as festas açorianas do Divino Espírito Santo realizadas em dois contextos nacionais de imigração açoriana: Estados Unidos (Nova Inglaterra) entre os anos de 1999 e 2000, e Brasil (Rio de Janeiro), entre 2001 e 2004, assim como de uma breve permanência na Ilha Terceira<sup>35</sup> em 2004, relatam as origens da Festa:

Ao narrarem as origens da festa, os açorianos a inserem na história portuguesa, situando-as miticamente no reinado de Dom Diniz (1261-1325). Os mitos de origem situam a fundação da festa ainda no século XIV, obra da rainha santa Isabel (1271-1336), esposa de Dom Diniz, a qual teria realizado uma promessa ao Divino Espírito Santo para que cessassem as guerras entre seu esposo e seu filho. O pagamento dessa promessa seria feito na forma de uma ampla e generosa distribuição de alimentos e bebidas aos pobres. Em algumas versões, a rainha coroava os pobres com sua própria coroa. Assinale-se que a inspiração religiosa da rainha santa teria como fonte o monge franciscano Joachim de Fiore (1135-1202), cujas ideias messiânicas apontavam para a existência de três idades do mundo: a idade do Pai, a idade do Filho e a idade do Espírito Santo. Com a terceira idade do mundo, este conheceria um novo tempo, e o império do Divino Espírito Santo traria paz e fartura para todos (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 73-74).

Os autores, ainda, sugerem a análise das Festas do Divino como “um fato social total”, que, segundo MAUSS (2003), envolve múltiplas dimensões,

<sup>35</sup> A Terceira é uma das nove ilhas que compõem o Arquipélago dos Açores, na qual as festas do Divino Espírito Santo são particularmente importantes (GONÇALVES; CONTINS, 2008. p. 69).

simultaneamente técnicas, estéticas, econômicas, jurídicas, fisiológicas, psicológicas. A Festa do Divino Espírito Santo relaciona-se ao período compreendido entre a Páscoa e Pentecostes, nas liturgias da Igreja Católica. Conforme os autores, este período assume “uma forma extraordinária, orgânica, e a festa como um todo aparece como um conjunto plástico e dramático de notável beleza” (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 69).

Gonçalves e Contins (2008, p. 68), também, indicam que o conjunto de atividades técnicas, estéticas, econômicas, fisiológicas e psicológicas que desencadeiam a festa pode ser considerado como uma *contradátiva* oferecida ao Divino Espírito Santo, em agradecimento pelas graças concedidas.

A irmã Franciscana Ida Tereza Ceron relata na obra *Devoção ao Divino Espírito Santo – Folias e Bandeiras* uma série de “ditos populares” que contextualizam as formas de reciprocidade que envolve o ritual ao Divino:

Não se deve negar o pouso a uma folia do Divino: dá azar, faz mal para a colheita. Uma viúva recusou o pouso a uma folia: nunca mais conseguiu criar galinhas. Um pão-duro quis enganar o Divino: o Divino ganhou em dobro. Ao visitar as casas, a bandeira do Divino deve delas sair pela porta por onde entrou (CERON, 2013, p. 60).

Conforme Maria Lúcia Montes, professora Doutora do Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo:

[...] na verdade, toda festa, no Brasil - mostra sua natureza de *bricolage* material e intelectual – para falar com Lévi-Strauss (1962) –, tentativa de construção de uma ordem inteligível do mundo a partir de sua expressão sensível. Ao mesmo tempo, ela também se revela como *fato social total* – dir-se-ia, usando o conceito de Mauss (1974) – acontecimento que expõe uma ordem moral e social evidenciada pelos lugares que cada um ocupa no cortejo, permitindo, deste modo, explicitar a forma de organização, bem como a hierarquia de riqueza, prestígio e poder que a sustentam (GEERTZ, 1978; DARNTON, 1989 apud MONTES, 1998).

Nesse contexto, Ceron (2003) e Mendes (2012) também abordam uma série de signos e papéis que anualmente são renovados para a Festividade do Divino Espírito Santo. Segundo os autores, pode-se considerar como os principais signos da Festa do Divino a Bandeira, a Coroa, o Império, a Pomba Branca, o Giro. Assim, também existe uma série de papéis atribuídos a figuras de destaque da Festa, como os Festeiros de Honra, ou seja, a Rainha Santa Izabel e o Mordomo Real, os

Festeiros, os Alferes, o Ministro da bênção e louvação, os Ministros da Eucaristia e a equipe administrativa.

Em Vila Seca, a Senhora Itamarajá Kilieng Medeiros, Ministra da Eucaristia, relata como a devoção ao Divino chegou à localidade:

Ah, até tem uma história. Tem um livro que Ana Rech, que, quando foi feita a primeira capela, os padres da época eram os Camuldulenses. Eram uns padres que vieram da Itália que usavam a batina branca, foram os que começaram a construir a igreja de Ana Rech. Depois eles abandonaram, voltaram pra Itália, e depois que chegou os Moraldinos, que também vieram da Itália, mas vieram por intermédio da Argentina [...]. Esses padres na época vinham aqui a cavalo, né, porque de Ana Rech tinha que vir a cavalo. Acho que missa era de vez em quando. Quando vinham, faziam batizado, faziam tudo o que tinha que fazer. Eles quiseram botar o nome de São Romualdo na capela da vila, em 1912, mas não pegou, porque o pessoal, os primeiros moradores, já tinham trazido a Bandeira do Divino quando subiram a Serra, que vieram do lado de Santo Antônio da Patrulha. Porque aqui os Campos de Cima da Serra foram habitados antes que Caxias. Eles são mais antigos que Caxias. Então eles já tinham a tradição. Não sei se eles tinham um pequeno capitel ou alguma coisa que eles rezavam, eles tinham a tradição deles que trouxeram da Bandeira dos portugueses, né. Então eles não aceitaram trocar para São Romualdo [...]. E ficou Divino Espírito Santo (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kilieng, 2013).

Percebe-se nessas falas um aspecto primordial da teoria da *etnicidade*, seu caráter relacional, na medida em que não são as características culturais que dão origem à *etnicidade*, mas a comunicação entre culturas. A permanência do nome da Capela do Divino Espírito Santo demarca o desejo da diferenciação das comunidades cujo padroeiro veio na garupa de um cavalo. Segundo senhor Mendes, “nossa Festa do Divino veio pelo caminho de Laguna, Santo Antônio e arredores subindo a Serra. A bandeira nos alforjes de um tropeiro [...]” (MENDES, 2009).

Entre os símbolos da Festa do Divino, a “Bandeira” é o estandarte de cor vermelha com a pomba de asas abertas no centro. Ela é levada nas procissões pelas ruas e casas, e sua passagem, segundo os fiéis, abençoa todos os lugares e pessoas que a receberem (Figura 48).

Em Vila Seca, a “Louvação do Divino”, ou seja, as visitas às residências com o tradicional peditório, evangelização e bênção das casas pelos missionários do Divino são acompanhadas do *Canto de Louvação ao Divino*<sup>36</sup>, descrito logo abaixo:

<sup>36</sup> O *Canto de Louvação ao Divino* tem a letra de Antônio Oliveira e foi gravado em CD com o Grupo de Louvação de 2007, com Lindomar Alves Mendes no vocal, Vito Ramos no vocal e violão, André Castilhos no acordeom e Flavio Pinto no bumbo.

**Chegada:**

A Bandeira do Divino em nome da Providência  
Está pedindo licença pra entrar nesta residência.  
O Divino Espírito Santo vem trazer fraternidade,  
vem trazer paz e saúde, amor e prosperidade ai,ai.

A bandeira tem certeza que o ódio será desfeito;  
que em sua casa impera a bondade e o respeito.  
Tenha um convívio fraterno e que nunca falte o pão  
e que permaneça viva a justiça e o perdão, ai, ai.

A comissão da Vila Seca cantadores e os festeiros  
Estão pedindo uma oferta pra Festa do Padroeiro.  
O Divino lhe bendiz, lhe protege e faz convite,  
que no início de maio a sua festa visite, ai, ai.

**Despedida:**

Deus vos salve os dedicados perante o catolicismo,  
Preservando a liberdade, eliminando o escravismo.  
O Divino agradece a oferta recebida,  
Em troca estará presente todos os dias da sua vida.

A comitiva se despede vai seguir o seu destino, enquanto os  
devotos beijam o estandarte do Divino.  
O supremo lhe abençoe e os anjos digam amém,  
A Bandeira vai embora pra voltar o ano que vem ai, ai  
(LINDOMAR ALVES MENDES).

Figura 48: Bandeira do Divino Espírito Santo presente no interior da Capela do Divino, distrito de Vila Seca, 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro símbolo de fundamental importância à Festa é a “Coroa”, que, para os devotos, representa o próprio Divino presente neste signo. O “Império” representa o centro do cerimonial em louvor ao Divino, que tem a função de abrigar os objetos sagrados de devoção ao Divino. A “Folia do Divino” constitui-se por um grupo de pessoas com vestuário característico que, no meio urbano, percorre ruas, estabelecimentos, instituições e, no meio rural, visita fazendas, chácaras e casas levando a Bandeira do Divino, recolhendo doações para a Festa. No Rio Grande do Sul, a “Folia” chama-se “Louvação”, e em Minas Gerais utiliza-se a expressão “Terno”.

Por fim, ao escolher trabalhar com uma comunidade de diáspora, como é o caso da açoriana nas diversas partes do mundo, abdica-se nesta pesquisa dos estudos direcionados à capacidade de absorção e de integração desses e outros imigrantes no Brasil como uma tentativa “assimilacionista<sup>37</sup>” (OLIVEIRA, 2011). O que se observa ao estudar a comunidade açoriana, seja no Brasil, seja na América do Norte, é uma constante organização étnica para criação e recriação de sua cosmologia. Nesse contexto, a prática das festas, dos ritos e dos costumes os mantém incluídos pelo *cultivo e invenção da diferença* em países marcados pela pluralidade étnica. A seguir, veremos as memórias da comunidade de Vila Seca relacionadas a temas da pesquisa.

---

<sup>37</sup> No decorrer do ano de 1938, durante o governo Vargas, a chamada “Campanha de Nacionalização” foi posta em vigor, implantado um conjunto de medidas legais para combater a influência “desnacionalizante” das comunidades de imigrantes estabelecidos no Brasil e, assim, forçar sua integração, como é o caso do Decreto-Lei nº 383 (18/04/1938) que proibia toda atividade política exercida por associações civis (clube, escola, associação cultural etc.), tendo como objetivo a difusão de ideias ou programas de partidos políticos estrangeiros (OLIVEIRA, 2011, p. 13).

## 7. MEMÓRIAS DA COMUNIDADE

Através do acionamento de lembranças de atores sociais da comunidade em estudo busca-se analisar as formas de construção, reconstrução e disputas da *memória coletiva* e identidade social do vila-sequense. A fim de se realizar a investigação proposta, elaborou-se a EN conforme o Modelo de Análise da Pesquisa apresentado no capítulo dos Procedimentos Metodológicos desta dissertação. A Tabela 9 demonstra as questões norteadoras da pesquisa relacionadas às suas respectivas abordagens conceituais.

Tabela 9

Relação das questões norteadoras como os conceitos da pesquisa

Conceitos	Questões
1. Memória Coletiva 1.1. Efervescência Coletiva	Como foi a participação de sua família no processo de formação do distrito de Vila Seca? Quais os principais eventos, festas, monumentos, ritos e crenças da comunidade vila-sequense?
2. Identidade étnica 2.1 Etnogêneses	Quais os significados dos eventos, festas, monumentos, ritos e crenças para a população local? Que aspectos diferenciam a população de Vila Seca do caxiense em geral? O que é ser um vila-sequense?
3. Espaço Social	Quais os principais atores e instituições envolvidos nas na construção, reconstrução e disputa de memória coletiva? Como eles se organizam?

As pessoas entrevistadas a partir da amostragem não probabilística “Bola de Neve” estão demonstradas na Tabela 10, com o respectivo tempo de cada entrevista. A definição da primeira EN, isto é, a “semente” da amostragem, ocorreu através de estudos preliminares, na fase dos “trabalhos de campo de reconhecimento” da pesquisa.

Tabela 10

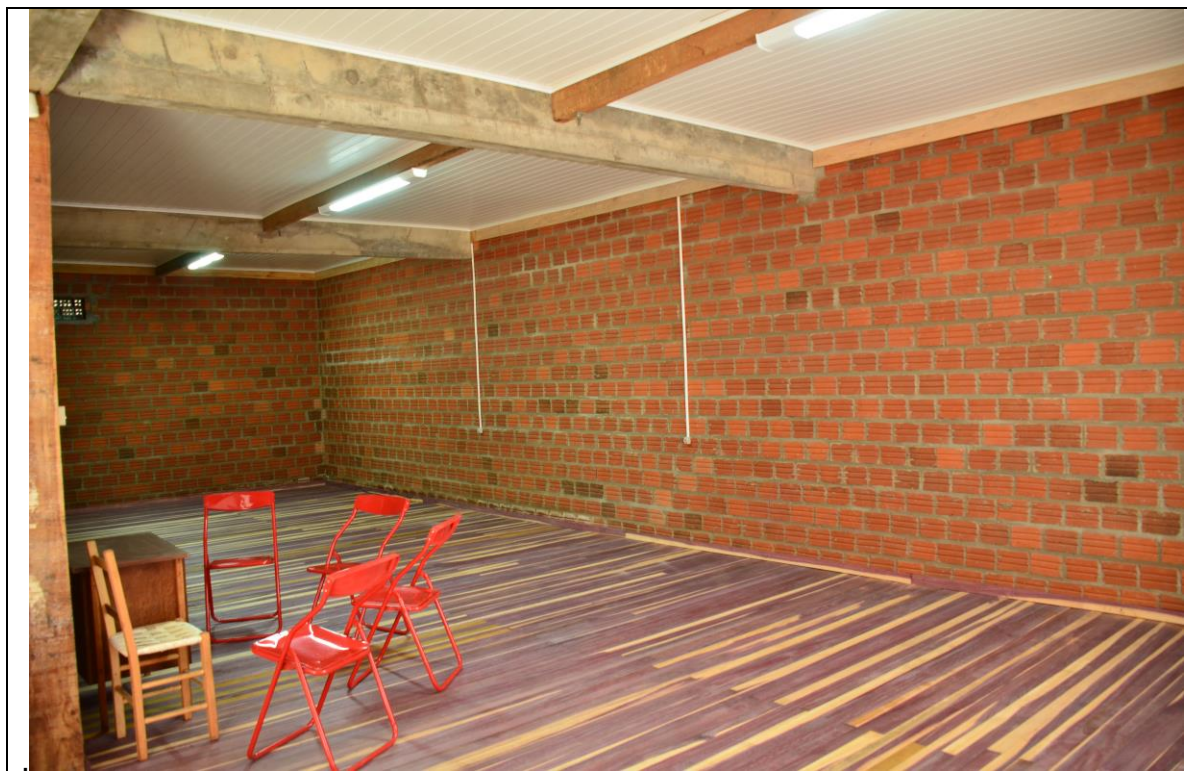
Relação dos seis informantes selecionados a partir da amostragem “Bola de Neve” e as respectivas durações das entrevistas

Entrevistados	Duração das entrevistas

Entrevistados	Duração das entrevistas
Jairo Rech	57 min
Idalina Oliveira Guerra	67 min
Raul Rodrigues	35 min
Antonino Rabello	17 min
Itamarajá Kieling Medeiros	62 min
Nelson João Suzin	32 min

Neste período, tomou-se conhecimento do Projeto Cultural desenvolvido pela Associação de Moradores do distrito de Vila Seca – AMOVISE, em parceria com professores da Escola Municipal Érico Veríssimo. Por meio deste projeto, o distrito foi eleito como um dos dez “Pontos de Cultura” do município de Caxias do Sul (Figura 49). O senhor Jairo Rech, vice-presidente da AMOVISE, um dos idealizadores do projeto e agente cultural do distrito, apresentou-o à pesquisadora, ainda, na fase preliminar desta dissertação.

Figura 49: Sede do Ponto de Cultura Vila Seca em Cultura, Distrito de Vila Seca, Caxias do Sul, fevereiro de 2013.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir de agora, serão relatados trechos das ENs, de modo que se farão as análises das memórias coletivas da comunidade a partir de temas relacionados aos aspectos conceituais da pesquisa.

## 7.1 ETNICIDADE E ETNOGÊNESES

O Senhor Jairo Rech, vice-presidente da AMOVISE, quando questionado sobre os aspectos que diferenciam a população de Vila Seca do Caxiense, em geral, explana:

As diferenças de Caxias são bem notáveis do distrito, ou da maior parte do distrito, porque nós temos uma porção italiana também dentro do distrito, mas ela é bem notável. [...] os fortes traços italianos prevalecem no município de Caxias, isso não tem o que dizer. Hoje, depois de muitos anos, tem a intervenção porque a cultura é uma coisa viva. Ela não para, né. Aí vêm pessoas de fora com tradição mais gaúcha. Hoje têm Centros de Tradição Gaúcha (CTG) no município todo, e quantidade enorme de laçadores que vieram de fora e estão no município de Caxias. Mas o forte mesmo de Caxias do Sul é a questão cultural italiana (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

Jairo traz a questão de a identidade da comunidade estar relacionada à geografia do local, uma vez que a morfologia dos Campos de Cima da Serra beneficiam a atividade pecuária e a organização socioeconômica relacionada a esta cultura.

Assim como o Pasquali era italiano, o meu avô, o Valentin Didoné, também era de origem italiana, ele seria morador daqui, mas falecido hoje Ele andava pilchado e largou as vestimentas dele italianas, aqui na fazenda, assumiu a identidade do local. [...] o italiano veio muito com a cultura da colônia mesmo, né, das plantações. E aqui, a geografia do lugar também não permitia, era uma região de pecuária. O meu avô fazia vinho e tinha um parreiral para o consumo próprio. Ele era natural de Caxias, ali no interior de São Luís da Sexta Léguas, região bem italiana. E veio pra cá à procura de terras promissoras. Foi trabalhando a questão da pecuária, que era uma coisa mais rentável do que a atividade que eles tinham lá [...] A geografia que esses Campos de Cima da Serra propiciaram a criação do gado. A identidade local, então, pode estar atrelada a esses fatores, tanto da terra em si, da cultura. Da cultura eu falo da economia, né, a pecuária (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

Outro ponto abordado pelo informante mostra-se no fato da região ter sido promissora devido a “Rota dos Tropeiros”:



Ah, aqui também como era a “Rota dos Tropeiros”, e essa região colonizada, primordialmente, por açorianos que vieram lá de Santo Antônio da Patrulha, subiram e colonizaram essa região aqui. E aí tinha uma rota de comércio muito forte que ligava o litoral a serra, que se formou a cidade. Comercializavam sal; tinha as carretas que usavam o sal, depois o pinhão [...] Tinha famílias que enriqueceram com os negócios aqui do pinhão, trazendo sal e farinha. Era uma região muito promissora essa rota aqui (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

Ele explica que, apesar de os italianos e alemães terem se instalado na região, ainda prevalece a tradição gaúcha na localidade. Elucida, também, que existem regiões predominantemente italianas no distrito; todavia, elas não se inserem nos Campos de Cima da Serra, mas na área da colônia.

[...] E aí foi trazendo junto com isso o italiano; tem alguns alemães que tão na região também. E o que prevaleceu forte foi a cultura lusa, a tradição gaúcha que veio abarcada num conjunto só. E a região mais italiana do distrito, que manteve as origens mais italianas, não é dos Campos de Cima da Serra, pois já é da área de recosta, de colônia, que são Aparecida e São Gotardo. Lá eles plantam, têm parreirais, pomares, criação de suínos, frango e peru. Aí, depois, tem umas vinícolas (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

Ao questionar o senhor Mendes sobre como a população de Vila Seca se organiza para construir ou reconstruir sua *memória coletiva* e sua identidade frente a uma identidade Italiana majoritária de Caxias do Sul, ele explica:

Uma preocupação de minha parte, pois vejo pouco da busca de preservar sua primeira identidade. Quando se busca isto, parece uma guerra de raças, o que não é, pois os italianos com uma descendência de pouco mais de 100 anos conservam muito presentes seus antepassados, ao passo que as descendências Luso-Açorianas-campeiras remontam a 300 anos, sete, oito ou mais gerações de uma história muitas vezes perdida e com poucas pessoas buscando remontá-las (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013).

Outra informante da pesquisa trata-se da senhora Idalina Oliveira Guerra, que nasceu no distrito de Vila Seca em 26 de abril de 1933. Seu sogro, o senhor Luiz Guerra, nasceu em 25 de abril de 1884 no município de Garibaldi. Luiz Guerra era filho mais velho de Ângelo Guerra e Margarida de Biasi Guerra. O Senhor Luiz Guerra casou-se com a senhora Ângela Elisabeta Cislighi Guerra. Em maio de 1918, foi morar em Boca da Serra, localidade de Vila Seca, constituindo ali uma indústria madeireira em sociedade com Toredó e Dario Giacomet. O casal teve oito filhos (Figura 50).

Figura 50: Da esquerda para direita, pode-se observar Margarida, Amélia, Helena, Petronília, Luiz Guerra (seu sogro), Elói, Ângelo João (seu esposo), Rutílio Miguel, Ângela Cislaghi Guerra (sua sogra) e Ranieri, década de 1930.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Idalina Oliveira Guerra.

A família Guerra mudou-se para o núcleo central de Vila Seca no ano de 1924. A partir de 1937, o distrito de Vila Seca passou a ter energia movida por meio da máquina a vapor instalada na serraria do senhor Luiz Guerra.

Figura 51: Serraria de Luiz Guerra, à direita carro de boi levando uma tora de 1,30m de diâmetro, Vila Seca.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Idalina Oliveira Guerra.

Na obra a *História do Povo de Ana Rech*, os autores relatam tanto a importância quanto as dificuldades enfrentadas pela atividade madeireira na área rural de Caxias do Sul. Nas estradas da região, mal passava uma carreta: “Três ou quatro vezes na viagem a carreta de bois virava”. Existiam cerca de trinta e cinco serrarias na região dos Campos de Cima da Serra, desde o final do século XIX até meados do século XX. Entre elas, duas serrarias eram do senhor Luiz Guerra, em Vila Seca. Naquela época, as serrarias eram movidas a vapor, e as toras eram transportadas por carros de boi. “Às vezes a tora era tão grossa que se tinha que engatar até oito juntas de bois. Cabia ao arrastador abrir picadas” (DALL’ ALBA, 1997, p. 209-215).

Figura 52: Tora de 1,30m de diâmetro puxada por carro de boi.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Idalina Oliveira Guerra.

Na década de 1950, com a ajuda de moradores da comunidade, foi construída a primeira hidrelétrica da região. Luiz Guerra prestou, ainda, serviços ao Exército brasileiro, quando consentiu que suas terras fossem utilizadas para manobras militares. O decreto nº 37.745, de 17 de agosto de 1955, atribuiu-lhe a

condecoração de “Pacificador”. Logo, recebeu a Medalha de Pacificador em 25 de agosto de 1961. Aos oitenta e seis anos, faleceu acometido por um derrame cerebral (VILA SECA: DEPOIMENTOS E HISTÓRIA DE NOSSA GENTE, 2001).

Dona Idalina tem, ainda, intensa identificação com a comunidade por ser bisneta do senhor Patrício Pasquali, o agrimensor que doou o terreno no qual foi erguida a primeira capela e cemitério de Vila Seca. Ela narra, logo abaixo, questões sobre a identidade do vila-sequense:

Eu me identifico com o pessoal, porque, se me der uma dor de barriga e gritar, todo mundo vem. Se eu vou morar na cidade, ninguém me conhece, ninguém sabe quem sou eu. Então, eu me identifico porque é onde eu nasci e me criei, né. [...] Eu sou uma pessoa, eu sou Vila Seca, né, eu não posso negar (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

Observa-se na narrativa da senhora Idalina uma “força moral” exercida entre o ser coletivo, Vila Seca, e o ser individual, Idalina Oliveira Guerra (DURKHEIM, 2009, p. 231). Pode-se perceber, portanto, uma inter-relação de pertencimento e representação da localidade. Nesse contexto, a memória individual de quem participou da construção do distrito integra-se à memória local, na medida em que os seus oitenta anos de vida relacionam-se aos cem anos de existência de Vila Seca.

Em outra EN o senhor Nelson Susin, morador de Boca da Serra, ao ser interrogado sobre o que é ser vila-sequense, relata:

Por ser da Vila Seca, aqui a gente se sente muito contente, muito satisfeito, porque é um lugar de uma população muito boa. Gente muito boa sabe receber bem as pessoas. Tem Festa do Divino. E os próprios moradores, que tiveram os que saíram daqui, tudo gente que se visitava, que se davam bem. Há anos atrás, a gente tinha mais tempo. As pessoas iam às casas passear. Hoje não tem, hoje é uma visitação por tudo, né, porque as pessoas daqui vão trabalhar. Quando falece uma pessoa, por exemplo, as pessoas não podem têm compromissos. Mas Vila Seca, pra dizer a verdade, é uma terra abençoada por Deus. (Entrevista concedida por SUZIN, Nelson João, 2013).

Ainda, ao falar sobre a identidade do distrito, o senhor Nelson traz a questão do tropeirismo, principalmente para a localidade da “Boca da Serra”. Ele indica um período tanto de prosperidade, na época dos tropeiros, como de êxodo rural, na atualidade:

Olha, “Boca da Serra” era um lugar assim de bastante expansão de indústria. Tinha dois salões de baile, o Moinho Grande, duas Casas de

Comércio grandes, uma era do meu tio Pacífico Casagrande, e a outra era do Jorge David, que era parente do Pedro Jorge Simão. Tinha depósito dos tropeiros que vinham lá de Cima da Serra traziam queijo, couro e aqui se abasteciam: era o tipo de uma importadora, e levavam de volta. Aqui tinha a central telefônica, que era o primeiro telefone do distrito de Vila Seca. Tinha barbearia, dois açougues, barbaquá<sup>38</sup>. Tinha uma filial da Cooperativa Aliança que meu pai trabalhou bastante tempo. Tinha mais a fundição dos Menegatti. Eles fundiram até um portão do banco que hoje é ali, o Itaú<sup>39</sup>. Fundiram a porta lá pro Abramo Eberle, peça da fundição que foi pra lá. Eles trabalharam muito nesse sentido. E tinha diversas famílias que moravam ali. Hoje, com o êxodo rural, foram embora (Entrevista concedida por SUZIN, Nelson João, 2013).

Quando questionado sobre quais aspectos diferenciam a população de Vila Seca do Caxiense em geral, o senhor Raul descreve como Caxias do Sul se tornou uma potência, a segunda maior economia do Estado:

Existe muito grande. A nossa identidade assim nos diz: é uma origem mais tropeira, e o caxiense já é mais italiano, sabe daí mais da produção, porque o italiano é um povo muito invejoso. Ele, se o vizinho tiver um carro, digamos de um determinado modelo: – não, eu vou comprar um melhor. E por isso que Caxias tá essa potência que existe hoje. É, foi assim, fruto duma, como é que eu vou lhe contar um sistema de inveja, sabe: - eu faço, mas eu quero fazer melhor que o vizinho. Uma concorrência assim muito acirrada, porque isso é coisa do italiano, né. E tá aí a potência que a gente vê hoje, é a segunda cidade do Estado (Entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013).

Ainda, relata que o vila-sequense tem uma identidade mais portuguesa, mais campeira, enquanto que o caxiense, mais italiana:

O espírito do vila-sequense vem do português, né, que é mais aquele estilo campeiro, mais aquele estilo mais aberto, sabe. E o caxiense não, o caxiense já vem do italiano. O italiano já chegou num território menor, ele teve que trabalhar em cima de poucos hectares de terra. Então o porquê daquela ganância de fazer mais sempre, porque o italiano tem isso, essa garra muito forte. E já o povo lusitano é um pouco mais diferente, era um espaço muito grande, era mais calmo, mais tranquilo. Então, nós herdemos essa origem, e até a nossa fé que veio do Divino Espírito Santo foi trazida de Portugal, também, e que se enraizou aqui na nossa região (Entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013).

<sup>38</sup> Relatos de Carino Dall'Alba expõem o significado do barbaquá: “No início, nem sabíamos o que era erva-mate. Depois de ter derrubado muitas árvores, sem conhecer-lhe a utilidade, os colonos se deram por conta de que podiam ganhar dinheiro com esta folha tão apreciada pelos negros”. Em 1906, um exportador da região trouxe um ervateiro do Paraguai para ensinar a construir e operar um barbaquá. O barbaquá consistia em um forno para secagem da erva-mate. Após seca, esta era ensacada e levada em cargueiros ou carreta até Caxias (DALL'ALBA; TOMIELLO et. al., 1997, p. 238-239, v.2).

<sup>39</sup> Os portões do antigo Banco Ítalo-francês, em frente à Praça Dante Alighieri, calçadão de Caxias do Sul, foram feitos em Boca da Serra (Idem, p. 408, v. 2).

Percebe-se nas narrativas do senhor Raul forte diferenciação dos sinais diacríticos entre os vila-sequenses e os caxienses, relacionada tanto a partir de uma herança luso-açoriana quanto de uma territorialidade.

Outra colaboradora da pesquisa mostra-se a senhora Eveny Maria Soares Dani nascida em 19 de outubro de 1941, professora aposentada, moradora atualmente da região central de Caxias do Sul. Senhora Eveny tem uma peculiaridade em sua genealogia familiar: na quinta geração paterna existe um Sesmeiro, chamado Boaventura José Pacheco, que possuía terras na região atual de Vila Seca. A família da colaboradora também teve participação na vida social e política do distrito, conforme a abordagem subsequente.

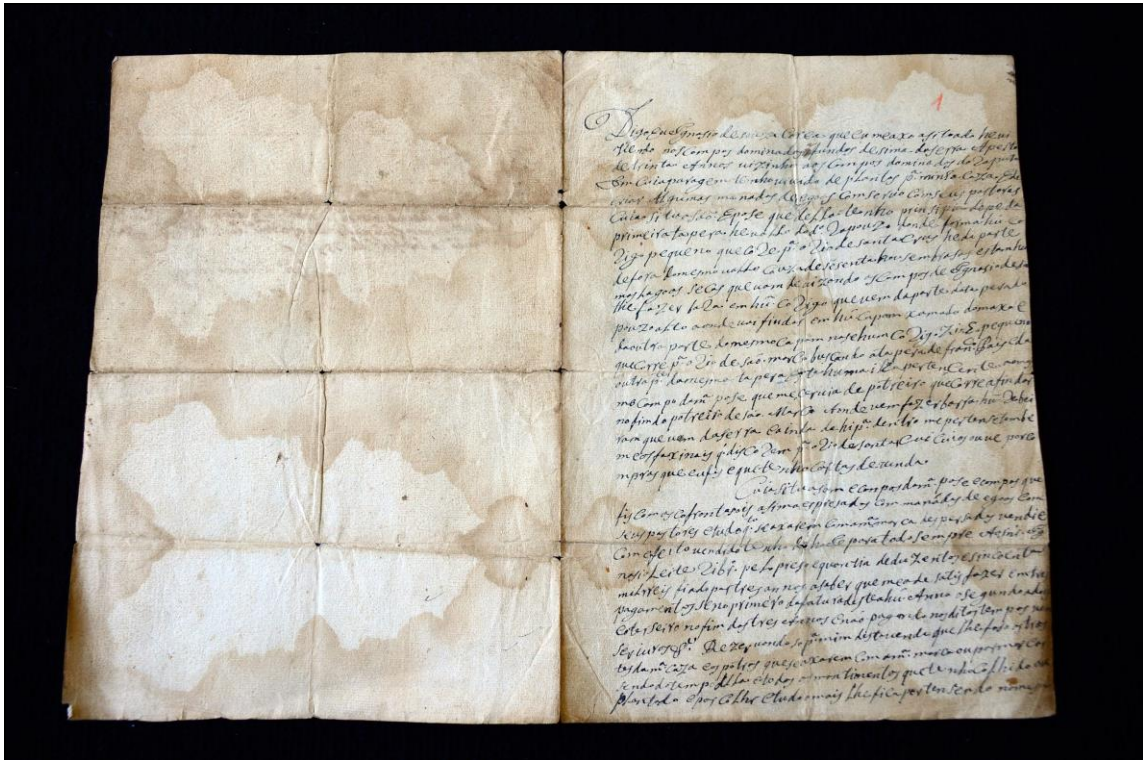
A fim de buscar a informação sobre a “Carta de Sesmaria” de Boaventura José Pacheco (ANEXO A), fez-se uma pesquisa nos registros de Sesmaria do Estado do Rio Grande do Sul, sob o domínio do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em 30/07/2013. Nesse contexto, constata-se que a presença de Sesmarias na região indica os troncos seculares do distrito, ou seja, herdeiros de grandes extensões de terras. Conforme abordado, anteriormente pelo senhor Raul Rodrigues, “um espaço muito grande” influenciou o modo de ser dessa população campeira.

Outra evidência deste fato mostra-se na documentação relativa à planta da fazenda “Souza”, adquirida pelo senhor Christiano Horn, trisavô da senhora Eveny. A fazenda “Souza” pertenceu a um dos pioneiros da região, o senhor Inácio de Souza Correa no período de 1760 a 1790, e atualmente corresponde às áreas da Mulada, Criúva, Vila Seca e Fazenda Souza em Caxias do Sul. O (ANEXO B) mostra a cópia da legenda da planta da fazenda do “Souza”, e o (ANEXO C) a planta da fazenda pertencente a Christiano Horn e seus herdeiros, no ano de 1888.

A reportagem apresentada pelo jornal “Pioneiro”, em 05 de novembro de 1975, pelo historiador Mário Gardelin mostra a tradução da documentação relativa à venda da fazenda “Souza”, pelo Senhor Inácio Souza Correa, considerado pela historiografia como um dos pioneiros da região que hoje se encontra nas imediações do distrito de Vila Seca, no ano de 1790 (ANEXO D).

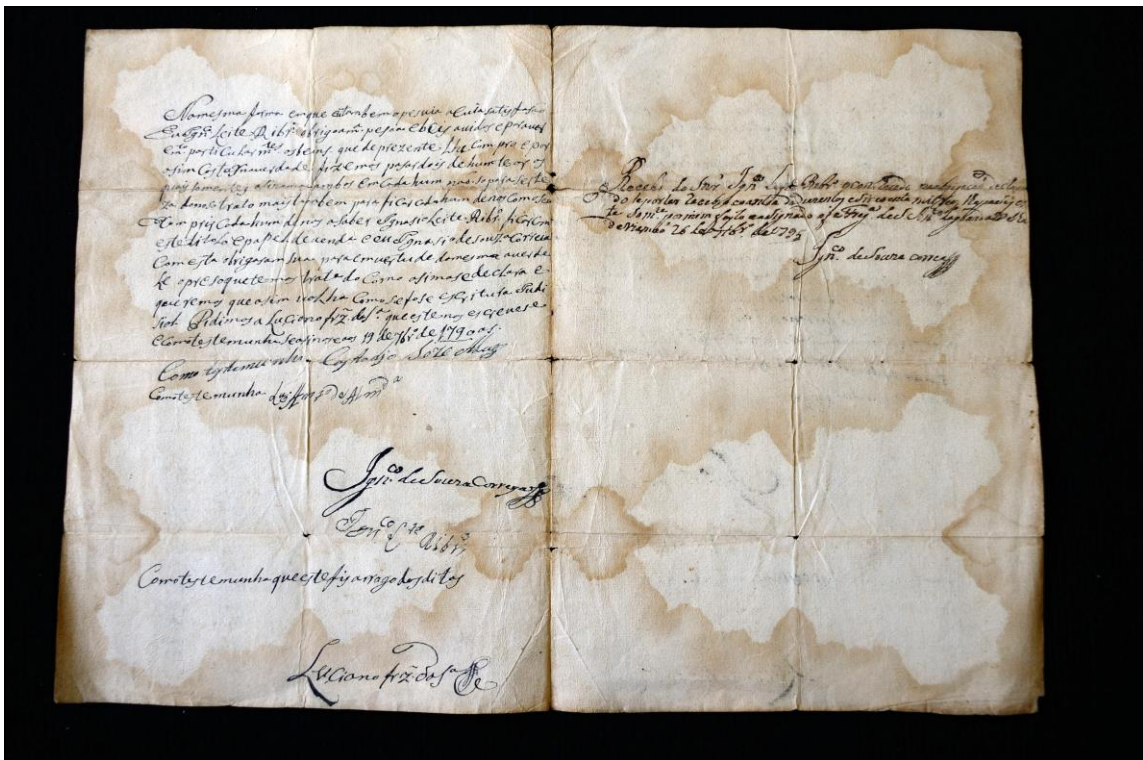
Convém destacar que o original deste documento, em linguagem difícil de ser decifrada, encontra-se com a senhora Eveny, conforme a Figura 53 e a Figura 54.

Figura 53: Cópia da parte da frente do documento relativo à venda da fazenda “Souza” por Inácio Souza Correa, em 1790.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Evely Maria Soares Dani.

Figura 54: Cópia da parte de trás do documento relativa à venda da fazenda “Souza” por Inácio Souza Correa, em 1790.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Evely Maria Soares Dani.

Apresenta-se no (ANEXO E) a reescrita do documento da venda da fazenda “Souza”, datada de 1790. A leitura desta tradução demonstra que, em finais do século XVIII, a região, em que atualmente está inserida Vila Seca, apresentava-se como uma grande extensão de terras pertencente a Inácio de Souza Correa. Convém ressaltar que o “Souza” morava há trinta anos naquela propriedade, ou seja, havia adquirido-a por volta de 1760 e nela mantinha “manadas de egoas”. Conforme a reportagem do jornal *Pioneiro*, de 05 de novembro de 1975 (ANEXO D), esta escritura trata-se do mais antigo documento referente ao território de Caxias do Sul. O fato narrado indica que os distritos de Caxias do Sul, localizados nos Campos de Cima da Serra, tiveram seu processo de ocupação e usos de solo, a partir do século XVIII, provenientes, portanto, de grandes extensões de terras. Consequentemente, o modo de ocupação da localidade relaciona-se com a identidade de Vila Seca, na medida em que os “trancos seculares” dessa população mostram-se originários dos primeiros estancieiros que habitaram a região.

Entre os familiares da senhora Eveny que tiveram importante participação na história do distrito, destaca-se ainda seu bisavô, o senhor Antônio Pereira Soares Filho (1853-1921) – “Niquinho” ou “Tio Nico”, como era chamado. Foi um fazendeiro de Vila Seca que abrigou e prestou assistência aos doentes da gripe espanhola da região. A reportagem do jornal “Pioneiro” de 21 de outubro de 1921 presta uma homenagem pela memória de senhor Antônio Pereira Soares, morto em 24 de setembro de 1921, aos 68 anos de idade (ANEXO F).

Convém destacar, também, que o distrito de Vila Seca era procurado pelos veranistas, inclusive da capital do Estado, devido a suas belezas naturais. O Senhor Luiz Cândido (Figura 55), avô paterno da Senhora Eveny, possuía um hotel que recebia estes veranistas, chamado de “Veraneio Ideal”.



Figura 55: Luiz Cândido Pereira Soares, filho de “Niquinho”, avô paterno de dona Eveny, foi o último subprefeito de Vila Seca no período em que pertenceu a São Francisco de Paula. Era o dono do hotel Veraneio Ideal.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Eveny Maria Soares Dani.

Figura 56: Hotel Veraneio Ideal, pertencente a Luiz Cândido Pereira Soares.



Fonte: Acervo do Estúdio Fotográfico Fotos Volga, Ana Rech – Caxias do Sul.

O hotel Veraneio Ideal (Figura 56) foi muito requisitado pelos veranistas nos anos trinta. Por volta do ano de 1941, foi vendido para Guilherme Tóffoli. Na década de 1950, a procura pelo hotel foi diminuindo. Na década de 1970, o hotel foi alugado para a construtora da Rota do Sol e logo após foi fechado.

Retomando aos aspectos que diferenciam os vila-sequenses e os caxienses, o senhor Mendes relata que a população distrital está mais ligada aos hábitos do homem do campo:

Vila Seca era pertença territorial de Santo Antônio da Patrulha, depois passou para São Francisco de Paula. Tinha uma identidade totalmente campeira, até o final do século XIX e início do século XX; após, com a extração da madeira e os pinheirais em abundância na região, começaram a entrar para esta região os descendentes de alemães e os italianos com suas serrarias, e mesclou as etnias. Mas, concordem ou não, percebe-se claramente um percentual muito alto de jeito campeiro neste povo, diferenciando-se um pouco do povo caxiense, que vem também mudando pela influência dos migrantes dos campos. Mas Vila Seca, com suas construções mais antigas, fogões a lenha, pinhão, cavalos e gado, continuam muito campeira (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013)

Outro aspecto da identidade de Vila Seca refere-se à religiosidade, como foi tratado anteriormente. Nesse contexto, a senhora Idalina relata a ocasião da reforma

feita na Capela do Divino Espírito Santo, para a comemoração de seu centenário no ano de 2012:

Eu me identifico com a igreja; desde pequena, minha mãe me levava, então, eu aprendi a adorar aquilo. Quando eu vejo [pausa]. Eles vão lá e tiram. É a mesma coisa que eu perder um marido, perder um filho. E, de repente, vem uma decoradora e troca tudo, ela não entende nada de religião, e muito menos o padre. Eu falei para o padre, e ele me disse: – É, a senhora sabe, assim, o que é moderno. Eu respondi: – Mas por que não tira a Nossa Senhora do Caravaggio da Paróquia de Ana Rech e não bota aqui na porta, tira! Vê se eles vão tirar? [...] Eu sou isso aí, entende? Eu sou a religião, eu sempre fui devota desde criança (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

Quando a senhora Idalina expõe: “Eu sou isso aí, entende? Eu sou a religião”, observa-se que a ideia de religião é algo acima de tudo coletivo. Aqui o pensamento social se expressa na figura da Igreja, como uma comunidade de sentimentos que unem os fiéis, assim como cada fiel representa a Igreja. Dessa forma, ao modificar insígnias da igreja, viola-se o sentimento ao sagrado.

Por conseguinte, por meio dos relatos dos vila-sequenses, pode-se relacionar a identidade local às populações que ali se instalaram, todavia, incorporando ao seu modo de vida o estilo campeiro e a devoção ao Divino Espírito Santo.

## 7.2 PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DISTRITO

A partir das primeiras pesquisas documentais no Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul – João Spadari Adami tomou-se conhecimento do tombamento do Moinho Boca da Serra (Figura 57) e da família à qual ele pertence, a família Suzin. A localidade formou-se antes do atual centro urbano de Vila Seca consolidar-se como ponto de pouso de tropeiros e importante centro de serviços da região, no início do século XX. Quando arguido sobre a participação de sua família na formação do distrito, senhor Nelson Suzin, nascido em 02 de março de 1933, fala da importância do Moinho Boca da Serra para a localidade:

Pra região, o Moinho teve importância muito grande! Ele foi um moinho que moeu muito trigo, muito milho ali pro pessoal que vinha de todos os lados de Cazuza Ferreira, de São Francisco e do Juá. E não só no nosso tempo, mas no tempo dos outros donos do moinho, né. Esse moinho foi registrado, no nosso tempo ele não tinha registro; nós não conseguimos

trigo de fora, e por isso então nós tivemos que fechar. Fechou sozinho, não deu mais pra continuar, porque nós não tínhamos subsídio. Mas, naquele tempo, nós moíamos bastante, vendia o farelo lá pra chácara do Desvio Rizzo, que tinha aquele açougue de porco, o homem vinha buscar. Trabalhava com o lixo em Caxias. [...] Meu irmão e mais algum empregado trabalhava no moinho, porque nós não dávamos conta. Trabalhei bastante também como caminhoneiro. Tive um desempenho na política também [...] Fui subprefeito duas vezes de Vila Seca [...] fui candidato a vereador e assumi a Secretaria de Obras (Entrevista concedida por SUZIN, Nelson João, 2013).

Figura 57: Prédio do Moinho de Cerais localidade de “Boca da Serra”, dias atuais.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O Senhor Nélon João Suzin, casado com a senhora Leonilda Molin Suzin, narra sua participação na vida política, como subprefeito duas vezes de Vila Seca, nos anos de 1958 a 1960 e de 1960 a 1964. Nos anos de 1968 a 1972 e depois de 1982 a 1989, foi candidato a vereador e assumiu a Secretaria de Obras. Nos anos de 1989 a 1993, elegeu-se vereador, reelegendo-se entre 1993 a 1996.

Outra entrevistada, dona Idalina Oliveira Guerra, conta como foi participação de sua família no processo de formação do núcleo urbano do distrito:

Vila Seca era um lugar pequeno. Este terreno onde tem a igreja era do meu bisavô [...] o meu bisavô era agrimensor e ele que doou as terras pro cemitério e pra Igreja, onde começou, vamos dizer, o núcleo de Vila Seca. [...] Foi em 1933 que morreu meu bisavô, o ano que eu nasci (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

Portanto, percebe-se em sua narrativa a importância da doação, por seu bisavô Patrício Pasquali, do terreno no qual estão construídos a capela e o cemitério do distrito. Estes locais sagrados são uma extensão da história tanto de sua família quanto da comunidade vila-sequense.

O Senhor Raul Rodrigues, primo da Senhora Idalina, nascido há 55 anos no distrito, expõe como foi a participação de sua família na formação do distrito:

Meu avô paterno, descendente de imigrantes portugueses, e o meu bisavô vieram de Santo Antônio e se estabeleceu aqui no distrito de Vila Seca, adquirindo uma terra que se denominou Fazenda São Marcos. Aqui ele terminou de criar a família, que era só os dois filhos: o José e o João. [...] eles iam muito à Praia Grande porque lá é onde tinha os engenhos que faziam cachaça, que faziam açúcar. E levava daqui o charque, o pinhão, o couro. Eles traziam as mudas, o açúcar, a rapadura e a cachaça que não tinha aqui, e eles gostavam de tomar o aperitivo deles. Outra coisa também que eles traziam era a erva-mate, que até isso contado por um “Soares” que o pessoal lá fazia cestos de taquara<sup>40</sup>, forravam a volta com as folha da taquara e largavam a erva socada dentro desse cesto. Então vinha um cargueiro<sup>41</sup> com dois cestos de erva-mate (Entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013).

O Senhor Raul descreve as histórias de vida de sua família, desde a vinda de imigrantes portugueses tropeiros ao distrito até seus hábitos. Estes relatos constituem as representações coletivas da comunidade e manifestam-se na construção social do estilo de vida campeiro.

Ainda, entrevistou-se o Senhor Antonino Rabello, de ascendência escrava, nascido em 10 de junho de 1930 em Vila Seca. O Senhor Rabello narra um pouco de seu trabalho nas fazendas da região. Ao ser questionado sobre sua história, ele relata:

Nicanor Soares era meu patrão, o pai da Eveny Soares. É, foi primeiro patrão. Lembro alguma coisa, assim; disso eu não me esqueço, bem dizer me criei com ele, eu tinha doze anos. Com doze anos fui pra lá. Fui pra lá e não saí mais [risos]. Ah, eu carpia, limpava milho, ia no campo corre onde tinha campo grande, né, cuidava do gado, tratava dos cavalo, tinha uns quantos cavalo pra tratar [...]. E era o meu serviço na roça mesmo. Eu me criei lá, eu acho que eu tinha uns quinze. Depois fui pro quartel, tinha uns 15 ou 16 anos (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013).

<sup>40</sup> De acordo o *Dicionário do Tropeirismo*, também chamada de jacá, do tupi *ayaka*, o cesto de taquara e cipós transados, preso à cangalha, era utilizado para o transporte de mercadorias (FLORES, 2006, p. 55).

<sup>41</sup> Segundo o *Dicionário do Tropeirismo*, cargueiro é o animal arreado com cangalha e bruaca ou canastra, para conduzir mercadorias (Idem, p. 30).

O Senhor Rabello conta sua história através de lembranças de vida relacionadas ao trabalho, desde a tenra idade, nas fazendas da localidade.

Outra informante da pesquisa foi a Senhora Itamarajá Kieling Medeiros, nascida no município de Carazinho (RS), em 09 de abril de 1941. Morou até oito anos em Iraí (SC). Aos treze anos de idade, foi residir em Vila Seca, chegando ao distrito na ocasião da morte de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954. É moradora do núcleo urbano distrital e esposa do Senhor Alcy Medeiros. O Senhor Alcy é filho de José Octávio de Medeiros e Zeferina Alves de Medeiros. Seu sogro, o Senhor José Octávio, foi dono do Hotel Guarani, um importante “lugar de memórias” da comunidade vila-sequense. Em 1960, dona Itamarajá casou-se com o Senhor Alcy Medeiros e passaram a residir no Hotel Guarani. Quando questionada sobre a participação de sua família na formação do distrito, Itamarajá narra o trecho transcrito abaixo:

Meu sogro se mudou pra Vila Seca em 1934. E daí, como o espaço ali é grande, ele construiu um hotel, a subprefeitura no hotel; a escola começou dentro do hotel (Figura 58). [...] Ah, tinha o salão de baile em cima; eles faziam os bailes (Figura 59). Ah, o cartório também era ali, também tinha uma sala no hotel (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

Figura 58: Grupo escolar provisório em um salão do Hotel Guarani, Vila Seca, 1940.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisete Medeiros Lauffer.

Percebe-se que o Hotel Guarani é um “lugar de memórias” da comunidade de Vila Seca, uma vez que fez parte da vida social da comunidade, de forma intensa. Assim, o Hotel Guarani pode ser considerado um centro político e social do distrito.

Figura 59: Parte superior do Hotel Guarani, local de realização dos bailes de distrito, Vila Seca, década de 1950.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Idalina Oliveira Guerra.

Em outro trecho da entrevista, a Senhora Itamarajá continua expondo a participação de sua família no cotidiano da comunidade vila-sequense:

[...] o Alcy mesmo quando eu casei que ele tinha essa carreta aí que tem a foto. Ah, quando alguém precisava fazer mudança aqui na Vila, chamavam ele. Corria pra buscar lenha, para ir nas roças, colher milho, ele era solicitado pra fazer frete pra todo mundo, porque não tinha outro, né. Os Balbinotti, ali, tinham caminhonete e tudo, mas eles também tinham muita agitação. Eles iam de manhã cedo pra Porto Alegre buscar mercadoria; eles abasteciam toda a parte da região (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

Nesse contexto, veem-se como as comunidades do meio rural organizam seu dia a dia ao utilizar estratégias de cooperação em suas relações de reciprocidade.

### 7.3 SEGREGAÇÃO RACIAL

Ao ser questionado sobre as festas no distrito, o Senhor Antonino faz a seguinte explanação:

Os baile era cada um pra si, porque tinha os baile dos moreno, cada um pra si, e tinha o baile dos amarelo, e tinha o baile dos branco. Ali, se tu entrava e não fosse [pausa], não te deixava entrar. O cara tá na porta ali: – O que tu vem fazer aqui? - Eu vim dá uma olhada. – Lá oh, cadê o baile de vocês? Não entrava ninguém. Era tudo assim, cada um tinha sua parte (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013).

Segundo relatos de moradores da região, a separação dos lugares e eventos sociais entre brancos e negros ocorreu até meados da década de 1960. Um exemplo disso, além dos bailes, ocorreu nos jogos de futebol. O Senhor Antonino descreve para a pesquisadora e para seu filho, Celso Rabello, que o auxiliava, as suas lembranças dos campeonatos de futebol:

Naquele tempo tinha dois time né, filho? O primeiro e o segundo. Tinha o time dos moreno: o arranca toco e quebra canela. É, e depois tinha o time dos amarelo. E depois tinha o outro time dos branco [...]. E tinha os campeonatos [risos]. Ganhava ambas as partes, né, eu não posso te contar quem é que ganhava. Naquele tempo, nós não perdia uma que fosse [risos]. É, as coisa é tudo muito assim como tô lhe contando; o que não adianta, as coisas assim, as coisa que passou. Antigamente a gente sente até hoje, né [cabeça baixa]. Nada, não tem nada pra falar, nada [lágrima] (Entrevista concedida por RABELLO, Antonino, 2013).

A Senhora Itamarajá também relata a questão dos “morenos”:

É, os morenos não entravam no salão da sociedade que era, né, não entravam. Então, sempre quando tinha um baile, tinha que ter um baile pros moreno separado. Isso aí foi ainda há uns quantos anos que eu conheci. Depois que eu acho que até 65, por aí, eles ainda faziam um dia do baile, porque nós tínhamos um galpão aqui em casa também que foi desmanchado por causa da rua ali, e também fazia o baile ali às vezes pra eles. Porque tinha né, tinha bastante por aí. Então eles tinham o divertimento deles, mas era separado (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

Narra-se, a seguir, o diálogo entre a Senhora Idalina e a Senhora Zeli, ambas expuseram situações de discriminação e preconceito racial:

Zeli: – Ih, barbaridade, nossa, era dividido mesmo negro e branco, tanto é que tem o cemitério ali. Era dividido, tinha preconceito.

Idalina: – Eu, pra mim, pra mim não faz diferença.

Zeli: – Mas tinha preconceito!



Idalina: – Pra mim não tem diferença, porque são tudo pessoas humana: morre, sofre, tem dor igual a todo mundo. É uma pessoa igual, só mudou de cor. Tinha esse preconceito, agora graças a Deus, não tem mais né.

Zeli: –Eu acho que não.

Idalina: – Eu me dou bem com todo mundo.

Zeli: – Não, o problema é que tinha, não é o se dar. Tinha e era a realidade. Deus o livre se um preto entrava num baile!

O Racismo, segundo Banton (1979), é compreendido como uma relação de subordinação de um grupo pelo outro, ou seja, uma relação de dominação. Nesse contexto, as relações de segregação dos negros começam a atenuar-se na comunidade de Vila Seca, segundo relatos da população local, no final da década de 1960. Todavia, na medida em que a construção social da identidade do homem do campo exalta “a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos”, essa exclusão ocorre com maior veemência, ainda, em relação ao índio e ao negro (OLIVEN, 2006, p. 155).

Veremos a seguir relatos de passagens das festas no distrito de Vila Seca, compreendidas aqui como momentos de *efervescência geral*, na concepção durkheimiana. Em meio a esses períodos criativos, portanto, emergem representações coletivas na comunidade local. Essas representações dizem respeito à maneira como a comunidade pensa a sua experiência própria (DURKHEIM, 2009, p. 483).

#### 7.4 FESTAS DO DISTRITO E EFERVESCÊNCIA COLETIVA

Quando questionada sobre quais as principais festas do distrito, dona Itamarajá narra:

A Festa do Divino Espírito Santo, nós não temos registro, mas eu acho que ocorre desde que a igreja começou. A principal festa do distrito é a do Divino, sem dúvida. Depois nós fizemos uma Festa dos Jovens, que também o padre Bruno sempre diz: – O único lugar que faz a festa dos jovens somos nós. E a gente faz em setembro agora, sempre o último domingo de setembro. [...] São dois casais de jovens que coordenam a Festa. Quando eu era solteira, antes de eu casar, em 1959, eu fui festeira dos jovens, das moças (Entrevista concedida por MEDEIROS, Itamarajá Kieling, 2013).

Para a Senhora Idalina, entre as comemorações do distrito, a maior delas é a Festa do Divino Espírito Santo:

A Festa do Divino Espírito Santo, que é a maior, que eles trabalham meses antes da festa por causa dessa louvação, arrecadando brindes, ofertas, porque eles vão nas casa pra levar a devoção à Bandeira e pra arrecadar uma oferta (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

Conforme a Senhora Idalina, há outras duas festas religiosas e a Festa do Pinhão:

Depois dessa festa, depois da metade do ano, o que eles chamam das moça, que é dos jovens agora – antes era das moça. Quem fazia a festa eram duas moças da comunidade. Agora é um casal de jovem, dois casais de jovem, ou três ou quatro, que fazem essa festa. É a Festa de Santa Terezinha. É em outubro; então, essas duas são as festas religiosas do lugar. E agora, o que não é religiosa tem a Festa do Pinhão, que tu conhece: – essa não precisa falar (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira, 2013).

A Senhora Idalina Oliveira Guerra e a Senhora Zeli Lourdes André relatam, ainda, os torneios de laço existentes no distrito:

Idalina: – Tem esses torneios, o torneio de laço. É uma festa do gaúcho, muito, muito frequentada. É, tem bastante gente.

Zeli: – É, todos os domingos eles se dividem e vão em um determinado lugar, depois eles fazem as decisões lá no Campo dos Bugre, que é em Caxias, lá nos pavilhões da Festa da Uva (Entrevista concedida por GUERRA, Idalina Oliveira; ANDRÉ, Zeli Lourdes, 2013)

Quando se solicitou ao senhor Mendes que elencasse as mudanças que ocorreram na Festa do Divino Espírito Santo, no distrito de Vila Seca, nesta última década, ele trouxe as seguintes informações:

Em 2002 foi uma festa de significativas mudanças, no âmbito da Festa, houve a definição da Cavalgada com seus pontos de saída, passagem e chegada; 2006 iniciou-se a revista com intuito de permanecer anualmente; em 2008 fui a um Congresso Internacional sobre as Festas do Divino na Ilha Terceira dos Açores, e sentimos a necessidade de melhorarmos a sintonia com as festas do restante do mundo, colocando alegorias que significassem o sentido do nascimento e crescimento desta devoção e cultura e, numa homenagem à Rainha Santa Isabel e sua Corte, onde foi realizada a primeira Festa do Divino na Cultura Portuguesa a que chegou até nós, por via Açores e colonização açoriana. Desde então, é coroada a Festeira de Honra como Rainha Santa Isabel, e entregue a seu esposo, Festeiro de Honra, o Cetro Real como homenageados pela comitiva, que deverão acompanhar nas visitas do grupo de louvação e festeiros (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013).

No ano de 2004, o senhor Mendes foi convidado para ser Festeiro, em Vila Seca, da Festa do Divino Espírito Santo. Nesse sentido, perguntou-se o que significou este convite para ele e para comunidade de Vila Seca.

Passando diariamente pela vila, pois tenho uma propriedade próxima, já com um grande número de amigos, que me convidavam para cavalgar pelos campos e fazendas da vila e arredores, onde conheci uma imensidão de parentes e amigos de família moradores do território da vila. Não poderia furtar-me de assumir como festeiro, e dois anos depois, em 2006, fui convidado a ser “Festeiro de Honra”, o que despertou ainda mais a vontade de conhecer e lutar para que esta Festa do Divino se destacasse, e, dentro de minhas possibilidades, continuei até os dias de hoje (Entrevista concedida por MENDES, Lindomar Alves, 2013).

O Senhor Antonino Rabelo narra como eram as festas que seu pai ajudava a comunidade “dos morenos” preparar:

As festa aqui eram uma festa muito boa, o festeiro era o falecido meu pai. Era quatro dias de festa, né, ficava aí. Então ficava aqueles quatro dia, um dava uma coisa, outro dava um porco, outro dava outra coisa, outro dava ovelha, outro dava [risos]. Os quatro dias de festa que fazia, eles ajudavam muito o falecido meu pai (Entrevista concedida por RABELLO, ANTININO, 2013).

Portanto, as festas do distrito destacam-se tanto pelo seu cunho religioso, quanto pelos hábitos do homem do campo, de danças típicas e de culinária gaúcha, baseada no consumo do churrasco. Em décadas passadas, pela segregação entre negros e brancos, hoje já superada. Sobressaem-se, também as manifestações dos CTGs e piquetes e, atualmente, a *invenção* da Festa do Pinhão. A seguir, veremos que, logo após a criação da Festa do Pinhão, a comunidade mobiliza-se para o Projeto Ponto de Cultura – Vila Seca em Cultura.

## 7.5 PONTO DE CULTURA: VILA SECA EM CULTURA

Por meio das narrativas do Senhor Jairo Rech, nas dependências do Ponto de Cultura Vila Seca, em fevereiro de 2013, descreve-se, a seguir, como se idealizou e concretizou o Projeto Ponto de Cultura: Vila Seca em Cultura. Este ocorreu logo após o término da “Primeira Festa do Pinhão de Vila Seca”, no ano de 2008:

Aí chegou, finalizou esse evento: tá e agora? Não é só isso que precisa, que tá faltando complemento. Aí que veio a ideia do Ponto de Cultura. Eu não sabia do que se tratava. Ah, tinha o edital de Pontos de Cultura. Que que é esse edital de Pontos de Cultura? Eu nunca tinha montado um projeto pra financiamento, nada, não tinha noção. Fiquei sabendo, através da Internet, o pessoal da Secretaria da Cultura tinha me passado, e o Seu Mendes dizia: – Bah, mas vai atrás desse projeto cultural,

quem sabe consegue alguma coisa. Aí fiz uma reunião com umas quinze pessoas das lideranças da comunidade, de como é que ia fazer. E aí fizemos o debate, entre uma ideia e outra [...] vamos pegar apoio de fulano. [...] tinha que preencher os regulamentos. E comecei a montar . [...] Tinha que apresentar documentação [...]. Então, corre atrás das parcerias com os colegas da Festa do Pinhão, parceria com a equipe administrativa do salão Paroquial pra ter o espaço. Tinha que apresentar o espaço pra concorrer ao projeto, aonde que seria a área física a ser trabalhada. Bom, aí conseguimos o espaço com a parceria da Mitra da igreja. A equipe administrativa analisou, foi feito um termo, porque é tudo documentado, né: a utilização do espaço, a cedência do espaço. Aí faltava a entidade que ia propor. Mas parece que veio tudo se juntando pra fortalecer o projeto, porque tinha a Festa do Pinhão com histórico cultural [...] Precisava do apoio da Associação de Moradores, que é a AMOVISE. [...] Falei com a presidente, ela apoiou [...] Mas na realidade não era só isso. Eu precisava do apoio das pessoas também da Associação de Moradores pra tocar o projeto. O projeto não é pra mim, é pra comunidade. E aí acabou amarrando a Festa do Pinhão, a equipe administrativa, a Mitra da Igreja, porque é do espaço físico e mais a Associação de Moradores. Também foi feito um vínculo com o CPM da Escola [...], e eu amarrei toda a comunidade no projeto. [...] Ah, falando do projeto cultural: - então, ele vem abrangendo o resgate cultural, as atividades de artesanato, a valorização da nossa dança tradicional e o CTG. Na realidade, o CTG tem a invernoada, a parte artística e a parte campeira. Pelo que eu sei do nosso CTG, estava faltando a parte artística, e a gente viria agora a complementar dentro do espaço cultural (Entrevista concedida por RECH, Jairo, 2013).

No ano de 2009, a Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul enviou ao Ministério da Cultura - MINC - proposta de criação de uma Rede de dez Pontos de Cultura para a cidade. O projeto foi aprovado, e o Convênio entre Prefeitura e o MINC - disponibilizou recursos no valor de um milhão e oitocentos mil Reais para promover, via edital, a seleção e criação de dez Pontos de Cultura no Município. Destes, seiscentos mil Reais são recursos do município, e um milhão e duzentos mil Reais são do MINC. Para formar a Rede de dez Pontos de Cultura conveniada entre a Prefeitura de Caxias do Sul e o MINC, foram abertos dois editais em 2010, e os Pontos começaram suas atividades em 2011.

Nesse contexto, aprovaram-se pelos dois editais dez Pontos de Cultura do município de Caxias do Sul, os quais se denominam: Capoeira que une; Casa as Etnias; Comunitário Zona Sul; Costurando Sonhos; História nas Mãos; Música para todos; Núcleo Audiovisual TME-Teatro Moinho da Estação; Teia Cultural; UAB cultural e Vila Seca em Cultura.

A partir de agora, se demonstrarão algumas diretrizes e metas do Projeto Ponto de Cultura pela Coordenadora da Rede de Pontos de Cultura – Assessoria de Objetivos e Metas da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, Elaine

Pasquali Cavion. Para a coordenadora, os “Pontos de Cultura são elos entre a sociedade e o Estado que possibilitam”:

O desenvolvimento de ações culturais sustentadas nos princípios da autonomia, protagonismo e empoderamento social, desse modo os Pontos de Cultura não têm um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade. Cada Ponto possui a sua “vocação cultural”, e desenvolvem suas atividades de acordo com ela (Entrevista concedida por CAVION Elaine Pasquali, 2013).

As atividades propostas pelos Pontos de Cultura compreendem todas as etapas do “fazer cultural”, o qual se propõe a “criar condições para a circulação dos diferentes produtos culturais, com organização comunitária e articulação do público usufruidor” (Entrevista concedida por CAVION, Elaine Pasquali, 2013).

A coordenadora indica que os Pontos de Cultura devem proporcionar à comunidade uma “sala multiuso”, a qual se destinará a apresentações c nicas, música, vídeo/cinema, palestras. Ela deve comportar um público de cerca de 100 pessoas e equipamento multim dia para utilização, registro e divulgação das atividades do seu “fazer cultural” e, ainda, conectar-se em rede com outros Pontos de Cultura.

Os Pontos de Cultura têm também formam uma Rede de Agentes de Cultura “ com o objetivo de estimular o consumo e a fruição da cultura e fortalecer a circulação dos produtos culturais” (Entrevista concedida por CAVION, Elaine Pasquali, 2013).

O planejamento da Rede de Caxias do Sul elencou sete diretrizes as quais estão embasadas na proposta do Programa Cultura Viva, são elas:

1. Democratização do acesso à cultura.
2. Formação de uma rede de pontos de cultura.
3. Valorização das manifestações culturais locais.
4. Formação de agentes de cultura.
5. Ser referência na sua vocação cultural e produtiva.
6. Promoção da autonomia e continuidade do Ponto de Cultura.

## 7. Avaliação continuada.

Quando questionada sobre os principais agentes e instituições envolvidas no Ponto de Cultura de Vila Seca, a senhora Elaine indicou: “AMOVISE (Associação dos Moradores de Vila Seca); Clube de Mães da localidade; Escola Municipal Érico Veríssimo; CTG Os Carreiros e a Comissão Organizadora da Festa do Pinhão”.

Quanto aos Agentes de Cultura, o Programa Pontos de Cultura formou duas pessoas do distrito de Vila Seca a partir de então. No entanto, a coordenadora indica que tenham cinco agentes formados até o final dos três anos. Esses agentes de cultura podem ser considerados “mediadores do processo de construção do Ponto de Cultura na comunidade”:

Eles têm papel fundamental no fomento da participação comunitária junto ao Ponto de Cultura, isto é, o agente cultural não promove apenas as atividades do Ponto, mas promove a aproximação, a apropriação do espaço, que é comunitário por excelência. O agente cultural deve ouvir as necessidades dessa comunidade e chamá-la para colaborar com o Ponto de Cultura (Entrevista concedida por CAVION, Elaine Pasquali, 2013).

Convém destacar que a Coordenação Pedagógica de Objetivos e Metas criou material gráfico institucional da Rede de Pontos de Cultura. O material está disponível aos Pontos e à comunidade para divulgação da Rede. Foi criado, ainda, um blog da Rede, no qual os Pontos de Cultura<sup>42</sup> têm compartilhamento de notícias e informações institucionais.

Por conseguinte, o Ponto de Cultura: “Vila Seca em Cultura” pode, em longo prazo, desenvolver o turismo em Vila Seca; todavia, atualmente, a localidade tem uma oferta de prestação de serviços limitada à população do distrito. Dessa forma, analisa-se o Ponto de Cultura como uma maneira tanto de fortalecer a identidade étnica do distrito quanto de colaborar para a manutenção da população no meio rural.

---

<sup>42</sup> O blog da Rede esta disponível no sítio: [www.pontosdeculturadecaxias.blogspot.com](http://www.pontosdeculturadecaxias.blogspot.com).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou a análise de como se manifestam os fenômenos da *etnicidade*, das *etnogêneses* e da *memória coletiva* em uma comunidade que apresenta formas de organização étnica diversas do município no qual se insere. No decorrer do estudo, procurou-se analisar como ocorre a manutenção das fronteiras étnicas entre o distrito de Vila Seca e o município de Caxias do Sul e, além disso, como ocorre a obtenção de recursos materiais e simbólicos a partir destas categorias.

Considera-se que o fenômeno da *etnicidade* começa a acontecer quando o distrito de Vila Seca deixa de pertencer a São Francisco de Paula. Dessa forma, quando este passa a fazer parte de Caxias do Sul, são acionadas, constantemente, estratégias de organização étnica pelos vila-sequenses. Entre elas, destacam-se não somente a manutenção e o realce de sinais diacríticos em suas relações, mas também as formas de organização étnica da comunidade. Conforme se pôde retratar através das lentes teóricas durkheimianas, as crenças, os ritos e as festas religiosas e étnicas proporcionam momentos de “efervescência coletiva” no distrito de Vila Seca. Nesses momentos, renovam-se os laços de solidariedade, os sentimentos de pertencimento ao grupo local e o reconhecimento da comunidade pelos outros.

Utilizou-se da Teoria da Etnogêneses para compreender como, ao mobilizar seus sistemas simbólicos, a comunidade tem a capacidade de não apenas refletir sobre sua realidade, mas também construí-la. Dessa forma, os valores religiosos e étnicos operam no desenvolvimento de tipos específicos de organizações sociais no transcurso do tempo e espaço locais.

A *memória coletiva* da comunidade mostrou-se um fator de extrema relevância para o estudo proposto, uma vez que, ao acionar as lembranças de atores sociais de Vila Seca, demonstrou que a *memória coletiva* é construída, reconstruída e posta em disputa, no momento presente, conforme as representações coletivas da comunidade. Pressupôs-se que a *memória coletiva* do distrito enquadrava-se, segundo o contexto social, como uma *memória subterrânea*, ou seja, minoritária quando posta em confronto com a *memória majoritária* do município de Caxias do Sul, cuja italianidade reconhece-se nacionalmente.

Todavia, procurou-se demonstrar que Villa Seca é uma comunidade que pode ser enquadrada em uma *memória subterrânea* em relação ao seu município,

mas, ainda assim, coexistem-se outras *memórias subterrâneas* sobrepostas a ela. Dessa forma, torna-se majoritária quando confrontada com outras memórias da região, como a das populações de ascendências escrava e indígena. Portanto pode-se perceber uma relação dialética entre a construção, reconstrução e disputa pela *memória coletiva* e as relações de poder imbricadas nos contextos sociais de suas épocas.

Destaca-se aqui a utilização do conceito de *identidade étnica*, não pela questão da identidade regional do gaúcho, mas pela autodenominação que a comunidade possui de si como proveniente de processos de imigrações luso-portuguesas nos Campos de Cima da Serra.

Percebeu-se que a força religiosa presente na comunidade não é senão o sentimento de cada membro quando objetivado em artefatos, tais como a Bandeira do Divino, a Coroa e o Cetro Real. Ainda assim, não são as características intrínsecas desses objetos que os tornam “sagrados”, mas a representação que eles têm do todo. Portanto, as dezenas de Bandeiras de Divino que são levadas às casas dos fiéis da comunidade, pelos Alferes, nos dias de “Louvação” representam o próprio Divino Espírito Santo naquele momento.

Ainda, no espaço social em estudo, depreende-se como o poder simbólico pode consagrar ou revelar grupos, conforme as maneiras de mobilização dos atores da comunidade de posse do capital simbólico. No caso em estudo, a eficácia simbólica mostra-se capaz de manter um grupo que se autodenomina “campeiro, tropeiro e luso-açoriano” coeso, apesar de fazer parte de um município que difunde sua italianidade. Nesse cenário, observam-se “porta-vozes” do grupo capazes de afirmar: “Eu sou Vila Seca”, como se observou nas “palavras ditas” pela Senhora Idalina Oliveira Guerra aos seus 80 anos.

A comunidade de Vila Seca, bem como outras do meio rural, originárias de São Francisco de Paula, autodenominam sua identidade como campeira, tropeira e luso-açoriana. Nesse processo, cultua-se a figura do gaúcho, em detrimento da figura do italiano proveniente das áreas de origem da colônia do município. Dessa maneira, não somente o distrito de Vila Seca mantém sua fronteira étnica em relação a Caxias do Sul, dado que existem outros distritos do município que pertencem aos Campos de Cima da Serra. No entanto, optou-se por este recorte espaço-temporal, em vista do conhecimento prévio da localidade, o qual foi



oportunizado nos trabalhos ambientais realizados como socióloga na fase de instalação do Sistema Marrecas.

Ainda, consegue-se observar que, desde a fase de estudos ambientais prévios para instalação da barragem até os dias atuais, a comunidade vem procurando novas formas de “usos do solo” e de sentido para o espaço geofísico de Vila Seca. Essas novas formas são acionadas quando passa a existir restrição de ocupação e de uso desta área, em decorrência da instalação do reservatório para abastecimento de água à população de Caxias do Sul. Um dos novos sentidos econômicos e culturais da localidade vem sendo tratado pelo “Ponto de Cultura de Vila Seca”, ou seja, a valorização da identidade étnica não somente para mobilização de recursos para a população local, para um futuro projeto de turismo étnico, mas também para a permanência dos jovens na zona rural, dado que há uma evasão considerável da população rural para áreas urbanas. Segundo o último Censo Demográfico (IBGE, 2010), houve uma redução de cerca de 50% da população rural em relação à década de 2000.

Busca-se com esta pesquisa explicitar, ainda, como o olhar sociológico mostra-se capaz de revelar a realidade social de uma comunidade cujos relatos demonstram que sua identidade está atrelada à questão geográfica, ou seja, às lidas campeiras e à atividade pecuária, ainda que esse território, ao longo de sua história, tenha enfrentado mudanças de vinculação político-administrativa, bem como alteração e restrições de usos de suas terras.

Convém ressaltar que o presente estudo pode servir de instrumento de análise para a 30ª Festa Nacional da Uva de 2014 de Caxias do Sul, cujo tema é: “Na Alegria da Diversidade”, que ocorre entre os dias vinte de fevereiro e nove de março. A 30ª edição da Festa Nacional da Uva também exalta os sessenta anos do “Monumento Nacional do Imigrante”, inaugurado no ano de 1954 pelo Presidente Getúlio Vargas, na 9ª edição da Festa da Uva. A Festa faz alusão a “Nação de Nações” que se constituiu a partir dos diversos imigrantes que chegaram a Caxias do Sul, nos séculos XIX e XX, e, dos novos imigrantes do século XXI. Estes, últimos, buscam no polo industrial caxiense melhor condição de geração de emprego e renda, como é o caso dos haitianos. Durante os desfiles temáticos pode-se observar o realce de sinais diacríticos das diversas etnias que compõem o município: alemães, poloneses, russos, portugueses, com destaque para os italianos. O distrito de Vila Seca trouxe para o desfile os temas da colonização portuguesa, dos

tropeiros, das populações indígenas, das florestas de araucárias e do homem do campo.

Enfim, tem-se consciência de que este estudo não se esgota neste momento, dado que há escassez de pesquisas sociológicas na área de imigração luso-açoriana no Rio Grande do Sul. Pondera-se que o fenômeno das imigrações em nosso país não deve ser pensado tomando por base os conceitos de aculturação e assimilação, uma vez que se visualiza, inclusive com esta pesquisa, a possibilidade de manutenção das pluralidades éticas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Antônio. **Os povoadores de São Francisco de Paula**. Caxias do Sul: Ed. do Autor, 2007.

ANAIS II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. Casa do Açores do RS. Porto Alegre, Out, 2006. Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/Transcricoes/2008/Setembro/02/DepFranciscoAppio2.doc>> Acesso em: 26 dez. 2013.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. In: ASSMANN, Jan; CZAPLICKA, John. **Collective. Memory and Cultural Identity**. New German Critique, No. 65, Cultural History/Cultural Studies, 1995, p.125-133. Article Stable URL: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0094033X%28199521%2F22%290%3A65%3C125%3ACMACI%3E2.0.CO%3B2-Z>> Acesso em: 18 nov. 2012.

BANTON, Michel. **A ideia de raça**. Lisboa, Edições 70, 1979.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. Os Açorianos no Rio Grande do sul: uma presença desconhecida. In: SOARES, António (org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul – BRASIL IV**. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 2012.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras, 1969. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2011.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses**: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político, MANA, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 39-68, 2006.

BASTIDE, Roger. Poetas do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 48.

BECKER, Howard S.. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. Instituto Anchieta de Pesquisas Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1976.

BERGSON, Henri Louis. **Matière et mémoire : essai sur la relation du corps à l'esprit**. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BREITBACH, Áurea C. M.. Sobre o Desenvolvimento da Região de Caxias do Sul. In: **ENSAIOS FEE**/Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre. V.23, 2002.

BLUME, Gilberto. Caxias do Sul - o dia da inauguração da estação (1/6/1910). **Pioneiro**, Caxias do Sul, 29 maio 2010. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_linhaspoa/outros/caxias.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_linhaspoa/outros/caxias.htm)> Acesso em: 12 maio 2012.

CARRIL, Bonifacio del. ***El gaucho a través de la iconografía***. Buenos Aires: Emecé Editores, 1978.

CERON, Ida Tereza. **Devoção ao Divino Espírito Santo**: folias e bandeiras. Santa Maria: Associação Franciscana Madalena Danem - AFMD, 2013.

CONFINO, Alon. **Collective Memory and Cultural History**: Problems of Method. *The American Historical Review*. v. 102, n. 5, p. 1386-1403, 1997.

CULTURA VIVA. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/rede-municipal-caxias-do-sul-ganha-10-pontos-de-cultura/>> Acesso em: 13 março de 2013.

JUVENAL, Amaro. [Ramiro Barcelos]. **Antonio Chimango**: poemeto campestre. 2 ed. Porto Alegre: [S. ed.], 1915.

DALL'ALBA, João Leonir; TOMIELLO, Antônio e outros. **História do Povo de Ana Rech**: paróquia. Volume I – Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

DALL'ALBA, João Leonir; TOMIELLO, Antônio e outros. **História do Povo de Ana Rech**: distrito. Volume II - Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, [1996]. Tradução de: *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. 4.ed., 2009.

FILHO, Arthur Ferreira. **História Geral do Rio Grande do sul, 1503-1957**. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de Tropeirismo**. Porto Alegre: Edições Est, 2006.

FORTES, General Borges. **Casaes**. Rio de Janeiro: [S. ed.], 1932.

\_\_\_\_\_. **Troncos Seculares**: o povoamento do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: [S. ed.], 1931.

GARCIA, Fernando Cacciatore de. **Fronteira Iluminada**. História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). Porto Alegre: Sulina, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas Festas do Divino Espírito Santo. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. In: **Annals of Mathematical Statistics**, 1961.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. **O Rio Grande do Sul: a terra e o homem**. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1941.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de vegetação do Brasil e biomas do Brasil**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). 2004> Acesso em 09 de maio de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010sp.asp>> Acesso em: 09 maio 2011.

JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity: arguments and explorations**. Londres: Sage Publications, 1997, cap. 4-5, pp. 40-71.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M.. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90 – 113.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as Ruínas da Velha Matriz: religião e política em tempo de ferrovia (Santa Maria 1884-1897)**. Santa Maria: UFSM, 2007.

LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **São Miguel da Humanidade: uma proposição antropológica**. Porto Alegre: SAMRIG, 1984.

MARIANTE, Helio Moro. Cartas de Sesmaria Instrumento de Integração. **Revista do IHGRGS**, Porto Alegre, n. 129, 1993.

MARIN, Rosa Elisabeth Acevedo. Açorianos nas terras conquistadas pelos portugueses no Vale do Amazonas: Açorianos no Cabo Norte – século XVII. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. Porto Alegre: EST, 2002.

MARTINS, Ananias Alves. Imigrantes esquecidos na fronteira Norte: açorianos na colonização e na cultura. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. Porto Alegre: EST, 2002.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 183-314.

MENDES, Lindomar Alves. **Revista Festa do Divino Espírito Santo: Vila Seca**, 2009.

\_\_\_\_\_. **Revista Festa do Divino Espírito Santo: Vila Seca 100 anos.** Vila Seca, 2012.

\_\_\_\_\_. **Revista Festa do Divino Espírito Santo.** Vila Seca, 2013.

MELLO, Celso Antonio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo.** 12.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MONTES, Maria Lúcia. Entre o Arcaico e o Pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira. In: **Revista Sexta Feira**, São Paulo: Editora 34, nº02, abr. 1998.

OLIVEIRA, Márcio de. Estado, Políticas de Imigração e Ciências Sociais. In: Encontro Anual da ANPOCS, 35, 2011, Caxambu. **Anais**. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=1081&Itemid=353](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1081&Itemid=353)> Acesso em: 20 set. 2013.

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação.** Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2006.

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. **Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho.** Porto Alegre: CORAG, 2000.

PINHEIRO, Fernandes Feliciano José. Visconde de São Leopoldo. **Anais da Província de São Pedro.** 3.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Traduzido por Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai: primeira parte.** 2.ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 3.

\_\_\_\_\_. **História das Missões Orientais do Uruguai: segunda parte.** 2.ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 4.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** 2.ed. São Paulo: UNESP, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/comunicacao/noticias\\_ler.php?codigo=20284](http://www.caxias.rs.gov.br/comunicacao/noticias_ler.php?codigo=20284)> Acesso em: 03 de jan. 2014.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Lucvan. **Manual de investigação em Ciências Sociais.** A construção do modelo de análise. Lisboa: Gradiva Publicações, 2008, p. 109-151.

RAMBO, Balduino. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**: ensaio natural. 3 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

RIZZON, Luiz Antônio; POSSAMAI, Osmar João. **História de São Marcos**. São Marcos: Ed. dos autores, 1987.

SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas**: alguns problemas teóricos. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 1998, vol.13, n.38. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300010>> Acesso em: fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Coimbra: Annablume Editora, 2012.

SERAFINI, Márcio. Sistema Marrecas será inaugurado dia 21 de dezembro. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 09 novembro de 2012. Disponível em:<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2012/11/sistema-marrecas-sera-inaugurado-dia-21-de-dezembro-3944743.html>> Acesso em: 14 nov. 2012.

TURNER, Vitor W.. **O Processo Ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Estudo de Impacto Ambiental da Futura Barragem do Arroio Marrecas - EIA/RIMA**. Caxias do Sul: UCS, 2008.

VILA SECA: DEPOIMENTOS E HISTÓRIA DE NOSSA GENTE. **Projeto: Resgatando nossa História**. Caxias do Sul, Vila Seca. Escola Municipal Érico Veríssimo, 2001.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da Sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: UNB, 2000, 2009 (reimpressão, v. 1).

## ENTREVISTAS NARRATIVAS

GUERRA, Idalina Oliveira; ANDRÉ, Zeli Lourdes. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila**. Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (67 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

MEDEIROS, Itamarajá Kieling. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila**. Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (62 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

RABELLO, Antonino. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila**. Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (17 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

RECH, Jairo José. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila.** Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (57 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

RODRIGUES, Raul. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila.** Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (35 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

SUZIN, Nelson João; SUZIN, Leonilda Molin. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila.** Caxias do Sul, 2013. 1 arquivo .mp3 (32 min.). Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

#### **ENTREVISTAS POR E-MAIL**

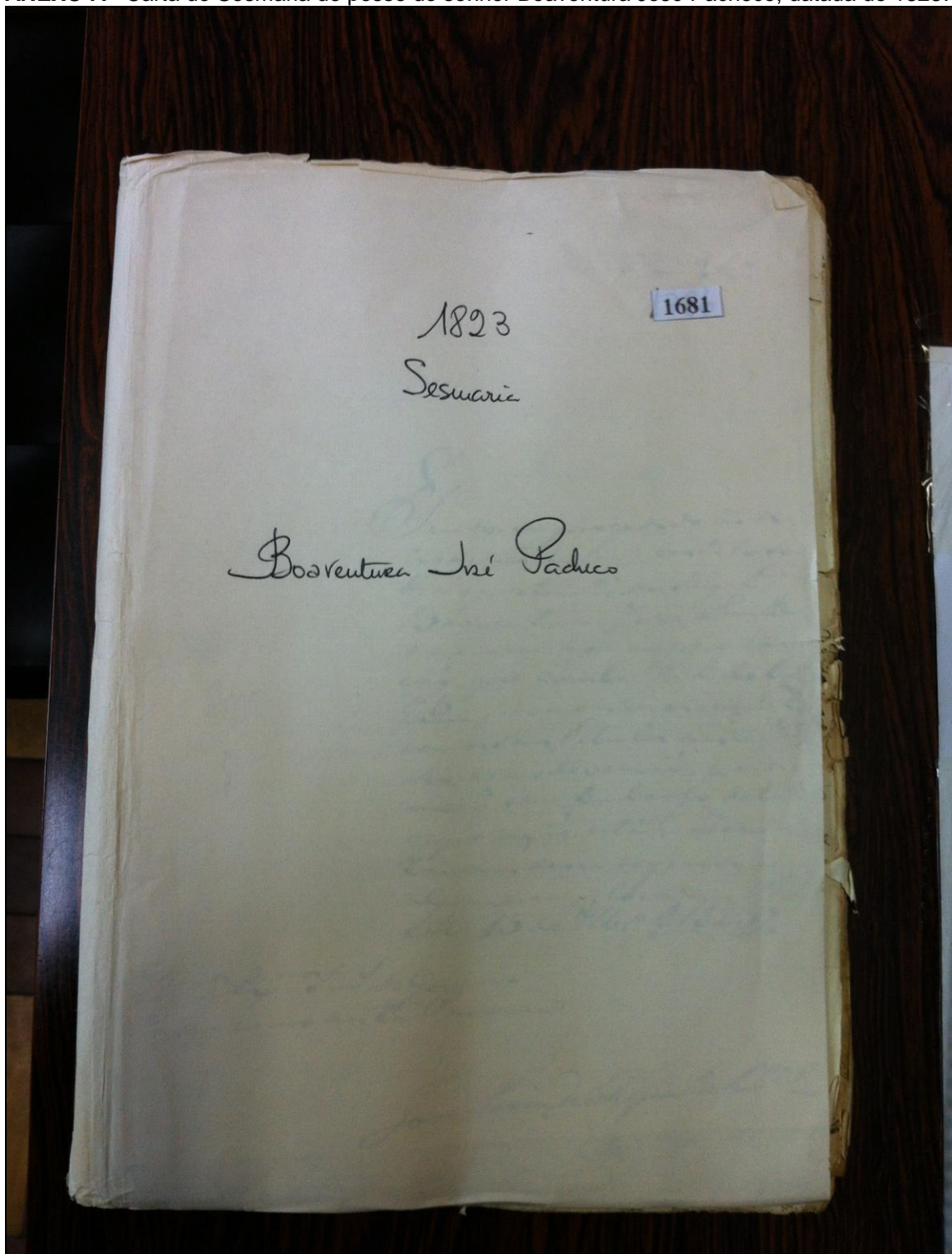
CAVION, Elaine Pasquali. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila Seca.** Caxias do Sul, 29 jul. 2013. [mensagem pessoal] mensagem recebida por <ana.cerva@hotmail.com> Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.

MENDES, Lindomar Alves. **Memória Coletiva e Identidade Étnica do distrito de Vila Seca.** Caxias do Sul, 23 jul. 2013. [mensagem pessoal] mensagem recebida por <ana.cerva@hotmail.com> Entrevista concedida a Ana Carine Cerva.



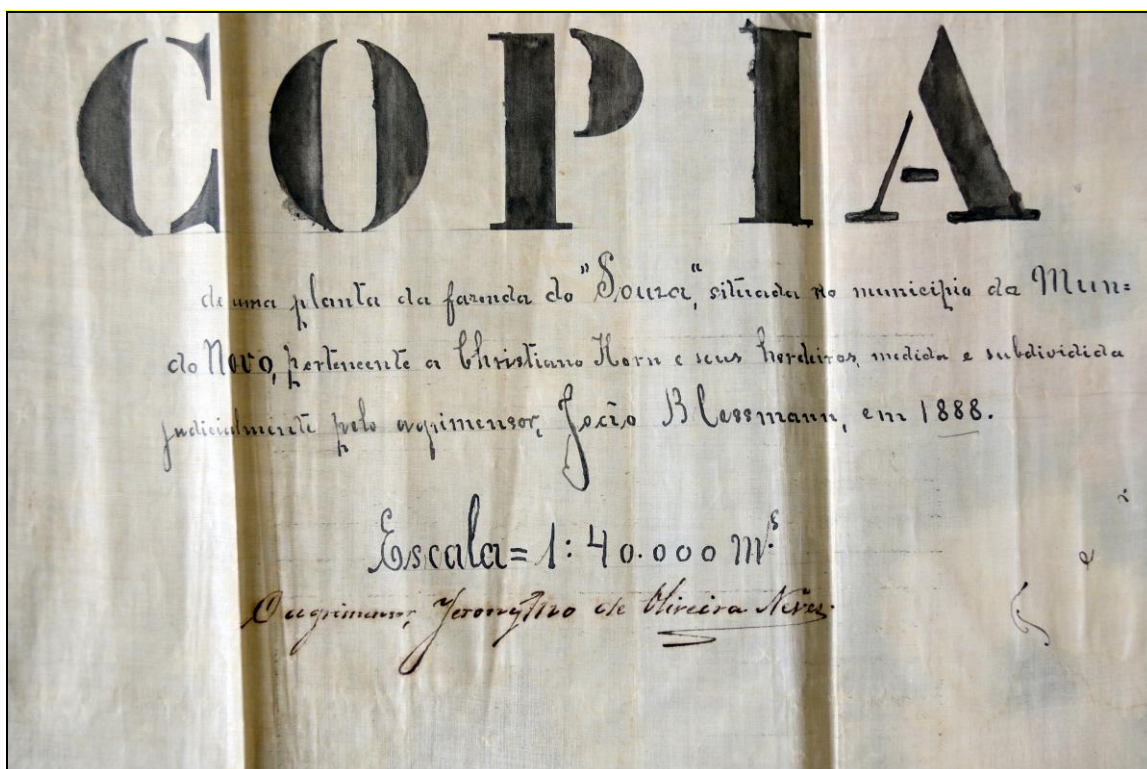
## ANEXOS

ANEXO A - Carta de Sesmaria de posse do senhor Boaventura José Pacheco, datada de 1823.



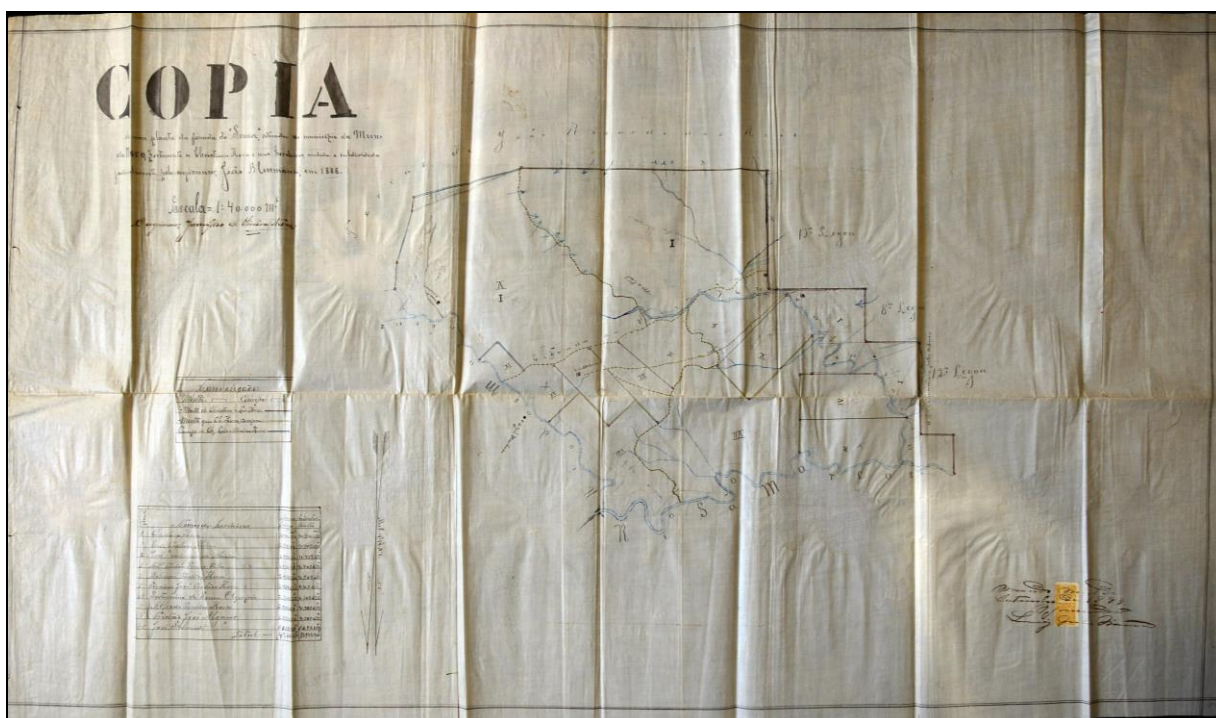
Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

**ANEXO B** - Cópia da Legenda da planta da fazenda do "Souza", pertencente a Christiano Horn e seus herdeiros, ano de 1888



Fonte: Acervo de documentos da senhora Eveny Maria Soares Dani.

**ANEXO C** - Planta da fazenda do "Souza", pertencente a Christiano Horn e seus herdeiros, ano de 1888.



Fonte: Acervo de documentos da senhora Eveny Maria Soares Dani.

ANEXO D - Jornal "Pioneiro" – 05 de novembro de 1975. Venda da Fazenda "Souza", considerada o registro de terras mais antigo da região de Caxias do Sul, datado de 1790.

PÁGINA 2 CAXIAS DO SUL, 05 DE NOVEMBRO DE 1975 PIONEIRO

# Fazenda Souza tem 215 anos

MÁRIO GARDELIN

Com respeito a Fazenda Souza, pode-se afirmar que, graças à dedicação do culto professor Antonio Carlos Kroeff Soares, possuímos o mais antigo documento referente ao território de Caxias do Sul. E queremos acrescentar: por enquanto, pois, está confirmando-se a nossa afirmação, há muito reiterada, de que o nosso Fundo de Campo, que dá para a orla da antiga floresta, possui riquezas documentais que estão a reclamar a atenção e a vigilância de todos nós a fim de que não se percam. A respeito de Fazenda Souza a família Soares conservou um precioso documento, que aponta, sem margem a dúvidas, de que já por volta de 1760, o Souza que lhe deu o nome, tinha dela a propriedade. E residia ali. O documento me foi entregue pelo Prof. Soares, graças ao entusiasmo que sempre manifesto por coisas deste gênero. E pela evidente amizade e grande consideração que tenho pela sua família, que contengo há longos anos, desde a nossa querida "Trokendorf", isto é, Vila Seca. Eu tive oportunidade de mostrar o documento ao Prof. Guilherme Cesar, autoridade inquestionável em assuntos do Rio Grande, alicerçada em esplêndidos serviços e em carinhoso interesse por todos os documentos dessa natureza. O documento também foi estudado pelo Padre Neis, pesquisador incansável, com notáveis trabalhos editados a respeito dos primeiros anos da história gaúcha. Tenho informações a respeito desse Souza mas escassas. Trata-se segundo fui informado de um dos grandes proprietários de terras do século XVIII e começo do XIX. Falta, entretanto, maiores dados, para divulgar e valorizar, assim o nome de nosso distrito, nome que já conta com mais de 215 anos de existência, existência que sem dar-lhe venerabilidade e caráter de perpetuidade. Certamente o nome FAZENDA SOUZA é o mais antigo, de quantos se referam a nossos distritos. Está ligado diretamente à epopéia da conquista do solo e sua posse pelos primitivos povoadores. Mas, o documento deixa outra faceta imberbe: o Souza, o Inácio de Souza Correia, afirma que teve parte da fazenda por compra. Logo, antes dele houve outros proprietários mas não diz quem tenham sido. Isto significa que os campos lindeiros aos nossos matos (que seriam desbravados pelos italianos) foram ocupados com grande rapidez. E que há descendentes dessas famílias entre nós. De Inácio de Souza Correia há remotos descendentes em Canela e um dos que afirmam existir desse antigo tronco, é o nosso poeta Luiz Antonio Alves, o Tony Bell, servidor do INPS e aludido l'Ano de Economia, e que prometeu realizar, a seu devido tempo, uma pesquisa sobre esse antepassado que "os meus diários ser muito rico e dono de muito campo". Percebe-se, portanto, a persistência de uma tradição familiar muito segura.

O documento foi registrado posteriormente à sua emissão. Dele há uma pública forma extraída em 1881 em São Leopoldo. É baseado nela que vamos fazer a transcrição.

O documento nunca foi publicado, até agora. Vamos oferecê-lo aos nossos amigos de Fazenda Souza. E lamentamos que entre nós não esteja o Luisin Zatti, que haveria de vibrar com ele, pois, era um entusiasta cultor de nossas coisas do passado.

E antes de passar ao documento, vamos fazer um apelo aos descendentes dos antigos moradores de nossos campos. Se tiverem notícias de documentos muito antigos, avisem-nos. Nós só queremos fotocópias. Para nós (isto é, para mim) e para historiadores, como o Prof. Guilhermino César, o Padre Neis e outros, que sabem avaliar o seu valor. O original deve ficar sempre em poder dos descendentes.

Do documento possuímos fotocópia do original, cuja leitura é difícil. Vamos deixar de lado maiores considerações e outras conclusões para os nossos amigos da Fazenda Souza. É o seguinte o documento, em ortografia atual:

**"PÚBLICA FORMA"**

Digo eu Inácio de Souza Correia que eu me acho assiduado e vivendo nos Campos denominados Fundos de Cima da Serra a perto de trinta anos, vizinhos aos campos denominados do Raposo em cuja paragem tenho vivido de plantar para minha casa e de criar algumas manadas de éguas com seus pastores, cuja situação e posse que dela tenho, principia do pé da primeira tapera e vale do dito Raposo, donde forma um correjo pequeno que corre para o Rio de Santa Cruz e da parte de fora do mesmo vale coisa de sessenta ou cem braças estão umas lagoas secas que vão dividindo os campos de Inácio de Sá, até fazer barra com um correjo que vem da parte da Tapera do Pouso Alto onde vai findar em um capão chamado do Macho e de outra parte do mesmo capão nasce um correjozinho pequeno que corre para o Rio de São Marcos buscando a tapera de Francisco Pais, e de outra parte da mesma Tapera, está uma ilha pertencente ao mesmo campo de minha posse que me servia de poteiro que corre a findar no fim do Poteiro de São Marcos e onde vem fazer barra um ribeirão que vem da Serra caíndo e de ali dentro me pertence também os Fachinais que discorrem para o Rio das Antas cujas houve por compra que fiz e que tenho cartas de venda. Cujas situação e campos de hitha pôssa e Campos que fiz, com as confrontações acima expressadas, com manadas de éguas, com seus Pastores, e tudo quanto se acharem com minha marca dispersados, vendi e com efeito vendido tenho de hoje para todo sempre ao Senhor Inácio Leite Ribeiro pelo preço e quantia de duzentos e cinquenta mil reis; fiado por trez anos, a saber que me há de satisfazer com três pagamentos sendo o primeiro da fatura desde a um ano, o segundo a dois, o terceiro no fim de três anos e não pagando nos ditos tempos vencer juros. Reservando só para mim desta venda que aqui faço os trastes de minha casa e os potros que se acharem com minha marca ou por marcar, sendo do tempo dela e todos os mantimentos que tenho colhido ou plantado, ou por colher, e tudo o mais lhe fica pertencendo na mesma forma em que eu também o possuía e cuja satisfação eu Inácio Leite Ribeiro obriga a minha pessoa e bens havidos e por haver e muito particularmente os bens que da presente lhe comprou e por assim constar na verdade fizemos passar dois de um teor os quais somente assinamos ambos em cada um não só para certeza de nosso trato mas também para ficar cada um de nós com o seu e cumprir cada um de nós a saber Inácio Leite Ribeiro ficar com este título e papel de venda e eu Inácio de Souza Correia com esta obrigação sua, para em virtude da mesma haver-dela o preço po que temos tratado como acima se declara e queremos que assim valha como se fosse escritura judicial. Pedimos a Luciano Frz da Sª que este nos escrevesse e como testemunho se assinasse aos dezanove de setembro de mil setecentos e noventa anos. Como testemunha José Custódio Alves. Como testemunha Luiz Antonio de Almeida, Inácio de Souza Correia, Inácio Leite Ribeiro.

Como testemunha que esta fiz a rogo dos ditos Luciano Frz da Silva. Recabi do Senhor Inácio Leite Ribeiro o conteúdo na obrigação declarada e por ter recebido a quantia de duzentos e cinquenta mil reis lhe passei este somente por mim feito e assinado. Hoje Freguesia de Santo Antonio da Guarda Velha do Viamão, vinte seis de setembro de mil setecentos e noventa e cinco. Inácio de Souza Correia. Nada mais constava em dito documento que aqui bem e fielmente fiz transcrever em pública forma do próprio original a que me reporto em poder da parte e a quem entreguei e com o seu teor esta fiz escrever, conceitei com o Tabelião companheiro nesta cidade de São Leopoldo aos dois dias do mês de setembro de mil oitocentos e oitenta e um. Eu André Reis, tabelião que a subcrevi, conferi e assino em público e raso. Em testemunho da verdade. O tabelião André Reis: Em 2 de setembro de 1881. O Tab. André Reis (sobre selos). Conferi e conceitei comigo o Tab. Henrique de Azevedo Pires".

**NOTA FINAL**

Como se vê o documento original foi lavrado e assinado em Santo Antonio da Guarda Velha do Viamão. O comprador pagou a dívida e deu recibo. De tudo, mais tarde, foi extraída a pública forma, que passamos aos nossos amigos da Fazenda Souza. E agora onde ficava exatamente toda a Fazenda Souza, de que se fala até na Lei Orgânica de Caxias do Sul, a primeira que foi promulgada? Os limites exatos são uma tarefa que ficam para mais tarde. (Mário Gardelin).

Texto do documento que, em 1790, estava a venda da Fazenda de Inácio de Souza Correia. É do sobrenome SOUZA, que derivou a designação do Distrito Caxias. Trata-se do mais antigo documento conhecido vinculado à história territorial de Caxias do Sul. Documentos da mesma natureza devem existir e respeito da Fazenda do Raposo, nela mencionada, e referente a campos vizinhos a Vila Oliva.

Arquivo de documentos manuscritos em uma pasta de madeira, com uma etiqueta que indica o conteúdo. O documento principal é uma transcrição de uma venda de fazenda datada de 1790, com uma cópia de uma "pública forma" de 1881. Há também uma nota final e uma referência a uma foto de uma assinatura.

A foto mostra a assinatura de Inácio de Souza Correia. É a primeira vez que é divulgado um documento desta natureza e se constitui em verdadeira raridade. Poucos são os que sabem que a FAZENDA SOUZA tem tão tempo passado.

Fonte: Acervo de documentos da senhora Eveny Maria Soares Dani.


## ANEXO E - Reescrita da escritura da venda da Fazenda Souza, de Inácio de Souza Correa, em 19 de abril de 1790

[Escritura de Venda da Fazenda do Souza]	[Com correções provavelmente de 24 de dezembro de 1854]	[1]	[1v]
<p>1 Digo eu Ignasio de Souza Coreia que eu me axo asitoado he vi  2 vendo nos campos dominados<sup>1</sup> Fundos de Sima da Serra aperto  3 de trinta anos vizinho aos campos dominados do Rapozo  4 em cuja paragem tenho vivido de plantas p<sup>a</sup> minha casa e de  5 criar algumas manadas de egoas com servo com seus pastores  6 cuja situasão e pose que della tenho prinsipia do pe da  7 primeira tapera he vallo do d<sup>o</sup> Rapouzo donde forma hũ co  8 rigo pequeno que core p<sup>a</sup> o Rio de Santa Crus he da parte  9 de fora do mesmo vallo couza de sesenta hou sem brasos estan hu  10 mas lagoas secas que vam devisando os campos de Ignasio de Sa  11 the fazer bara em hũ corigo que vem da parte da tapera do  12 pouzo al<sup>o</sup> aonde vai findar em hũ capom xamado do maxo e  13 doutra parte do mesmo capom nase hum corigozinho pequeno  14 que corre p<sup>a</sup> o Rio de São Marco buscando a tapera de fran<sup>co</sup> Pais e da  15 outra p<sup>te</sup> da mesma tapera esta huma ilha pertencente ao mes  16 mo campo da m<sup>a</sup> pose que me cervia de potreiro que corre a findar  17 no fim do potreiro de São Marco aonde vem fazer barra hũ Ribe  18 ran que vem da serra caindo dahi p<sup>a</sup> dentro me pertense tambe  19 m os fazinaiis q. discorem p<sup>a</sup> o Rio das antas cui<sup>2</sup> cuios ouve por co  20 mpras que eu fis e que tenho cartas de venda.  21 Cuija situasom e campos da m<sup>a</sup> pose e campos que  22 fis com os cofrontasois asima espresadas com manadas de egoas com  23 seus pastores e tudo q<sup>do</sup> se axarem com a m<sup>a</sup> marca despersados vendi e  24 com efeito vendido tenho de hoie para todo sempre ao snr. Ig  25 nasio Leite Rib<sup>te</sup> pelo preso e quantia de duzentos e sincoenta  26 milrreis fiado por tres annos a saber que me a de satisfazer em tres  27 pagamentos seno primero<sup>3</sup> da fatura deste a hũ anno o segundo a dois  28 e o terseiro no fim dos tres annos e não pagando nos ditos tempos ven  29 ser iuros etc. Rezervando so p<sup>a</sup> mim desta venda que lhe faso os tras  30 tes da m<sup>a</sup> casa e os potros que se axarem com a m<sup>a</sup> marca ou por marcar  31 sendo do tempo della e todos os mantimentos que tenho colhido ou  32 plantado e por colher e tudo o mais lhe fica pertensendo na mesma</p>			<p>1 na mesma forma em que eu tambem o possuia a cuija satisfasão  2 Eu Ign<sup>co</sup> Leite Rib<sup>te</sup> obrigo a m<sup>a</sup> pesoa e beis avidos e por aver  3 e m<sup>to</sup> particularm<sup>to</sup> os beins que de prezente lhe compro e por  4 asim costar na verdade fizemos pasar de hum teor os  5 quais somente asinamos ambos em cada hum não so para serte  6 za do noso trato mais tambem para ficar cada hum de nos com o seu  7 e comprir cada hum de nos a saber Ignasio Leite Rib<sup>te</sup> ficar com  8 este titolo e papel de venda e eu Ignasio de Souza Correia  9 com esta obrigaesaon sua para em vertude da mesma aver de  10 le o preso que temos tratado como asima se declara e  11 queremos que asim valha como se fose escritura iudi  12 sial Pidimos a Luciano friz. da S<sup>a</sup> que este nos escrevese  13 e como testemunha se asinase aos 19 de 7br<sup>o</sup> de 1790 as.  14 como testemunha Costodio José Alves  15 como testemunha Luiz An<sup>to</sup> de Alm<sup>da</sup>  16 Ign<sup>co</sup> de Souza Correia  17 Ign<sup>co</sup> L<sup>te</sup> Rib<sup>te</sup>  18 Como testemunha que este fis arrego dos ditos  19 Luciano Friz. da S<sup>a</sup></p>
			<p>1 Recebi do Snr<sup>o</sup> Ign<sup>co</sup> Lejte Rib<sup>te</sup> o conteudo na obrigaesão delara  2 do he por ter recebido coantia de duzentos e sincoenta mil reis lhe pasej es  3 ta som<sup>te</sup> por mim feyta e assignada oje Freg<sup>a</sup> de S An<sup>to</sup> da goarda Velha  4 de Viamão 26 7br<sup>o</sup> de 1795  5 Ign<sup>co</sup> de Souza Correa</p>
			[2v]
<p><sup>1</sup> Provável correção posterior de 'dominados Fundos' para 'dominados o Fundos'.  <sup>2</sup> Provável correção posterior de 'Rio das antas cui' para 'Rio de Santa Cruz'.  <sup>3</sup> Provável correção posterior de 'primero' para 'primero'.</p>	[2006 out 08 dom 13 32 2006 out 08 dom 14 54 - 02]		
[Escritura de Venda da Fazenda do Souza] 1/2			[Escritura de Venda da Fazenda do Souza] 2/2

Fonte: Acervo documento senhora Eveny Maria Soares Dani.

## ANEXO F - Reportagem do Jornal "O Independente", de 21 de outubro de 1921.

**SOMBRAS E VULTOS**



Antonio Pereira Soares

Nesta galeria de saudade emerge hoje, hoje, o retrato do saudoso cidadão Antonio Pereira Soares, abastado fazendeiro que fechou os olhos ás alegrias e tristezas da vida terrena, em 24 do mez proximo passado.

Alma boa e coração caridoso, o pranteado finado, em Villa Secca, districto de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, onde residia possuia dilatadissimo circulo de relações.

Tio Nico, como todos o conheciam e tratavam era o prototypo da philanthropia e sua casa era um verdadeiro asylo aos desprotegidos.

A sua fazenda dava agasalho a todos e quantos não residiam sob sua guarda, fornecendo Tio Nico tudo só pelo prazer de ser caridoso.

Durante a hespanhola que ha annos assolou o nosso Estado foi a alma mater dos cuidados aos enfermos, já proporcionando os medicamentos e galeno, já coadjuvando para que não faltassem os mantimentos necessarios á melhora e restabelecimento do doente.

Contava o extinto 68 annos de idade sendo um dos mais antigos moradores de Cima da Serra, por cujo progresso sempre luctou.

Republicano dos velhos tempos foi chefe politico no districto de sua residencia, prestando relevantes serviços ao partido ao qual servia com o fervor de um abnegado.

Era casado com a exma. sra. d. Rosalina Pacheco Horn Soares, senhora de proverbial bondade, de um coração sensível e que soffre com amargura a ausencia do esposo idolatrado, companheiro amante e pae extremoso, cujos filhos educados sob uma escola de austeridade, honradez, são typos perfeitos da velha estirpe de que descendia o saudoso morto.

Deixa tres filhos todos maiores srs. Elmiro, Luiz Candido e Astrogildo Pacheco Soares e o joven Roberto Schmidt, filho de criação, a quem muito queria.

Os actos funebres de enterramento estiveram concorridissimos comparecendo não só os moradores da redondeza, como pessoas vindas de distancias e que desejavam prestar a derradeira homenagem ao saudoso cidadão.

Prestando a nossa homenagem posthuma mais uma vez enviamos á familia enlutada, os nossos sentimentos de pesar.

---

*O Independente,*  
Porto Alegre, sexta-feira, 21 de outubro de 1921,  
N. 2533, p. 1. Sombras e Vultos.  
[Director-Gerente: Octaviano M. Oliveira]

Fonte: Acervo de documentos da senhora Evany Maria Soares Dani.